

DIVULGADOS CANDIDATOS DA U.C.D.C. DO M.R.P.P. DA U.D.P. DA F.E.C. (M-L) E DO P.P.M.

Terminado ontem o prazo para entrega no Supremo Tribunal de Justiça das listas das candidaturas às eleições para a Assembleia Constituinte, mais partidos divulgaram já os nomes apresentados: C.D.S. e P.D.C. (congregados na única coligação eleitoral até agora constituída, a União do Centro e Democracia Cristã), o M.R.P.P., a U.D.P., a F.E.C. (m-l) e o P.P.M. Anteriormente, haviam divulgado listas o M.D.P./C.D.E., o P.S., o P.P.D., o M.E.S. e o P.C.P. Falta, portanto, conhecer apenas as listas da A.O.C., F.S.P., P.U.P. e L.C.I. Esta só ontem apresentou no S.T.J. o seu processo de legalização, com 5757 assinaturas.

GALVÃO DE MELO NA U.C.D.C.

O general Galvão de Melo (antigo membro da Junta de Salvação Nacional e figura controversa da cena política portuguesa no pós-25 de Abril) faz parte da lista da U.C.D.C. (União do Centro e Democracia Cristã, surgida do C.D.S. e do P.D.C.) pelo círculo de Viseu, região de onde é natural. Assinala-se, no entanto, que o general Galvão de Melo é apresentado como «independente», o que acontece, de resto, com o futebolista do Benfi-



O futebolista Simões é candidato pela U.C.D.C.

ca Simões, candidato pelo círculo de Setúbal (nota: Simões é natural do Barreiro).

Como era de esperar, a U.C.D.C. apresenta candidaturas em todos os círculos, com excepção dos do emigrante. As listas, divulgadas ontem à noite, incluem nomes conhecidos do C.D.S. e da Democracia Cristã e são assim encaixadas: Aveiro — Silvério Martins (C.D.S.), engenheiro civil, de 41 anos; Beja — Walde-mar Paradela de Abreu (ind.), editor, de 42 anos; Braga — Adelino Amaro da Costa (C.D.S.), engenheiro, de 39 anos; Bragança — Maria da Graça de Sousa Beca Gil Sanches da Gama (C.D.S.), professora, de 37 anos; Castelo Branco — Bartolomeu Monteiro (P.D.C.), engenheiro, de 49 anos; Coimbra — Luís Moreno (C.D.S.), advogado, de 37 anos; Évora — Marco Mugner Bragoso Fernandes (P.D.C.), engenheiro agrônomo, de 36 anos; Guarda — Francisco de Almeida Carvalho Bigote (ind.), advogado, de 64 anos; Leiria — Francisco Oliveira Dias (C.D.S.), médico, de 46 anos; Lisboa — Diogo Freitas do Amaral (C.D.S.), professor universitário, de 33 anos; Portalegre — João Manuel da Costa Figueira (P.D.C.), economista, de 59 anos; Porto — José Eduardo Fernandes de Sanches Osório (P.D.C.), major do Exército, de 34 anos; Setúbal

Continua na pág. 24



Algumas dezenas de pessoas, empunhando bandeiras negras e cartazes em que se manifestava solidariedade com os trabalhadores espanhóis, desfilaram (desorganizadamente, como é próprio de anarquistas...), ontem à tarde, entre o Rossio e a Praça de Espanha. Nota saliente: o humor das palavras de ordem. (ler na pág. 4)

Reforma agrária em toda a Etiópia

ADDIS-ABEBA, 4 — (F.P. e R.) — Os militares etíopes deram hoje mais um passo decisivo para a transformação social e económica deste país feudal, abolindo os latifúndios e decretando que dez hectares será a área máxima de terreno cultivável que poderá pertencer a um dono. Esta medida foi anunciada a todo o país através da Rádio pelo Conselho Militar Provisório, que governa a Etiópia, desde que foi derrubado o imperador Selassié.

Em Janeiro último, já tinham sido tomadas igualmente medidas im-

portantes com a nacionalização dos bancos, companhias de seguros e financeiras e, no mês passado, foram nacionalizadas 74 empresas dos sectores chave da indústria, incluindo muitas pertencentes a firmas estrangeiras.

O texto da proclamação do Conselho Militar etíope sobre a reforma agrária esclarece que todas as terras rurais do país se tornam «propriedade colectiva do povo etíope».

No preâmbulo desta proclamação, o Conselho Militar declara que: «As massas camponesas

etíopes devem ser libertadas da opressão feudal antiga, da injustiça, da pobreza e da infelicidade, a fim de que sejam estabelecidas as bases que permitam ao povo etíope viver na justiça, liberdade e fraternidade».

O texto esclarece que as decisões respeitantes à reforma agrária são imediatamente aplicáveis.

Depois desta proclamação «ninguém, nenhuma sociedade nem qualquer outra organização será possuidora de terras a título privado».

Os direitos dos chefes espirituais e consuetudinários sobre as terras etíopes, muito importantes na tradição feudal, são suprimidos. As relações entre rendeiros e proprietários não têm mais razão de ser, porque não haverá mais latifundiários.

A proclamação da reforma agrária é válida para toda a Etiópia, sem distinção das províncias.

Na opinião de todos os observadores, foi a tendência radical, no seio do Conselho Militar, que venceu nesta importantíssima fase da revolta etíope.

O POETA THIAGO DE MELLO EM LISBOA



**"MUITO MAIS
DIFÍCIL
QUE
A CHEGADA
DA MANHÃ
É A
CONSTRUÇÃO
DO DIA"**

(ENTREVISTA
NA PÁG. 17)

O Benfica vai aceitar jogadores brasileiros

Segundo nos informa o enviado especial do «DL» à Holanda para a cobertura do jogo PSV-Benfica que amanhã se disputa em Eindhoven, o Benfica vai aceitar jogadores profissionais brasileiros. O primeiro contacto já foi estabelecido e tudo indica que Eneias, da Portuguesa de S. Paulo (clube treinado por Otto Glória) será o primeiro jogador bra-

sileiro a envergar a camisola da águia.

Nota curiosa: na transferência deste jogador está envolvido o nome de António Simões, capitão do Benfica e agora candidato às eleições pela U. C. D. C. Pormenores na página 20, onde se conta tudo, inclusive a forma como Simões troca definitivamente Portugal pelo Brasil.

O PALAVREADO

Estamos no domínio do palavreado. No palavreado com boa intenção e no palavreado com má intenção. Todos dizem defender o programa do M. F. A., todos dizem defender a democracia, todos dizem defender o povo, todos dizem defender isto e aquilo. E no meio de todo este palavreado, continua a ser verdade que o pobre português pergunta e se pergunta como deve votar, em quem deve votar e para que vai votar.

Recordamos a propósito, a resposta de um amigo nosso a um trabalhador da zona de Beja, que não sabia em que partido votar «porque não tinha qualquer partido»:

«Então você é trabalhador rural e não sabe qual é o seu partido? Então, seu idiota, não sabe qual é o seu partido?»

Mas chamar idiota a um

pobre trabalhador que efetivamente não liga a sua miséria à política nada resolve. Não sabe e pronto. Claro está que o senhor doutor ou o senhor da terra sabe muito bem em que partido lhe convém votar e lhe convém que vote o tal trabalhador rural. Mesmo que isso lhe custe um carneiro com batatas e um almude de vinho.

Assim temos o cacique, o caciquismo e o eleicoeirismo e a pouca vergonha eleicoeira e o bacalhau a pataco cada vez mais caro e estes ainda são piores do que os outros e o não te deixes influenciar pelo palavreado dos que vêm das cidades e que querem tirar-te o que é teu e tal e coisas.

Pois é. O palavreado passa, mas as trágicas realidades ficam à espera de soluções reais e não de palavreado. Quem resolve?

MANUEL DE AZEVEDO

De ontem para hoje

Dois ministros na festa de Marrocos

Os ministros Vítor Alves, sem pasta, e Costa Martins, do Trabalho, foram dois dos convidados do «cocktail» comemorativo do Dia de Marrocos, oferecido ontem pelo embaixador dr. Taieb Bouazza e mulher, no Restelo. Viam-se também o dr. Azeredo Perdigão, conselheiro de Estado e os secretários de Estado da Justiça e da Emigração, além de diplomatas, gente de negócios e jornalistas.

Praticamente recém-chegado a Lisboa, o embaixador Bouazza quis que a reentrada de Marrocos neste círculo especial de relações fosse memorável, e foi-o de facto. Entretanto a presença do capitão Costa Martins e do eng. Pedro Coelho terá significado um interesse particular (departamental) que, para se entender melhor, poderia talvez ser complementado com a participação do secretário de Estado das Pescas, dr. Mário Ruivo, se este por acaso não tivesse partido ontem mesmo para Moscovo. Abrem-se boas perspectivas de contacto entre Lisboa e Rabat, inseridas naturalmente na abertura aos países árabes, que o ministro Melo Antunes integra numa eventual política de novas alianças com o Terceiro Mundo. Aliás, Marrocos seria um ponto de encontro privilegiado para isso, na medida em que dá trabalho a um número significativo de portugueses (algarvios na sua maioria).

«ANGOCHE» NOS JORNAIS

Familiares de tripulantes do «Angoche» fizeram chegar à

A.N.I. um comunicado em que «rejeitam energicamente a versão dos factos cuja fonte se atribuiu ao Alto-Comissariado de Moçambique» — 24 ho-

mens alegadamente devorados por tubarões. A referida versão — dizem — é «manifestamente infeliz» e teria como objectivo, entre outros, «pôr uma pedra sobre o assunto».

os participantes a fazer votos por que a iniciativa no seu entender muito agradável, tenha continuação.

COMÉRCIO LUSO-ROMENO

Esteve em Bucareste uma delegação da Siderurgia Nacional, ocupada em negociar um contrato de fornecimento de folha de flandres à Roménia. Valor: dois milhões de dólares. Novos contratos poderiam surgir, pois os preços apresentados pela S. N. revelaram-se francamente concorrenciais.

CONVÍVIO

Um almoço de convívio reuniu meia centena de trabalhadores do Colégio Militar, cujo 172.º aniversário ocorreu no passado sábado. Esteve presente o tenente-coronel Pedroso Gonçalves, que no final usou da palavra para saudar

ROUBAR CARROS

No decorrer da segunda quinzena de Fevereiro foram roubados 361 veículos na zona operacional do Comando Distrital de Lisboa da P.S.P. — informa uma nota proveniente da corporação. No mesmo período recuperaram-se 306, o que, por si só, indica um saldo apreciável para as «oficinas de reontagem».

A história pode compor-se com um acidente ocorrido em Ribeirões (Trás-os-Montes) que, por um destes casos em que a vida é fértil, originou a prisão de oito membros de uma quadrilha, quatro deles perto do local do desastre e os restantes «caçados» pela P.S.P. de Vila Real. O carro, claro, era roubado. Quanto aos componentes do grupo, um é desertor do Exército (e todos são naturais do Porto).

Relações

Mauritânia-Portugal

Do Ministério dos Negócios Estrangeiros recebemos o texto do comunicado conjunto divulgado simultaneamente em Nouakshott e Lisboa pelos Governos da Mauritânia e de Portugal:

«O Governo da República Portuguesa e o Governo da República Islâmica da Mauritânia, tendo em conta os progressos realizados sob administração portuguesa e desejosos de desenvolver as relações de amizade e de cooperação entre os seus países e povos, decidiram estabelecer relações diplomáticas a nível de embaixadores».

Na FIGUEIRA DA FOZ o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na CASA AFRICANA

EM 25 DE ABRIL

A G.N.R. DO CARMO DESOBEDECEU À ORDEM DE ATIRAR SOBRE A POPULAÇÃO

-afirmou-se ontem numa sessão do P.C.P.

Só o facto de aqui estarmos já mostra que muita coisa se transformou no nosso pai que muitas coisas se vão transformar. Finalmente, depois de muitos anos, podemos apare-

cer e dar ao País a imagem que queremos que o País tenha de nós — afirmou ontem à noite, Joaquim Gomes, do Comité Central do Partido Comunista Português durante uma sessão de esclarecimento promovida por aquele Partido para o pessoal da P.S.P. e da G.N.R. Tendes um papel na defesa da liberdade. Todos os homens são transformáveis e, por isso, aqui estamos. Confiamos em vocês

Firmino Miguel

Parte, dentro de dias, para Angola, em cumprimento de mais uma comissão militar, por imposição de serviço, o tenente-coronel Mário Firmino Miguel, que foi ministro da Defesa nos dois primeiros Governos Provisórios.

TRINDADE

F. N. A. T. APRESENTA de 8 a 22 de Março de 1975 AS ESPINGARDAS DA MÃE CARRAR de BERTOLT BRECHT Pela companhia da CASA DA COMÉDIA

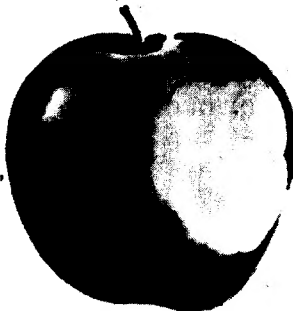
OS SÓCIOS DA F. N. A. T., C. A. T., C. R. P., SINDICATOS E JOVENS ATÉ AOS 22 ANOS, BENEFICIAM DO DESCONTO DE 50% EM TODOS OS ESPECTÁCULOS. (Não aconselhável a menores de 13 anos).

Não recuse a maçã...

Agora com CALOX pasta para fixação de dentaduras você pode rir, falar e acima de tudo comer o que lhe apetecer, (inclusive caramelos...)

CALOX

Distribuído em Portugal pela Sociedade Farmacêutica Leseque, Lda.



EDITAL COMISSÃO ADMINISTRATIVA DO CONCELHO DE OEIRAS

FAZ PÚBLICO, de que em sua reunião de 26 do corrente deliberou abrir concurso, entre alunos e diplomados pelas Escolas de Belas-Artes de Lisboa e do Porto, para elaboração de projectos para quiosques a instalar neste concelho.

Será atribuída a verba de 1.000\$00 aos melhores 20 trabalhos apresentados, para desenvolvimento da maquete.

Aos 10 trabalhos seleccionados será garantida a construção de, pelo menos uma vez, no prazo máximo de 2 anos.

Quando da execução dos trabalhos ou no final do prazo caso não seja feita a execução, será paga aos autores dos mesmos a quantia de 750\$00. Por cada vez que o trabalho (já construído pelo menos uma vez) for realizado, receberão os autores a quantia de 2.500\$00.

O concurso encontra-se aberto de 1 a 15 de Março, recebendo-se os trabalhos de 15 de Março a 30 de Abril deste ano.

As condições encontram-se patentes na Secretaria deste Município onde poderão ser consultadas dentro do horário normal.

E PARA CONSTAR SE PASSOU O PRESENTE E OUTROS DE IGUAL TEOR, QUE VÃO SER AFIKADOS NOS LUGARES PÚBLICOS DO COSTUME.

OEIRAS, 28 de Fevereiro de 1975.

O Vice-Presidente da Comissão Administrativa — (Assinatura ilegível).

Empresa das Águas Minero-Medicinais de Caldelas, S.A.R.L.

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Nos termos da Lei e dos Estatutos, é convocada a Assembleia Geral Ordinária desta Empresa para reunir na sede social, em Caldelas, no dia 22 de Março pelas 12.30 horas, a fim de:

Discutir, aprovar ou modificar o Relatório, Balanço e Contas da Administração e Parecer do Conselho Fiscal, relativos ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1974

Caldelas, 27 de Fevereiro de 1975

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Luís Nunes da Ponte

Empresa das Águas Minero-Medicinais de Caldelas, S.A.R.L.

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

Nos termos da Lei e dos Estatutos, é convocada a Assembleia Geral Extraordinária desta Empresa para reunir na sede social, em Caldelas, no dia 22 de Março de 1975, pelas 12 horas com a seguinte ordem de trabalhos:

Discutir e votar uma proposta do Conselho de Administração, para modificação do parágrafo único do Art.º 4.º dos Estatutos.

Caldelas, 27 de Fevereiro de 1975.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Luís Nunes da Ponte

SEBER PORTUGUESA FARMACÊUTICA

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada
Sede: Avenida Frei Miguel Contreiras, 54-2.ª Lisboa

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

São convocados os Srs. Accionistas para se reunirem em assembleia geral ordinária, na sede da sociedade, no dia 28 de Março, pelas 11 horas, a fim de:

Discutirem, aprovarem ou modificarem o balanço, contas e relatório do conselho de administração e o parecer do conselho fiscal relativos ao exercício de 1974.

Não havendo número suficiente de accionistas, a assembleia reunirá em segunda convocação as 12 horas, no mesmo dia e local, com os accionistas presentes, sendo a mesma a ordem dos trabalhos.

Lisboa, 26 de Fevereiro de 1975

O Vice-Presidente da Mesa da Assembleia Geral — Eng.º José José Rodrigues Tomé

Páscoa 75

ALGARVE	
23 a 30/3 — Vila Moura	
Só alojamento, desde	700\$00
FUNCHAL	
23 a 30/3 desde	2.860\$00
28 a 30/3 desde	2.490\$00
SERRA NEVADA	
23 a 29/3 c/ alojamento e peq. almoço	1.620\$00
CANÁRIAS	
7 dias (partidas a 21-23-25 e 28/3) desde	7.200\$00
RÚSSIA	
24 a 30/3	
Londres-Moscovo	10.990\$00
ROMA	
25 a 31/3 regime de meia pensão desde	6.350\$00
LONDRES	
18 a 24/3 e 24 a 30/3 quartos c/ banho desde	4.000\$00
U. S. A.	
8 dias	10.900\$00

Meliá

Rua Rosa Araújo 2
Tel. 536971 - LISBOA
Praça Gen. Humberto Delgado
269 c.c. Tel. 310034 - PORTO

post scriptum

«O mais sábio cede»

Há dias ouvi na Rádio que Paulo VI mandou um aviso aos quadros da Igreja Católica para que façam uma autocritica do seu comportamento e atitudes. Neste sentido permito-me algumas perguntas e reflexões sobre o conflito da Rádio Renascença, naturalmente com a intenção de uma procura de solução por meio de autocritica, que será só uma interrogação.

O conselho de gerência, muito relacionado, penso, com o Episcopado, diz que o problema ou conflito é uma questão ideológica. Será mesmo assim? O conselho está realmente só preocupado com a defesa da fé católica e dos valores evangélicos ou do «seu lugar» na Nação? Se for assim, temos um caso análogo ao do julgamento de Jesus. A hierarquia judaica estava preocupada com «o lugar» («Tôn topon»), mas a acusação era outra: tinha que adaptar-se à situação e por isso foi transferida para o campo político. Mas os sacerdotes sabiam, estavam conscientes de que a acusação era só um pretexto — a única maneira de conseguir a morte de Jesus. Não será possível que o conselho de gerência (Episcopado) também esteja a defender inconscientemente «o seu lugar», o seu posto, e não só a fé?

No tempo do fascismo o Episcopado não falou, segundo a opinião de muitos, com suficiente ideologia evangélica: não condenou a guerra, não defendeu o seu povo contra um governo abusivo. Porquê assim? A resposta não será — para conservar «o seu lugar» (Vulg.)?

Depois, com a mudança operada pelo 25 de Abril, os bispos falaram e fizeram uma condenação, a meu ver demasiado geral e simplista, do comunismo e do socialismo. Porquê? Para defender a fé? Pode crer-se. Mas a pergunta tem razão de ser: não foi também para conservar «o seu lugar»?

Logo a seguir ao 25 de Abril ouviram-se vozes que queriam que os bispos prestassem contas: havia uma proposta de diálogo com o povo. Porque não o fizeram? Era talvez para conservarem «o seu lugar»? Penso que esta falta de contacto e de um diálogo aberto, qualquer que fosse o resultado, ficou como uma úlcera que, num conflito como o da R. R., supura agora o seu pus sob a forma de manifestação de antipatia e simpatia com os trabalhadores da estação.

Também neste conflito a Igreja defende a fé ou defende «o seu lugar», a sua instituição, a sua influência, o seu poder no Estado, o número dos seus adeptos? Neste caso será, claro, inconscientemente, mas não podia ser de outra forma? Se não houvesse casos destes, teria Paulo VI que lançar o seu aviso à Igreja hierárquica?

E os trabalhadores? Eles defendem o seu lugar? Claro que defendem. Também é claro que, como «progressistas», estarão pouco interessados em defender instituições mais ou menos atrofiadas, que sofrem de esclerose, de falta de contacto com os verdadeiros valores, valores que eles encontram, sim, nos Evangelhos com a sua condenação dos ricos ou ameaça ao menos contra os ricos), na sua defesa dos pobres. Esta «ideologia» está errada? Acho que não.

Então que fazer? Os alemães dizem: «der Klugste gibt nach» («o mais sábio cede»). A hierarquia tem tudo a ganhar com tal atitude, com tal gesto. Diz-se que os portugueses são «teimosos como burros». Ao menos que não sejam também «estúpidos como burros»!

Como solução proponho uma sessão de psicanálise para todos: Conselho de gerência e conselho de trabalhadores (ou de ninguém...). Segundo ficou dito atrás, suponho que as queixas do conselho de gerência não são (inconscientemente) tão desinteressadas como parecem; por outro lado há motivos para crer nas rectas intenções dos trabalhadores. Se for assim, e mesmo que a razão esteja cem por cento do lado do conselho de gerência, seria muito inteligente acabar já com este conflito através de um compromisso. Os bispos são o rosto da Igreja, que somos todos nós. A presente situação não embeleza esse rosto. Não será o meu desejo o desejo do povo?

Jan Habets — Lisboa

A taxa da emissora...

Para lá das razões objectivas, que ignoro por completo, determinantes do aumento da taxa da Emissora Nacional em 50 por cento, considero esse aumento inoportuno.

A taxa fora criada pelo anterior regime, parece-me que, inicialmente, com carácter provisório, e sempre foi aceite com má vontade por toda a gente. Bastava agora proceder a uma sondagem junto do público para confirmar essa má aceitação. E não se diga que um aparelho de rádio é um objecto de luxo: é desnecessário encarecer o papel importante que a Rádio desempenha como meio de comunicação — haja em vista o presente momento político.

O aumento da taxa vai possivelmente fazer aumentar o número de utentes em situação ilegal, em dívida para com o Estado, em manifesta oposição a uma lei de que discordam.

Num país que se pretende encaminhar para o socialismo, certos serviços deveriam ser gratuitos. Não se poderiam obter os rendimentos provenientes da cobrança da taxa noutras fontes?

António Lopes da Silva Calado — Lisboa

Computador de cabeça perdida

Desde Setembro de 1973 que os meus recibos de renda de casa, telefone, electricidade e água passaram a ser cobrados no B. N. U. de Algés, com a devida autorização das respectivas empresas. Nunca houve o

Continua na pág. 11

SOBRE PERUS

No dia 30 de Novembro de 1921, Teófilo Braga, que morreria dois anos mais tarde, deu uma entrevista a este mesmo «Diário de Lisboa» que pouco antes iniciara a sua publicação. Notável documento que não creio ter sido ainda aproveitado pela informação comentada que contém. Aproveitamo-lo agora, para (uma história que vive ligada a repetições estruturais, mudem embora, como naturalmente mudam, as conjunturas.

Anunciava então Teófilo umas Memórias, certamente explosivas, escritas por quem não tinha papas na língua, nem nada a perder ou a ganhar, e que, sobretudo, nunca desejara fazer favores políticos. E que, ainda mais, tinha idade bastante para se rir de quem os recebia, por carreira consagrada. Tais Memórias, dizia o antigo presidente da República e presidente do Primeiro Governo Provisório, após o 5 de Outubro, no período preparatório das eleições para a Assembleia Constituinte, haviam de lançar luz sobre muita coisa, querelas e ambições, jogos e manobras das correntes partidárias, todas elas fiéis ao espírito da Revolução. Tinha ele então notas e certamente páginas escritas, dada a facilidade com que produzia, que «havam de ficar em mão segura». Não fosse o diabo tecê-las, despertado pela amostra que era dada na entrevista...

Tão segura foi a mão depositária, que tais Memórias póstumas nunca chegaram aos pre-

los, e não me consta que se saiba por onde andem ou onde tenham ficado. Teófilo Braga morreu de repente, vitimado por uma congestão, e a mulher-a-dias encontrou-lhe o cadáver, de manhã, ao vir tratar do arranjo da casa do velho solitário.

Perdeu-se muito provavelmente um documento importante para a história da República e da sua ética política — ciência apaixonante e extremamente perigosa... A morte de Teófilo, viviam ainda António José de Almeida, Afonso Costa, Bernardino Machado, Brito Camacho, e tantos outros actores da primeira hora presentes ou afastados do Poder — que três anos mais tarde havia de cair nas mãos de outras forças armadas que enterriam a República e viriam a cobrir meio século de vida nacional, a pretexto de Ordem, Pátria e Finanças...

O momento era já de pânico e desentendimento, com uma reacção activa e espreitando a ocasião dos seus interesses. Desentendimento, porém, não era nada que espantasse Teófilo, que igual coisa vira ao longo da sua vida, antes e depois do 5 de Outubro. No caso de que falava, logo a seguir à Revolução. O que diz quadra bem com o que então acontecera e David Ferreira e Oliveira Marques bem documentaram em obras de história sobre a época. Para além da sua veia satírica e algo desabusada, Teófilo era um fino observador e a expressão que dava ao observado não prejudicava a rea-

lidade das coisas — antes a acrescentava. Se bem que é (claro) uma memória incansável e um tanto vingativa, o impelisse a certas embriagações «positivistas»... Mas positivistas eram todos os homens da República, por dever de ofício ideológico, e, não se tratando de Antero nem de Oliveira Martins, há muito mortos ou suicidados, tudo ficava em família, no ajuste de contas, e a verdade dos factos se autocorrigia assim...

Teófilo Braga falava da sua experiência como primeiro responsável por um Governo republicano no seu país, em fase de euforia, entre polémicas iradas e greves inoportunas agitações e ameaças, grupos de jovens revolucionários civis que não tinham estado presentes na Rotunda, gentes que queriam empregos, e a talassaria que espreitava, à solta ou fugida em Espanha...

No meio disso, Teófilo procurava cumprir o seu papel — de «guardador de perus»...

«Hei-de demonstrar (declarava ele na entrevista) que, como chefe do Governo Provisório, fui uma espécie de guardador de perus que se limitou, sempre de caninha na mão, a levar os bichos juntos até às Constituintes».

A frase é viva e pitoresca; a situação não o seria menos. Para além da sua comicidade, porém, algo de dramático espreitava nela, que anunciava futuros dislates e três ditaduras, em 1915, 1917 e 1926, bre-

Por JOSÉ AUGUSTO FRANÇA

ves as duas primeiras, muito comprida a terceira. Peripécias evitáveis certamente, se os perus não fossem assomados — e que mais cedo teriam acontecido, também, se não houvesse quem, de caninha na mão, lá os fosse levando...

Bichos sem juízo, bican-do-se pelo caminho, os homens generosos da I República tinham tanto coração como cabeça — mas usavam-na mais uns contra os outros que para o entendimento necessário na crise que o País atravessava. «Momento genisíaco» dizia em 1911 Teixeira de Pascoaes, n'«A Águia» — e era-o, se o pudesse ser. O idealismo oposto, dos «positivistas», também o queriam supor, e o Teófilo, já velho, acreditava então na providência contista. Dez anos passados, via-se, de profeta, reduzido à mais humilde missão de «guardador de perus». Trinta e tantos anos de profecia, num País sem estruturas, romântico nos «meetings» estrondosos de António José, analfabeto perante as leis de Afonso Costa, sem ser capaz de entender a voz severa de Basílio Teles...

Passaram sessenta e cinco anos sobre a pitoresca acção de Teófilo Braga, tempo de três gerações que perderam a exaltação de quinze anos na paz podre e estúpida, provinciana e mesquinha, de mais cinquenta. E que, ao fim deles, está sendo necessário levar até às novas Constituintes. Alguém um dia dirá como...

A CULPA É DE MARX ?

Será o estalinismo um produto natural do socialismo de Marx e de Lenine? Soljenitsyne afirma que sim. Sem pôr em causa a discricção do «Arquipélago do Gulag», Jean Elleinstein, historiador comunista e director-adjunto do Centro de Estudos e de Investigações Marxistas de Paris e autor de uma «História da U.R.S.S.» cujo quarto volume foi recentemente dado à estampa pelas «Edições Sociais», contesta esta tese.

A partir de factos exactos e numerosos, Alexandre Soljenitsyne tenta dar uma análise histórica do mundo penitenciário na U.R.S.S. durante os anos de repressão estalinista. A discricção que faz da vida nas prisões e nos campos do «Gulag», não é, efectivamente, falsa, e vem juntar-se aos numerosos relatos publicados na U.R.S.S. e no mundo ocidental sobre este trágico período da história soviética. Não são nem as qualidades formais da obra nem os seus defeitos que penso discutir aqui, e também não é a sua contribuição puramente factual (que é real, embora menor do que aquilo que frequentemente se diz), mas da problemática do autor. É ela que a meu ver, suscita um certo número de comentários.

Segundo Soljenitsyne, a repressão exercida pelo poder soviético constitui um todo, desde Novembro de 1917 até aos nossos dias. Logo após a revolução, os bolchevistas teriam estabelecido um poder sangrento, de que o terror estalinista seria o herdeiro directo. Esta tese leva o autor do «Gulag» a negligenciar totalmente o terror branco, a contra-revolução interna e a intervenção estrangeira.

Não se refere, nem ao de leve, por exemplo ao massacre de centenas de guardas vermelhos, efectuados pelos russos brancos em Novembro de 1917 no interior do Kremlin de Moscovo. Cala-se sobre a sorte de dezenas de milhar de militantes bolchevistas executados selvaticamente, a exemplo dos

dirigentes bolchevistas do Cáucaso (os vinte e seis comissários de Bakou). Não fala nas centenas de aldeias destruídas



Não são os factos evocados por Soljenitsyne que estão em causa, mas a explicação que ele fornece e as conclusões que deles tira.

pelos contra-revolucionários nem dos seus habitantes que foram torturados e mortos aos milhares.

Não menciona as atrocidades perpetradas pelos exércitos de Denikine, de Petliúria, de Wrangrel e de Koltchak, que causaram a morte de mais de cem mil judeus, segundo um relatório da Cruz Vermelha Internacional de 1921. Ignora a política dos grandes Estados capitalistas que impuseram o bloqueio económico da jovem República soviética e tentaram difamá-la para obrigar a capitular. Também não menciona a grande fome do Inverno de

1921-1922 que causou a morte de mais de sete milhões de pessoas e cuja responsabilidade, apesar da seca excepcional que a precedera, cabe em certa medida aos exércitos brancos e à política de bloco e de «cordão sanitário» dos Estados capitalistas. Se se puser de parte a acção dos Estados Unidos e do Vaticano, bem como algumas iniciativas generosas de entidades privadas, esses países deixaram esta horrível tragédia desenrolar-se sem levantar um braço e recusaram-se a prestar qualquer auxílio económico e técnico aos soviéticos apesar das facilidades que estes se prontificavam a conceder.

DO «TERROR VERMELHO»

Na perspectiva da revolução soviética, o «terror vermelho» foi uma necessidade e o exemplo da Comuna de Paris de 1871 comprova-o «a contrário». Foi dirigida contra os inimigos da revolução. Pode ter havido, no decorrer do processo algumas faltas, exageros na repressão, execuções injustificadas, prisões injustas, mas a linha geral da política seguida pelo poder soviético, nesse momento preciso da história e nesse país, era justificada pelas exigências da hora e pelos interesses da revolução. Se os bolchevistas não tivessem agido como agiram, hoje contentar-nos-íamos em celebrar anualmente a sua memória, como fazemos com a Comuna parisiense de 1871.

As citações de Lenine, feitas por Soljenitsyne, são totalmente desligadas do seu contexto histórico, quer dizer de uma encarnizada guerra civil, im-

Por JEAN ELLEINSTEIN

piedosa, onde havia falta de tudo e onde tantos inimigos se empenhavam em esmagar a revolução mais profunda da história, visto que não atacava só a forma política da dominação do homem pelo homem, mas os seus aspectos económicos e sociais. Soljenitsyne tem naturalmente o direito de ser hostil à revolução e ao socialismo, bem como de preferir a «santa e velha Rússia», mas o que não pode é apresentar as suas considerações como o cúmulo da novidade. Centenas de obras publicadas desde 1917 dizem mais ou menos a mesma coisa sob uma forma — é verdade — menos perfeita.

Eu não contesto que, uma vez terminada a guerra civil, as instituições e as estruturas organizadas durante a guerra civil não tenham subsistido. Foi por exemplo, e em primeiro lugar, o caso da Tcheka (a polícia-política). Os bolchevistas tiveram o cuidado de limitar os seus poderes desde 1921. Lenine criticou Latsis, homem tão citado por Soljenitsyne. O VIII Congresso dos Sovietes tomou a decisão de «reduzir a esfera de actividade» da Tcheka (transformada em Guépéou em 1922). Na realidade, esta decisão não foi aplicada devido ao contexto histórico (a fragilidade interior do regime soviético e a hostilidade do mundo capitalista) e as insuficiências dramáticas da democracia política ao nível do partido e do Estado. A Guépéou jogou desde então um papel essencial no estabelecimento da ditadura estalinista. É neste sentido, e unicamente neste sentido, que se pode estabelecer um laço entre o

Continua na pág. 22

Nacional

"Comité dos 24"

recebido por Vasco Gonçalves

Os membros da Comissão de Descolonização da O.N.U.

«Comité dos 24» — que acabam de visitar o arquipélago de Cabo Verde, onde observaram o processo de descolonização em curso, foram, ontem, recebidos pelo presidente Costa Gomes e pelo Primei-

ro-Ministro Vasco Gonçalves.

A delegação da O.N.U., que é chefiada pelo dr. Haissam Kelani, embaixador da Síria naquela organização, vai preparar um relatório sobre a situação de Cabo Verde para apresentar ao secretário-geral da O.N.U., e ao próprio «Comité dos 24».



Membros da delegação do Comité de Descolonização da O.N.U. foram ontem recebidos pelo Primeiro-Ministro Vasco Gonçalves. Presentes também ao encontro os ministros Melo Antunes e Vítor Alves, além do dr. Jorge Campinos, secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

Sessões de esclarecimento no Rio de Janeiro pelo embaixador de Portugal

No decurso da sua recente visita oficial ao Estado de Guanabara, onde residem mais de 450.000 portugueses, o embaixador de Portugal no Brasil, dr. Vasco Futscher Pereira, presidiu durante três dias a sessões de esclarecimento para os dirigentes das casas regionais e

associações portuguesas do Rio de Janeiro. Em cada sessão, após uma introdução do dr. Futscher Pereira sobre as funções e actuação do M.F.A., descolonização, actividade dos partidos políticos projectos de desenvolvimento económico, estabeleceram-se diálogos muito francos e extensivos a toda a assistência.

O embaixador de Portugal ofereceu também uma recepção no palácio de S. Clemente (a antiga embaixada de Portugal no Brasil), a cerca de 2000 imigrantes. A uma vibrante alocução do embaixador, a assistência respondeu com um vibrante «Viva a Revolução».

O embaixador Futscher Pereira ofereceu, ainda, um almoço a dirigentes de empresas, recebeu os representantes dos órgãos de Informação e ofereceu uma recepção a intelectuais e artistas cariocas. Sublinhe-se que nesta recepção foram homenageados grandes figuras da inteligência brasileira que, ao longo dos 48 anos do regime fascista nem sequer eram autorizadas a entrar em Portugal.

Hipotético "golpe da C.I.A." deixa o M.F.A. imperturbável

A hipótese lançada pela revista alemã «Extra» segundo a qual a C.I.A. planearia um golpe em Portugal antes de Março não provocou qualquer reacção especial entre o M.F.A.

O brigadeiro Saraiva de Carvalho, que, segundo o «plano» indicado pela revista «Extra» deveria ser raptado (não se sabe bem por quem), recebeu-nos ontem à noite com a mesma calma, optimismo e boa disposição que lhe são habituais. Este tipo de notícias divulgadas ou não para o grande público, fazem parte do seu quotidiano. Acrescente-se que, desde o dia 25 de Abril, tem vindo a receber diariamente darts anónimas com ameaças diversas. Algumas até marcam prazos...

A carta mais ameaçadora e ofensiva de todas as que o brigadeiro Otelo Saraiva de Carvalho recebeu até hoje, vinha assinada com o pseudónimo de «Zé do Povo», e chegava ao ponto de indicar o prazo e o local da emboscada. Para este tipo de ameaças e outras o comentário do comandante do 25 de Abril é geralmente o mesmo: **Sempre tive um total desprezo pelo medo.**

Mas, embora os militares do M.F.A. encarem estes incidentes com indiferença, e até mesmo com certa dose de humor, isso não significa que não concentrem toda a sua atenção

nas tentativas contra-revolucionárias que surgem de todos os quadrantes.

NÃO SERIA UM ATENTADO INTELIGENTE

É difícil neste momento descrever com rigor os planos da C.I.A. em relação a Portugal, mas seria ingenuidade negar a existência de forças conjugadas de vários sectores nacionais e estrangeiros ocupados na tentativa de derrube do regime português. Há suficientes notícias que provam, de uma forma evidente, acções desse género. Casos de sabotagem económica têm sido detectados em circunstâncias que não deixam margem para dúvidas.

Por outro lado, e apesar de todos os desmentidos que possam ser feitos, se nos socorrermos de um sem-número de factos já conhecidos, encontraremos, no plano descrito pela revista «Extra», um enquadramento lógico.

Os sectores militares têm conhecimento da possibilidade de uma tentativa de terrorismo selectivo por parte de elementos ultras visando as figuras principais do M. F. A. Numa eventualidade destas, claro que o desaparecimento de uma figura como o brigadeiro Saraiva de Carvalho, seria susceptível, numa primeira fase, de desequilibrar o sistema,

mas uma tal tentativa representaria um acto revelador de completa miopia, mesmo em termos contra-revolucionários. Não se pode esquecer, que, para além de quaisquer divergências que possam em qualquer momento existir, o espírito de camaradagem que une os homens do 25 de Abril não deixaria impunes actos desse tipo.

Faz parte do plano uma campanha de boatos, dirigida, que visa desacreditar certas figuras do M.F.A., criar um clima psicológico de intranquilidade, falar de traições a toda a hora, e, de um modo geral, encetar acções que visem criar instabilidade. Tudo isso está previsto.

DESMENTIDO DE EMBAIXADORES

Entretanto, o embaixador americano em Lisboa, Frank C. Carlucci, que alguma Imprensa internacional não cessa de apontar como elemento preponderante da C.I.A., especialista em golpes de Estado, apressou-se a desmentir as acusações da revista alemã, declarando a um nosso colega da manhã que se trata de **uma invenção. Qualquer pessoa com um mínimo de inteligência, — acrescentou — conhecerá que as acusações fo-**

ram fabricadas e introduzidas na revista em questão pelos comunistas da Alemanha de Leste.

Afirma que nunca trabalhou para a C.I.A. e que as mentiras contidas nesses artigos são de tal modo evidentes que quem nelas acreditar é certamente muito ingénuo.

O embaixador alemão, professor Fritz Caspari, citado pela «Extra» como um dos «preparadores» do golpe, desmentiu também que estivesse a colaborar com o vice-director da C.I.A., general Walters, pessoa que, afirmou, nem sequer conhece.

Por seu turno, Jaime Gama, do secretariado nacional do Partido Socialista, declarou que as notícias são completamente falsas e que se trata de uma campanha para retirar da cena política uma grande força e uma grande combatividade, tudo isto no contexto de uma campanha anti-socialista. Recorde-se no entanto, que elementos responsáveis daquele partido têm repetidamente declarado aos órgãos de Informação estrangeira, haver a possibilidade de guerra civil em Portugal. Urge agora investigar quem faria tal guerra civil, com que meios, quem contra quem, quem evitou, como se evitou!... Ou então, averiguar de uma vez para sempre, se era simplesmente boato.

ANARQUISTAS NA RUA CONTESTAM TUDO

Primando pela desorganização, aliás, dentro das «regas» elementares do anarquismo que se preza como tal, arrancou do Rossio, ontem pelas 18.30, uma manifestação que levava umas dezenas de pessoas empunhando bandeiras negras e cartazes de solidariedade com os trabalhadores espanhóis na luta contra o fascismo agonizante de Franco.

Depois de umas voltas desordenadas à Praça do Rossio onde os transeuntes olhavam espantados aquela estranha movimentação que fugia (um pouco) ao que é habitual, os manifestantes subiram a Avenida da Liberdade inventando palavras de ordem, algumas delas até com um certo humor. No entanto, antes de abandonarem o Rossio ainda fizeram

um apelo aos basbaques convidando: «Os mirões connosco». Evidentemente que só foram aqueles que lá estavam para o efeito. De resto havia rostos conhecidos das mais variadas organizações políticas que acompanhavam a «manif» de fora na expectativa de ver o que aquilo iria dar. Gritavam-se palavras de ordem como «Mao Gagá, a anarquia vencerá» «José Estaline com batatas fritas», «Abaixo a dialéctica», e «Espanha-Portugal, revolução social». Aliás, esta última palavra de ordem se era acatada por alguns na sua forma original logo outros a deturpavam dizendo «Espanha-Portugal, Revolução sexual».

Em frente do consulado espanhol, na Rua do Salitre, os bem dispostos manifestantes

depararam com o Copcon. Ai fizeram uma breve paragem e as provocações (inhas) da praça. Nada porém aconteceu. Os soldados não perceberam.

Entretanto, no trajecto para o Marquês de Pombal, os manifestantes tentaram apedrejar a sucursal da Ibéria. O intento frustrou-se e a pedra foi cair na mostra da agência Alitalia.

Na Fontes Pereira de Melo, «os violentos» anarquistas atiraram novamente pedras, mas desta vez aos vidros do edifício do Banco Fonsecas e Burnay. A sociedade capitalista foi assim simbolicamente contestada. A manifestação seguiu para a Praça de Espanha varrendo-se de vez em quando as palavras de ordem. Por exemplo: surgiram insultos à mãe de Franco. Junto da igreja de S. Sebastião, os «anarcas» naquela boa tradição anticlericalista praticada pelos seus históricos correligionários, entoaram uma «Ave Maria». O mais curioso (e divertido) disto tudo, eram as caras espantadas das pessoas debruçadas nas janelas vendo passar a manifestação.

Na Praça de Espanha os manifestantes tinham inevitavelmente encontro marcado com o Copcon, que quivira esta: **Nem mais um só chaimite para o Copcon.** Se ficaram chateados por os anarquistas lhes retirarem o direito a ter chaimites não o demonstraram, pois mantiveram-se impassíveis. Os solidários com o povo espanhol como não foram recebidos de braços abertos nem a tiros retiraram-se porque aquilo estava a tornar-se monótono. E partiram sem destino. Houve alguns que sugeriram a entrada (de toda a gente) na Gulbenkian. Aproveitava-se para deitar uma olhadela à exposição ali patente ao público. A maioria não aceitou a ideia. No entanto, gritou-se: «Abaixo a cultura, o povo é que sabe». Os manifestan-

tes avançaram para a Avenida de Berna e aí viram-se a braços com alguns problemas de trânsito, pois achavam que a prioridade de passagem era deles. Por isso um condutor de uma camioneta que não respeitou a vontade dos «anarcas» sujeitou-se a ver o veículo danificado com umas pedradas.

O passeio pelas ruas de Lisboa (não lhe chamemos manifestação porque o termo é demasiado sério e convencional) terminou no «drugstore» «Apolo-70», com mais uns cidros estilhaçados e correrias à mistura.

No entanto, depois da Praça de Espanha algumas das pessoas que vinham integradas na «manif» afastaram-se reduzindo-se apenas à condição de espectadores porque verificaram que já havia uma certa gente ambígua metida no meio do grupo e que as palavras de ordem enveredavam insistentemente por um caminho que nada tem a ver com a contestação anarca, mas sim com o reaccionarismo disfarçado. Ai atenção: os anarcas, situacionistas, os que rejeitam qualquer rótulo (mas são os mais radicais de todos) não alinham.

No comunicado distribuído à população destacamos o seguinte texto: **Esta manifestação tem um carácter internacionalista. Não se identifica com a luta de nenhum partido de esquerda e extrema esquerda, cujo objectivo é a defesa da Pátria e a reforma do capitalismo nacional através da substituição dos actuais partidos pelo Estado procurando construir formas mais subltis de exploração do Homem pelo Homem. O capitalismo de estado tal como acontece em países como a Rússia, China, Albânia, Cuba, Vietname do Norte e outros.**

Teatro
Maria
Matos

A RTP APRESENTA
Todas as noites às 21.45
e aos domingos também
às 16 horas

A peça de
Manuel da Fonseca
«SEARA DE VENTO»
Descanso da Companhia
às Segundas-Feiras
Não aconselhável
a menores de 13 anos
Bilheteira — Tel. 71 70 17
Bilhetes à venda também
na A. B. E. P. — 32 88 23

Sindicato dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa

«SECTOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL»

- Ar condicionado
- Gabinetes de Estudo e Planeamento
- Cooperativas de habitação
- Construção Civil
- Construção Civil e Obras Públicas

Convocam-se todos os trabalhadores para uma Assembleia do Sector a realizar no dia 5 de Março de 1975 pelas 21 horas no Teatro Capitólio, Parque Mayer com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 — Anteprojecto do C. C. T.
- 2 — Contrato Colectivo de Trabalho Vertical

O GRUPO DE TRABALHO

SINDICATO NACIONAL DOS FOGUEIROS DE MAR E TERRA DO PORTO E DISTRITO DE LISBOA

CONVOCAÇÃO URGENTE

CONVOCAM-SE TODOS OS SÓCIOS E CONTRIBUINTES DESTES SINDICATO PARA UMA REUNIÃO URGENTE A LEVAR A EFEITO NO PRÓXIMO DIA 5 DO CORRENTE, PELAS 19.00 HORAS, NA SEDE DO SINDICATO NACIONAL DOS MARIÑEIRO MERCANTES — CALÇADA SALVADOR CORREIA DE SÁ, 42 - 1.º, LISBOA.

PONTO ÚNICO — C. C. T. ÓLEOS VEGETAIS

A TUA PRESENÇA É IMPORTANTE, COMPARECE

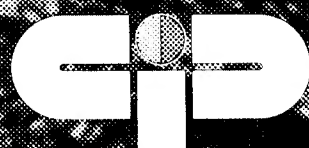
LISBOA, 4 DE MARÇO DE 1975

Pelo Presidente da Mesa da Assembleia Geral

a) Lino da Conceição Balegas

Sim ao Plano

Mas com acesso às fontes de financiamento



confederação da indústria portuguesa

a vontade de 47.000 empresas industriais

Espectáculos

CINEBOLSO
O NOVO CINEMA
DE LISBOA

CINEBOLSO
ABRE AO PÚBLICO
NO DIA 8 (SÁBADO)

CINEBOLSO
É CENTRAL:
FICA A DOIS PASSOS
DO SALDANHA



ESTREIA
a obra-prima de
Alain Tanner

o autor de "Charles mori ou vil"



A SALDANINHA
"filme cheio de humor e duma
grande riqueza de expressão..."
(Martine Lenoir)

QUE SE EXIBE DIARIAMENTE
AS 14,30 16,45 19 e 21,30 h.

*
Todos os dias às
12,30 h.
UMA COMÉDIA
DIFERENTE
À HORA DE ALMOÇO!
(aos sábados às 10,30 e 12,30)
*

Aos domingos, às
10,30 e 12,15
UM FILME PARA
CRIANÇAS

CINEBOLSO
RUA ACTO TABORDA

GENESIS

"O MELHOR GRUPO DO MUNDO" PREPARA-SE PARA "ENLOUQUECER" CASCAIS

Pelos fins da década de sessenta, a música progressista parecia tudo menos morta. Os ex-«hippies» de série tinham já pendurado os «Kaftans» e usado os colares para estrangular o gato. A «love generation» afundava-se musicalmente falando, numa terra de ninguém. O que se segue? — pergunta-se, — mas ninguém parecia saber. Já estávamos todos fartos das duvidosas pregações dos gurus amadores, e o solo de bateria de vinte minutos já tinha posto a sua última vítima a dormir. O que iria ser a nova música? Com que é que o «Hommo Sapiens» enganaria as suas horas de lazer?

A resposta, por estranho que pareça, forjava-se lentamente nos veneráveis salões de Charterhouse, uma das mais famosas escolas públicas inglesas.

Três compositores — Peter Gabriel, Michael Rutherford e Tony Banks — tentavam despertar o interesse para as suas obras. Não o conseguiam. Mas sem se deixarem abater, pensaram assim: — se mais ninguém ia gravar o seu material, a única solução era serem eles próprios a tocá-lo. E assim nasceram os «Genesis».

Por acaso o nome foi escolhido pelo génio (é ele que se classifica assim) Jonathan King, que descobriu o grupo com o seu usual faro para estas coisas. Foi ele o responsável pelo lançamento do primeiro álbum dos «Genesis», «From Genesis to Revelation». Apesar da sua natureza ainda embrionária, a imaginação sonhadora e o humor que tornaram os «Genesis» famosos tornam-se imediatamente nesta antiga gravação.

Mas as «limousines» e as casas no campo não estavam ainda à vista. A fama e a fortuna iludiram os nossos amigos da maneira mais frustrante, até que assinaram um contrato com a Charisma Records em 1970. O primeiro filho deste «casamento» foi o álbum «Trespass», que incluía «The Knife» — uma canção que viria a ser parte importante e popular do repertório do grupo muitos anos depois.

Mas a grande personalidade que foi a base do seu triunfo causou a princípio muitas dificuldades. Os «Genesis» recusaram-se a entrar no mercado dos «singles». Faziam questão em esclarecer que eles próprios eram os únicos preparados e com o direito de decidir sobre o seu próprio destino. E ainda por cima, os espetáculos «ao vivo» eram sempre um problema. Enquanto a sua situação não lhes permitisse que fossem cabeças-de-cartaz numa digressão, para que espécie de grupo é que eles poderiam tocar como primeira parte de um espectáculo? O seu espectáculo não era meramente musical — as estranhas histórias das letras das suas canções eram apoiadas por um elemento teatral, com o crescente uso de máscaras e mímica por parte de Peter Gabriel.

Depois de «Trespass», Anthony Phillips e John Mayhew deixaram o grupo. Foram substituídos por Phil Collins — um dos melhores bateristas de «rock» da Grã-Bretanha, e pelo guitarrista Steve Hackett. Estas adições marcaram um ponto de viragem na carreira dos «Genesis». Phil veio trazer a complexidade rítmica que complementa as loucas convulsões das letras de Gabriel. O trabalho de Steve põe menos ênfase no solo de guitarra a quem dantes cabiam todas as honras em benefício dos sons que as modernas aparelhagens conseguem produzir.

Quem é que antes tinha alguma vez ouvido falar de um guitarrista que tocasse sentado? Mas ele sentou-se, tendo na frente um impressionante grupo de pedais, produzindo sons que mais pareciam saídos de um sintetizador do que de uma tradicional guitarra-solo.

Pelo ano de 1971 o elemento teatral do grupo foi desenvolvido, até que numa entrevista Pe-

ter Gabriel foi levado a dizer: «Estamos mais perto dos desenhos animados do que os grupos de «rock» convencionais. No que se relaciona com os outros grupos estamos numa poçazinha só nossa».

«Nursery Cryme» foi o primeiro produto do novo agrupamento. Pela primeira vez, os «Genesis» conseguiram traduzir a atmosfera dos seus espetáculos ao vivo em vinil. Nesse álbum encontram-se «The return of the Giant Hogweed» e «Musical box», temas que se tornaram favoritos nas apresentações em público.

Mas o que definitivamente impôs os «Genesis» foi o álbum «Foxtrot». É nele que vem incluída «Supper's ready», na qual o grupo pode demonstrar a sua virtuosidade. Retrato de uma estrela do «rock», a peça foi desde logo aclamada pelo público tanto sob o aspecto visual como pelo musical. Com vozes suaves, efeitos de «strob-lights», orquestração do «mellotron» e espectáculo visual animado, a peça vai sendo construída num crescendo de arrepiar, para desembocar num surpreendente final.



Os americanos ficaram surpreendidos pelo peculiar surrealismo inglês das canções. O álbum seguinte «Selling England by the pound», pôs menos ênfase nas canções e mais na musicalidade do grupo. A nova encenação dos espetáculos «ao vivo» foi um passo em frente em matéria de projecção visual. Foram usados novos efeitos de luzes, e foram experimentados «slides» e projecções para ilustrar melhor as canções. Peter tornou-se o homem dos mil disfarces, saindo constantemente do palco para mudar de traje ou para colocar uma nova máscara.

O que nos proporciona 1975 é o novo «super» espectáculo, construído à volta do projecto mais ambicioso dos «Genesis» até à data, o duplo álbum «The Lamb Lies Down on Broadway».

Com a ajuda de material

técnico aperfeiçoado, tal como a projecção de imagens tridimensionais, o «show» é teatralmente perfeito.

A imaginação musical, como sempre, contribuiu também para empurrar o espectador para a fantasia única dos «Genesis» e para fora da realidade do dia-a-dia.

«Ir a um espectáculo dos «Genesis» é como que uma mistura entre ir a um concerto de «rock», ir ao cinema, ler contos de Grimm, sonhar e tirar aqueles pedaços de pele branca que se formam à volta das unhas». (Abigail Dodder, 97 anos).

Portugal, mais concretamente Cascais será palco nos próximos dias 6 e 7 (quinta e sexta-feira), pelas 21 e 30, de «shows» ao vivo daqueles que actualmente são considerados «o melhor grupo do mundo»: — «Genesis».

Discos

OS "DEZ MAIS" NA EUROPA

São os seguintes os dez discos mais vendidos a semana passada na Europa (o número entre parêntesis indica a posição do disco na semana anterior):

ITÁLIA:

- 1 (3) «Kung Fu Fighting», por Carl Douglas
- 2 (2) Un Corpo e un'Anima», Wess and Dori Ghezzi
- 3 (5) Un'Altra Donna», Cugini Di Campagna
- 4 (1) «Serenade», Drupi
- 5 (6) «Verde», G. M. Orchestra
- 6 (4) «Can't Get Enough of Your Love», Barry White
- 7 (-) «Roma», Antonello Venditti
- 8 (7) «Per Te Qualcosa Ancora», Pooh
- 9 (9) «You Little Trustmaker», Tymes
- 10 (10) «Oh Doctor», Richard My Hill

INGLATERRA:

- 1 (3) «Make me Smile», Steve Harley y Cockney Rebel
- 2 (20) «If», Telly Savalas
- 3 (1) «Please mr. Postman», Los Carpenters
- 4 (9) «The Secrets That You Keep», Mud
- 5 (2) «January», Pilot
- 6 (7) «Shame Shame Shame», Shirley and Co.
- 7 (15) «My Eyes Adored You», Frankie Valli
- 8 (26) «Only on Can», Fox

- 9 (4) «Sugar Candy Kisses», Mac and Katie Kisson
- 10 (5) «Angie Baby», Helen Ready

HOLANDA:

- 1 (1) «100 Years», Joey Dyer
- 2 (3) «Rosamunde», Dennie Christian
- 3 (4) «Sailor», Sailor
- 4 (5) «Down Down N», Status Quo
- 5 (2) «Sugar Candy Kisses», Mac and Katie Kisson
- 6 (12) «Secrets That You Keep», Mud
- 7 (8) «Purely by Coincidence», Sweet Sensation
- 8 (6) «Voulez-Vous Coucher Avec Moi Ce Soir», Labelle
- 9 (14) «Listen to the Music», Doobie Brothers
- 10 (19) «Shame, Shame, Shame», Shirley y Company

FRANÇA:

- 1 (7) «Le Sud», Nino Ferrer
- 2 (-) «Une Femme avec Toi», Nicole Croisil
- 3 (8) «Senor Meteo», Carlos
- 4 (9) «La Bonne au

- Cine», Annie Cordy
- 5 (4) «J'Aime la Vie avec Toi», George Lagrange
- 6 (6) «Le Maudit», Veronique Sanson
- 7 (5) «Melancolie», Jo Dassin
- 8 (-) «Chang, Chang, Alang», Sylvie Vartan
- 9 (-) «L'Algerie», Serge Lama
- 10 (1) «Vanina», Dave

BÉLGICA:

- 1 (6) «100 Years», Joey Dyer
- 2 (2) «Sugar Candy Kisses», Mac and Katie Kisson
- 3 (5) «The Secret That You Keep», Mud
- 4 (7) «Down Down», Status Quo
- 5 (-) «Magic», Pilot
- 6 (3) «De Liefde Van De Man Gaat Door De Maag», Ria Valk
- 7 (8) «Rosamunde», Donnie Christian
- 8 (4) «My Bou», Elvis Presley
- 9 (1) «I Can Help», Billy Swan
- 10 (9) «I Wonder», Jack Jersey

BIENAL DE VENEZA REVITALIZADA

A Bienal de Veneza, a cujo prestígio internacional conquistado ao longo da sua existência se tinha vindo a juntar um certo mundanismo vazio e convencional, procura desde há três meses trilhar novos caminhos. Neste contexto, Carlo Ripa di Mena, nomeado recen-

temente presidente daquele certame, propôs-se estabelecer uma intensa colaboração e intercâmbio com a cultura portuguesa «que durante longos anos esteve distanciada dos grandes confrontos internacionais e da pesquisa — experimentação artística».



JERUSALÉM, RASTILHO DO MÉDIO-ORIENTE

O maior obstáculo para uma solução duradoura dos problemas mais graves do Médio-Oriente, pode bem ser o futuro de uma das mais sagradas cidades do mundo. Sagrada para os árabes, cristãos e judeus, Jerusalém, a Cidade da Paz, raramente conheceu nos últimos anos o que é a paz.

Leia no número de Março das Seleções do Reader's Digest, a descrição da coexistência de três povos que lutam pela posse dos locais que veneram.

Seleções, o prazer de ler.

MARIA VITÓRIA
TODOS OS DIAS
AS 20,45
E 23 h.

(Não aconselhável a menores de 18 anos)
O MAIOR ÊXITO DE SEMPRE!
a sensacional REVISTA

ATÉ PARECE MENTIRA!...

com um extraordinário elenco e um grande corpo de baile

Aos domingos e feriados «matinées», às 16 horas

Às 2.ª-feiras: descanso

Televisão

CANAL DA CRÍTICA

MÁRIO CASTRIM



Poucos o conhecerão. Certamente fechar-se-á à sua volta o círculo dos entendidos em Economia e os seus alunos do Instituto Superior Técnico e da Academia Militar. A Televisão, que me lembre, nunca veio. Nunca tomou parte em mesas-redondas, nunca veio responder ao País. Aparece quase timidamente incluído no telejornal. Quase timidamente, ou melhor: quase por favor. Por condescendência: «Está bem, diga lá isso mas não gaste mais de cinco minutos». Simplesmente ridículo, esta história de cinco minutos numa televisão onde o metro-padrão das entrevistas é a meia-hora...

Claro que a palavra exacta, o pensamento claro, as noções bem arrumadinhas na cabeça, fazem milagres: pode-se dizer em cinco minutos o que outros não dizem em quarenta e cinco...

Estou a falar do economista Armando Nogueira. A mim, neste momento, só me cabe transcrever alguns passos da sua valiosa intervenção e chamar para ele a atenção dos leitores, como base de discussão:

O programa é apresentado, segundo os seus próprios termos, como uma reforma revolucionária e como uma plataforma política. Ora sobre isto, teria talvez três ideias a apontar. A primeira é que há que acentuar bem que não se trata de um plano mas trata-se de facto de um programa de política económica. Planificar e administrar são duas coisas profundamente diferentes. Trata-se simplesmente de um conjunto de intenções e medidas gerais da administração pública. E nada mais. Não há ali nada que aponte para uma direcção activa do desenvolvimento. Não há ali nada que procure fixar uma direcção consciente da economia portuguesa.

(...) O M.F.A. e o Governo dos grandes problemas que o

ARMANDO NOGUEIRA: "AO M.F.A. VAI CABER A ÚLTIMA PALAVRA"

processo revolucionário tinha de enfrentar — o problema político, o problema da descolonização e o problema da economia — deixou este para último lugar. Isto é talvez um claro sintoma de que este é o problema mais difícil a resolver.

(...) A prevista intervenção estatal através das tais medidas concretas é toda no sentido de eliminar os obstáculos perturbadores ao desejado funcionamento do mecanismo de mercado. Mesmo neste sentido, a intervenção ou de um controlo destinado unicamente a coordenar melhor os processos do mercado. O mesmo neste sentido, as medidas apontadas ficam muito aquém do que a generalidade dos países europeus fizeram há muitos anos atrás.

Portugal como país pobre que é, tem necessidade de saber se pode e se deve seguir a via traçada pelas nações mais industrializadas; ou se nele, em Portugal, podem coexistir, sem agravamento da tensão social, os centros empregadores privados a funcionarem num âmbito de um desenvolvimento cujas medidas tenham sido estabelecidas de modo programático pelo poder público.

(...) Numa altura em que a Europa Ocidental, os Estados Unidos, o Japão — isto é, numa altura em que o bloco capitalista se aprofunda lentamente numa das mais sérias e desordenadas crises da sua história — é o desemprego, a inflação, são as fábricas a fechar, é a produção a diminuir, são os bancos a falir, etc — qual a razão por que em Portugal se define um programa de intervenção estatal que vai no encalço que aquele mesmo capitalismo fez há vários anos atrás? Qual a razão?

(...) É um programa que aponta à nossa economia um capitalismo em crise, um capitalismo inquieto. Um capitalismo que neste momento se interroga: «Nós como sistema, já não encontramos nos nossos mecanismos resposta para os grandes problemas que conhecemos.»

Ora quando pela Europa se

generaliza esta dúvida sobre se poderão os grandes problemas com que a Europa se debate encontrar solução nesses mesmos mecanismos do sistema, Portugal corre o risco de mais uma vez desperdiçar a rara oportunidade que a História lhe oferece — ou mais concretamente: que a situação política lhe oferece — para atacar a fundo os problemas que sente. O Programa é alheio aos grandes problemas sociais que a inquietação do futuro do sistema põe à nossa discussão. Tal como há 50 anos, quando Portugal alinhava com a aventura fascista na Europa, corremos agora o risco de voltarmos a ser solidários com a Europa no drama da crise do sistema e da paralisação de economias que esbraceçam dentro dos esquemas do mercado.

Enfim: parece-me que o programa não é o programa que corresponde ao 25 de Abril. Quer isto dizer que o 25 de Abril não teve ainda a resposta adequada no campo da Economia. A Revolução Portuguesa velou-se de génio mesmo no militar, a forma genial como o Governo fascista foi derrubado; revelou-se de génio no campo da descolonização; revelou-se de génio mesmo no campo político; falta-lhe ainda, porém, o génio no campo da Economia, por ser talvez o mais difícil, sem dúvida, mas por ser também, sem dúvida, o decisivo. Esta será a grande batalha da Revolução. Neste aspecto, o génio do 25 de Abril estará porventura nos bastidos

res, mas ainda não se revelou.

O programa está ultrapassado pela realidade política portuguesa. Não a organiza, não lhe responde, não a orienta. Ique vai então suceder? Ou o programa fica no papel, e os acontecimentos vão comandar a evolução, ou para se dar vida ao programa se tira a vida ao processo e agravam-se os problemas económicos.

(...) Hoje, até um estudante das primeiras letras de Economia, sabe, desde que não faça análises comprometidas com interesses de grupos ou com interesses sociais, que não é assim, através deste programa, que se vão resolver os dois maiores e mais imediatos problemas com que se depara a nossa economia: a estabilidade do emprego e a estabilidade dos preços.

(...) o programa é uma plataforma de entendimento possível entre partidos. Neste sentido e perante o fragmentarismo político que se verifica em Portugal, neste momento, o M.F.A., como atitude política que assumiu, terá colocado, acima de um programa de eficiência económica, um programa cauteloso, uma espécie de programa-sonda.

Passado o impacto revolucionário dos primeiros meses, e indefinida a situação ao nível das correntes políticas, talvez não fosse de facto possível outro programa. Assim, e mais uma vez, vou terminar: é ao M. F. A. que vai caber a última palavra e sobretudo como disse aliás o ministro Melo Antunes, ao M. F. A. em resultado de experiência que colher em resultado do contracto com o povo.

O TEATRO NEGRO ESTREIA NO PORTO

O Teatro Negro de Praga cuja chegada ao nosso País se prevê para a hora em que o «DL» começa a circular, actuará primeiramente no Porto. A estreia está marcada para a próxima sexta-feira, no Coliseu da capital nortenha. Seguidamente o agrupamento checo fará uma digressão por Braga, Guimarães, Aveiro, Coimbra e

Leiria, até se exibir em Lisboa por volta de 15 do corrente.

Criado em 1961 por Jiri Srenek, seu actual director artístico, o Teatro Negro apresentará em Portugal o espectáculo intitulado «Velhas Lendas de Praga» e conseguido através de «truques» baseados na luz negra e de movimentos inspirados pela música.

COLISEU

EMPRESA RICARDO COVÕES (HERD.) — Tel. 36 19 97

ÊXITO GRANDIOSO! DOS FAMOSOS COSSACOS DA UKRÂNIA COROS E DANÇAS DA UKRÂNIA

CONJUNTO OFICIAL DA U. R. S. S.!

O ESPECTÁCULO QUE ASSOMBRA O MUNDO!

HOJE E TODAS AS NOITES, às 21.30 h.

(MAIORES DE 6 ANOS)

SÁBADO E DOMINGO: «NATIVÉES» às 16 horas
BILHETES A VENDA A PARTIR DAS 13 H.

Recomenda-se aos grupos da província que organizam excursões, façam previamente a sua reserva de bilhetes

Telefone 36 19 97

hoje



«Dominic»

I PROGRAMA

- 18.40 TV Infantil — «A Volta ao Mundo em 80 Dias»
- 19.00 Nome Mulher
- 20.00 Telejornal — 2.ª edição
- 20.15 Onde Está Zazá — um programa musical produzido pela Radiotelevisão Italiana com Gabriela Ferri.
- 21.15 A Gente que Nós Somos — a história das eleições. Um filme de Fernando Lopes.
- 22.20 Telejornal — 3.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro.
- 23.00 Fecho

II PROGRAMA

- 20.00 Abertura e a série filmada «Dominic» (5.º episódio)
- 20.30 Planeamento Familiar
- 21.00 Telejornal — em diferido a edição das 20 horas, transmitida no I Programa.
- 21.15 Noite de Cinema — «Cega Paixão» (On Dangerous Ground). Com Ida Lupino, Ward Bond e Robert Ryan. Ano de produção 1951. Realização de Nicholas Rey.
- 22.20 Fecho

DESTAQUES

I PROGRAMA

A gente que nós somos (21.15)

II PROGRAMA

Planeamento Familiar (20.30)

SIEMENS

ESTORIL

amanhã

I PROGRAMA

- 12.45: Abertura e desenhos animados; 12.55: Fronteiras do amanhã; 13.10: Encontro — Luso Soares entrevista Casimiro de Brito e Gastão Cruz acerca do I Congresso dos Escritores Portugueses; 13.30: Telejornal (1.ª edição); 13.45: «O Mundo Secreto de John Monroe» — série filmada com William Windom, Joan Hotchkiss, Lisa Gerritsen e Harold Stone; 14.10: Logo à noite — cartaz dos programas da noite; Ciclo Preparatório TV — 14.20: Português (2.º ano); 14.45: Matemática (1.º ano); 15.10: Educação Visual (2.º ano); 15.35: Educação Física (1.º ano); 16.00: História e Geografia (1.º ano); 16.25: Matemática (2.º ano); 17.15: Educação Religiosa (2.º ano); 17.40: Trabalhos Manuais (1.º ano); 18.05: Ciências da Natureza (2.º ano); 18.40: TV Juvenil — Aeromodelismo; 19.00: Do médico para toda a gente — um programa pelo dr. Ramiro da Fonseca; 19.15: Vamos jogar no Totobola — prognóstico para o próximo concurso; 19.25: Há só uma terra — um programa sobre o meio ambiente; 19.55: Eurovisão — Futebol — quartos-de-final da Taça dos Vencedores das Taças — transmissão directa do jogo Eindhoven-Benfica; 22.00: Estúdio aberto — um programa musical com Samuel. Realização de Félix Ferreira; 22.30: Telejornal (3.ª edição) — noticiário do País e do estrangeiro; 23.00: Fecho.

II PROGRAMA

- 20.00: Abertura e um episódio da série «O Mundo Secreto de John Monroe»; 20.25: Desenhos animados; 20.40: Encontro; 21.00: Concerto; 21.40: Expedição; 22.05: Série «O Mágico» — «Tempestade de Aço»; 23.00: Fecho.

Compañia Trasatlantica Española, S. A.

anuncia os seus navios a carregar em LISBOA:

«GALEONA», espanhol, em 13 de Março para
New York
Baltimore

«RUISENADA», espanhol, em 12 de Março para
San Juan, Puerto Rico
Veracruz
Tampico

«BELEN», espanhol, em 22 de Março para
El Guamache
La Guaira
San Juan, Puerto Rico
Curaçao
Puerto Cabello
Barranquilla
Cartagena
Cristobal-Colon

Agentes Gerais em Portugal

WIESE-TRANSPORTES, S. A. R. L.

RUA DO ALECRIM, 12-A — LISBOA

Telef. 37 02 41/9

Telex. 12322 Wiese P

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA

COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

Deslocação e atendimento grátis

Telefs. 72 27 86 - 83 42 71

Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Espectáculos

Crítica de Teatro

CARLOS PORTO

"SEARA DE VENTO": DA LITERATURA AO TEATRO

"SEARA DE VENTO", de Manuel da Fonseca. Encenação: Artur Ramos. Cenografia: Moniz Pereira; Direcção Musical: Domingos Morais. Colaboração Dramatúrgica: José Saportes. Assistente de Encenação: Maria Helena Ramos. Luminotécnica: Simões Alberto. Sinoplasia: Albano da Mata Diniz. Intérpretes: Rui de Carvalho, Adelaide João, Lourdes Norberto, Madalena Braga, José Manuel, José de Castro, Armando Cortês, Arminda Taveira, Fernanda Borsatti, José de Carvalho, Branco Alves, Carlos Veríssimo, Andrade e Silva, Carlos Santos, Vítor de Sousa, Curado Ribeiro, Tomás de Macedo. Coro do Círculo Cultural Escalabitano. Companhia da RTP. Teatro Maria Matos. 1-3-75.

Para falarmos de Manuel da Fonseca sem romagens sentimentais a um passado que vai ficando longe (hélas!) teremos que esquecer os ecos inapagáveis de uma voz que nos chegou da planície desconhecida, e nos falou de coisas e sentimentos que confusamente detectávamos à nossa volta. Tere-mos que esconder a marca que nos deixou, pelos vistos para sempre, a primeira leitura dos seus versos e dos seus contos (como não lembrar «O primeiro camarada que ficou pelo caminho»?). Todavia, agora que é outra vez de bom-tom achincalharmos o neo-realismo e minimizar o que significou no deserto em que vivíamos, e esquecer que a sua eclosão era, mais do que necessária, inevitável, não podemos nem queremos esquecer essa voz nem ocultar essa marca. Há um tempo na nossa vida (depende da idade e das circunstâncias) em que determinadas experiências literárias são tão importantes como as experiências vividas ou como o convívio com os que nos estão próximos. Numa altura em que nem sequer se falava de linguística, colhíamos dessas experiências chaves que nos ajudavam a abrir portas dos mistérios do Mundo.

Deveríamos começar por dizer que é tão impossível fazer uma análise da peça de Manuel da Fonseca sem ter presente o material romanesco de onde saiu, como impossível seria ao dramaturgo realizar o seu projecto teatral cortando cerca a ligação umbilical que o torna indissociável da sua primeira criação. «Seara de Vento» é, como romance, uma obra demasiado organizada e coerente (um mundo coeso cujas relações estruturais se encontram perfeitamente articuladas), para que a sua transferência para uma estrutura outra, para um outro «campo operativo», não implique mutilações demasiado graves ou lacunas demasiado fortes. O que no romance surge com a intensidade do grito autêntico do animal ferido; o que no romance é o rastro do sangue vivo do homem perseguido, oprimido, revoltado; o que no romance parece ser a verdade do real, de tal forma a recriação literária lhe confere autenticidade — surge na peça-espectáculo como um simulacro, uma manifestação de impotência na recriação de um real de signo épico; um artefacto que só raramente atinge, como

linguagem, o espectador. Espectador que, contudo, não deixará de ser alertado para a problemática que o espectáculo levanta. Assim, o que na «Seara de Vento»-romance parece ser uma proposta de carácter épico surge em «Seara de Vento»-teatro com um percurso dramático que roça por vezes o melodramático, mistura pistas de expressão, parece procurar uma via portuguesa (?) de uma prática brechtiana.

O tom que faz de «Seara de Vento» uma admirável experiência de leitura perdeu-se quase totalmente. Recordem-se alguns breves textos, onde paira a sombra tutelar do genial Raul Brandão: «Obsidiante, a claridade baça, coada pela cruz dos ferros, insinua-se mais e mais, penetra-lhe nos olhos arrasados de lágrimas. É deslumbrante e terrível.» (pag. 169) «A violência do desespero acaba por esgotá-la. Quebrantada, parece de súbito aperceber-se da miséria a que chegou, e observa-se com espanto e desespero. Horrifica a sentir dó de si mesma, e as lágrimas, tanto tempo reprimidas, arrasam-lhe os olhos. Levanta os braços, torce-os, de peito encolhido como se uma dor lancinante a sufocasse. — Vê, filha, vê! O que esta vida fez de mim!... Ódio, só ódio! Mariana agarra-a pelos ombros. Debatem-se frouxamente, abraçadas uma à outra, e caem a chorar sobre o degrau.» (pág. 200) Com a corronha da carabina no ar, um guarda avança para Arminda Carrusca. A velha volta-se, cresce, firme sobre as pernas entesadas, e os andrajos negros, batidos pelo vento, modelam-lhe o corpo seco e chato, só ossos.» (pag. 245).

Esta secura, esta força terrível, este carácter trágico que se desprendem das palavras, esta intensidade insustentável dada como tanta simplicidade — são dificilmente transponíveis para o teatro. O teatro exige outro tipo de linguagem que passa pelo ouvido, exigência que os homens de teatro frequentemente esquecem. O espectáculo inicia-se com a cena final. António Palma e a família estão cercados pela Guarda Republicana. Há tiros. A cena escurece, e soam as pancadas de Molière. Este processo cinematográfico voltará a ser usado, no final, quando o palco do Maria Matos gira, gira, como um carrocel, mostrando as várias cenas do espectáculo com os actores estáticos, numa amostragem de novo-riquismo que define, até certo ponto, o espectáculo, e explica em parte o dilaceramento de que o texto foi vítima. O aparecimento, no início do espectáculo, da cena final tem por objectivo, supomos, a dramatização do conflito porque o espectador é posto, desde logo, perante o desenlace da história e deverá, pois, preocupar-se em conhecer os meandros do conflito, em detectar as pistas que explicam — em termos políticos, como — não podia deixar de ser — esse desenlace. Há na peça, como no romance, uma frase-chave: «Um homem só não vale nada!» O espectador deverá conhecer as razões que levam uma personagem a dizer essa frase.

O camponês António Palma fora acusado por um latifundiário, Elias Sobral, de lhe ter roubado dois sacos de cevada; inocente, não escapará ao vexame da prisão (justiça de classe); desempregado, na sua

casa há fome. Só a filha trabalhava ao mesmo tempo que milita nas lutas contra os latifundiários e contra o sistema. Palma não aceita a hipótese de se aliar aos outros trabalhadores nessa luta (é um homem só...) e prefere deixar-se aliciar pelo taberneiro local que é também legionário membro da União Nacional, informador da Pide, e comerciante de contrabando. É graças à sua participação nesse contrabando que a fatura volta a casa de Palma que vê agora mais próximo o sonho de voltar a adquirir a courela que o latifundiário lhe apanhara. Todavia, a Pide ronda. Palma apanha o Elias Sobral a quem quer bater. O taberneiro denuncia-o. A Guarda Republicana vai a casa procurá-lo e a própria mulher — estrangulada pelo medo — confessa que o marido fora a Espanha buscar contrabando. Depois disso, enforca-se. Palma procura o latifundiário e mata-o. Depois, mete-se em casa onde reside ao cerco da Guarda até cair morto (um homem só não vale nada).

Esta história — baseada em acontecimentos reais — é exemplar da situação portuguesa dos anos do fascismo. É talvez demasiado exemplar e será esse, sob o ponto de vista teatral um dos seus defeitos. O que no romance surge fluente e encadeado, aparece aqui forçado e artificial (no mau sentido). Sem procurar estabelecer comparações entre o romance e a peça — no que se refere aos acontecimentos narrados — diremos apenas que nos parece um enfraquecimento a solução dada ao caso da mulher do Palma (que no romance se suicida na cadeia, e na peça em casa).

A nosso ver, os conflitos levantados por Manuel da Fonseca ao teatro em primeiro lugar pelo empobrecimento das personagens principais

que surgem demasiado esquemáticas, como que reduzidas a silhuetas (é o caso do António Palma e da Velha Arminda Carrusca que é uma das mais belas personagens do autor). Esse empobrecimento contrasta com o enriquecimento da personagem do taberneiro, o que provoca um desequilíbrio na própria estrutura dramática da peça, o que se demonstra pelo facto de uma personagem secundária, sob o ponto de vista narrativo e sob o ponto de vista ideológico, se tornar na personagem mais rica, mais completa, cujas implicações vão mais longe. O taberneiro é uma personagem polivalente cuja faceta principal reside no facto de ser um intermediário. É-o a vários títulos: porque é o comerciante de quem os habitantes do lugar dependem para o seu abastecimento; tem uma rede de contrabando, o que implica um negócio a outro nível; a sua taberna é um lugar dramaticamente rico, onde se sabe o que acontece na aldeia, e é também palco de acontecimentos importantes. O taberneiro pretende ainda ser intermediário entre as duas facções em que o lugar está dividido: o dos senhores e dos servos. E, sobretudo, é o intermediário político, porque é informador da Pide. Essa complexa rede de relações de que o taberneiro é o «pivot», confere-lhe uma importância que minimiza as funções de outras personagens, como o latifundiário que só por eco chega a assumir o rosto político que é o seu, ou a filha de Palma cujo rosto político se coloca no outro lado.

A personagem do taberneiro é a mais (ou a única?) brechtiana personagem da peça e as cenas em que intervém seriam correctas se entre elas e o resto houvesse a necessária correlação. Porém, o que irrita neste espectáculo é a ausência

de uma espinha dorsal, que tornasse coerente o discurso cénico, que desse unidade ao todo. Ou, por outras palavras, que traduzisse em termos cénicos, as sequências em que a peça está dividida e que só ganham autêntica expressão nas palavras do programa. Preferiu-se optar por um estilo híbrido que vai do naturalismo estrito ao teatro didáctico e deste ao teatro épico, passando pelo esteticismo, sem que cada uma dessas propostas esteja minimamente motivada.

A preocupação de tornar claro, de explicar, a pretensão de criar espaços neutros que servem de cortes distanciadores (há canções, discursos para os espectadores, passagens em prosa rimada); a tentação de fazer retórica em vez de fazer teatro — conferem ao espectáculo o tom falso que o marca. Ora, tanto quanto nos pareceu, tudo isso é, ao mesmo tempo consequência de um texto (Manuel da Fonseca) cuja escrita teatral é deficiente; de um trabalho dramatúrgico (José Saportes) que não existe ou funciona mal; de uma encenação (Artur Ramos) que não conseguiu articular capazmente os vários elementos de que se serviu. Encenação exibicionista, o trabalho de Artur Ramos agrava (ou origina?) o que nos parece ser o maior defeito deste espectáculo: a sua exterioridade, a sua incapacidade de dar por dentro, sem truques, a dinâmica de um conflito que é político, social e humano.

Raramente o espectador é posto perante ou envolvido pelas tensões que deveriam atravessar o espectáculo, dando ao espectador a possibilidade de fazer uma crítica séria aos acontecimentos (exceptuando aqueles para os quais essa crítica é óbvia) nem os fere bastante fundo na sua sensibilidade. Essa crítica surge mas diminuída por ser dada em termos de explicação.

O espectáculo fica-se, pois numa zona de ninguém que só raramente (primeira cena de José de Castro, alguns momentos na taberna) consegue ultrapassar. E quando é necessário transmitir a violência de cenas que os portugueses conhecem bem (as barbaridades pidescas; o cerco da guarda), o espectáculo resvala mesmo pelo ridículo porque em teatro a violência que não convence faz rir.

Teria sido preferível optar por uma encenação muito sóbria que recusasse alguns preciosismos do texto e sobretudo não embarcasse neles (quando a velha e a filha «cantam» o toucinho, a luz muda para vermelho); uma encenação que sublinhasse através da interpretação e da marcação os pontos fortes do texto. Para isso seria necessário que os actores esquecessem tentações declamatórias (muito visíveis em Madalena Braga, e um pouco presentes em Adelaide João); que não tendessem a fazer números (pecha de que não se ilibam José de Castro e Armando Cortez); que houvesse um maior cuidado na composição das personagens (o que não permitiria que Lourdes Norberto aparecesse como uma «militante» do Chiado, e não como familiar daquela gente cercada); que as segundas figuras tivessem de facto a força coral que não têm (num coro cantado, um solista tenta o alentejano enquanto o outro vai para o fado).

Este espectáculo tem atrás de si cinquenta anos de fascismo e cinquenta anos de mau teatro. O rastro político, embora mal dado, está lá, porque o fascismo acabou, ou quase. O mau teatro é mais difícil de vencer. Ficará, provavelmente para a próxima geração. Embora, neste momento seja já possível erguer espectáculos com interesse, como aconteceu, aliás, antes do 25 de Abril.

Crítica de Música

Mário Vieira de Carvalho

UMA ORQUESTRA A RECUPERAR

A Orquestra Filarmónica de Lisboa nasceu, por assim dizer, do tráfico de influências que ditava a famigerada «política do espírito» do Estado Novo. A família Ivo Cruz entendeu que devia ter uma orquestra e, como ela e o fascismo sempre andaram de mãos dadas, teve-a. Maestro já havia, por hereditariedade: Ivo Cruz filho. Faltava o financiamento: veio da Câmara Municipal de Lisboa, Público é que não existia para os concertos. Durante o fascismo, a Orquestra como que funcionava no vácuo. Não preenchia uma função social.

Mas seria impossível ignorar agora, ou anular, a existência da orquestra. Como em tudo o mais, o que importava (e tinha viabilidade) após o 25 de Abril, era reconverter a realidade e não destruí-la. No caso da Orquestra Filarmónica de Lisboa estamos precisamente a assistir a essa reconversão. Não se aboliu ainda o critério hereditário, no que se refere ao pódio de regência, na medida em que o seu titular continua a ser o mesmo, mas descobriu-se uma importante função social para a Orquestra: a descentralização da música, sobretudo através das câmpa-

nhas de dinamização cultural e esclarecimento cívico do M.F.A.. Por outro lado, os próprios concertos dominicais no S. Luís, com bilhetes a 5\$00 e 10\$00, ganharam agora um público habitual, que preenche quase totalmente a capacidade da sala. Entretanto, os músicos também elevaram a sua consciência de classe e o sentido das suas responsabilidades sociais e até políticas: os membros da Filarmónica de Lisboa, neste momento, já se libertaram da tutela «feudal» da antiga direcção, dominada pelo ex-director do Conservatório (de nomeação salazarista, para preterir Luis de Freitas Branco), e vivem num regime de autogestão artística e administrativa, embora na dependência da C.M.L. Enfim: a Orquestra Filarmónica de Lisboa emancipou-se da sua antiga condição. E não é por acaso que entre os seus componentes encontramos hoje talvez a maior parte dos instrumentistas decididos a avançar (dentro das suas possibilidades artísticas) com iniciativas concretas de apoio e participação no processo revolucionário.

Claro que certos problemas técnicos, no que se refere ao

rendimento artístico, colectivo, da Orquestra, estão longe de se encontrar resolvidos. Lá chegaremos. Permanece em aberto, para já, o problema do maestro. A iniciativa de convidar agora Alvaro Salazar, aponta o caminho a seguir. É preciso que a Orquestra dê trabalho aos jovens maestros portugueses, para fomentar o seu aperfeiçoamento e sondar as respectivas capacidades. O caso de Alvaro Salazar é dos mais gritantes. Como nunca beneficiou de protecçãoismos (familiares ou outros) de instituições oficiais ou privadas, tem estado, praticamente afastado duma actividade regular à frente das orquestras portuguesas. Da injustiça desse afastamento já eu dei nota nestas colunas há cerca de um ano, quando me referi à sua excelente realização de obras de Lopes Graça, num concerto em que dirigiu a Sinfónica da Emissora Nacional. Quando, mais recentemente, dirigiu a Orquestra Sinfónica Popular e ontem, no S. Luís, com a Filarmónica de Lisboa, mais uma vez se confirmaram qualidades que apenas carecem de desenvolvimento, através de um contacto mais regular e constante

com as orquestras. O que resalta destas actuações de Alvaro Salazar é a preocupação de um trabalho honesto, baseado na análise profunda da partitura e na fidelidade à sua escrita. Uma intensificação da sua actividade de chefe de orquestra viria a permitir-lhe passar a uma nova fase: a da afirmação duma concepção pessoal, partindo, evidentemente, do respeito pela partitura mas transcendendo os seus dados imediatos. Foi isso o que faltou talvez nas variações de Brahms e na obra de Ravel que ouvimos ontem.

Quanto à solista, Christa Ku-pert Leiria (no concerto de violino de Mendelssohn), ela própria será uma vítima da ausência duma política cultural verdadeiramente orientada para o estímulo das potencialidades dos artistas portugueses. Se tivesse sido chamada muito mais frequentemente para concertos em todo o País, ao longo da sua carreira, decerto estaria agora em condições de superar certas dificuldades técnicas em obras com as exigências virtuosísticas e expressivas daquele concerto de Mendelssohn. A função solística desenvolve a capacidade solística.

NO ALTO ALENTEJO

A actividade desenvolvida pelo Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas no Alentejo tem sido significativa da consciência e da organização dos camponeses empenhados numa luta sem tréguas contra a opressão dos latifundiários que tentam desesperadamente manter os privilégios que há longo tempo detinham. Os sindicatos agem segundo as situações concretas: ora fazendo pressão para que os contratos sejam cumpridos; ora actuando na colocação dos trabalhadores desempregados nas diferentes herdades onde os seus braços são necessários; ora lutando ainda contra a sabotagem económica que ultimamente se foi generalizando como arma de travagem ao processo de democratização em curso.

Ouvimos António Serrano, tractorista, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Portalegre que conta actualmente com a aderência de cerca de 13 mil assalariados agrícolas.

A colocação do pessoal desempregado faz-se através de uma comissão paritária constituída por elementos da Liga dos Pequenos Agricultores, do Sindicato e da Associação Livre dos Agricultores (A.L.A.) que por acaso não tem estado à altura daquilo que nós pretendemos. Os trabalhadores demonstram já um certo desagrado em relação à maneira como essa comissão reage. É pouco eficaz e morosa. Não vai aos locais e deixar-se levar mais pelas informações recebidas. Nós achamos que a sua actuação não está a ser correcta.

Que tipo de luta tem utilizado o Sindicato contra a sabotagem económica?

Já impedimos a venda de rebanhos e o abandono de algumas empresas. Por outro lado ocupámos o aviário António Alves, em Campo Maior e a Fundação Abreu Calado, para as

quais pedimos a intervenção do Estado.

E qual tem sido a atitude da A.L.A.?

Apenas complicar e travar as lutas dos trabalhadores. Ainda outro dia numa reunião, no Governo Civil, apresentaram-se com 14 elementos enquanto os trabalhadores rurais tinham somente três representantes. Então dissemos que aquilo não era legítimo e portanto os que estavam a mais seriam obrigados a sair. Eles vieram com artimanhas explicando que traziam suplentes, mas nós não fomos na conversa.

Todavia o desemprego na zona de Portalegre não atingiu proporções tão escandalosas como, por exemplo, no Baixo Alentejo, sobretudo na região de Beja, onde existem 40 mil desempregados e um acentuado índice de mentalidade feudal profundamente enraizada nas cabeças dos senhores da terra.

Na nossa zona há entre 300 a 400 pessoas sem emprego. No entanto se a Comissão Paritária, dentro de uma semana, não resolver o assunto nós,

Cada situação concreta exige a sua forma de luta

- afirma o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas

Sindicato, vamos distribuir os trabalhadores imediatamente pelas propriedades onde existem postos de trabalho.

António Serrano ao analisar o movimento de massas no Alentejo disse que os trabalhadores ainda não estão totalmente convencidos da sua força. E pormenorizando: Falta-lhes esclarecimento. Principalmente na parte norte de Portalegre. Notam-se vestígios de medo e desconfiança. Para alguns o comunismo é o tal papão. Porém noutras zonas temos uma implantação fortíssima. De qualquer maneira aqueles que opunham reservas ao aperceberem-se que unidos podemos ir para a frente acabam por vir livremente inscrever-se no Sindicato e participar nas lutas. Devido a essa falta de preparação dos trabalhadores nós pensamos que o Sindicato deve agir com calma, mas de uma forma segura e firme. Ao princípio quando fundámos o Sindicato tínhamos só uns cento e tal inscritos. Depois à medida que eles foram vendo que não sucedia nada com as ocupações e outras lutas começaram a aparecer timidamente. Um dia destes somos uma força definitiva.

«Reforma agrária. A terra a quem trabalha». São conceitos constantemente repetidos nos últimos tempos. Discute-se. Os trabalhadores rurais e alguns partidos políticos reivindicam a Reforma Agrária.



Os técnicos agrícolas falam de Reforma Agrária nas reuniões. Que espécie de Reforma Agrária propõe, você, António Serrano?

Eu na minha ideia gostaria que a Reforma Agrária fosse os trabalhadores a administrarem as terras com o apoio técnico e financeiro do Estado. A divisão das terras não nos interessa porque criava uma mentalidade de posse e passávamos a ter a vida como antigamente. Não queremos que o Alentejo seja um segundo Norte. Eu acho que os trabalhadores devem tomar as terras em conjunto e depois participar ao Estado.

Quando entrevistámos António Serrano ainda o Plano Económico de Emergência não tinha sido tornado público. Por isso lhe perguntámos se admitindo a hipótese das disposições referentes à agricultura ficassem muito aquém das aspirações dos trabalhadores

qual seria a posição do Sindicato aceitar passivamente a «teoria das leis» ou ultrapassá-las na prática?

Se o Plano não for aceitável em certas coisas evidentemente que tomaremos as iniciativas que acharmos convenientes...

Aliança Liga-Sindicato, foi um dos problemas que pusemos a António Serrano. Ainda que a maioria dos filiados da Liga sejam considerados pequenos agricultores (apenas de nome pois no fundo encontram-se na situação de proletários) não haverá um choque de posições entre Liga e Sindicato, já que este não está empenhado na divisão da terra e a outra congrega os «pequenos e médios proprietários»?

Até agora temo-nos entendido porque os da Liga também são explorados como nós. Mas se a Liga disser que quer um bocado de terra para cada um,

então já não estamos de acordo.

O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas referiu-se em seguida ao facto de processos de saneamento continuarem emperrados.

São as mesmas pessoas do tempo do fascismo que detêm certos lugares e isso entrava o andamento das regalias dos trabalhadores.

Manuel António Tome, trabalhador rural, membro da direcção do Sindicato, deu uma achega na conversa. Na sua qualidade de ex-emigrante num país capitalista de democracia burguesa onde se apreçoam «as doces liberdades», «o civismo» e «o elevado nível de vida», confessou:

Na Suíça somos exploradíssimos. Trabalhava 14 horas, tendo apenas uma para almoço. Em Portugal agora trabalha-se oito e pagam-nos as horas extraordinárias: uma regalia conquistada no último contrato colectivo. Aliás a nós camponeses não nos interessa grandes salários. E muito menos enriquecer. Queremos sim uma vida desafogada. Sem privações.

António Serrano voltou ao uso da palavra para salientar que as formas de luta do Sindicato se adaptam às condições do momento e às características específicas das situações.

Na questão das empreitadas da apanha da azeitona tomámos uma atitude dizendo não às empreitadas. E ganhámos. Agora quando chegar a empreitada do tomate é possível (se não houver desemprego) que prolonguemos as horas de trabalho para o produto não se estragar... A luta depende das circunstâncias. Não vamos investir às cegas até porque podíamos perder a confiança dos trabalhadores ao cometer erros. Quanto a mim proponho que se organizasse aqui em Portalegre uma conferência como aquela que se realizou em Évora para lançar e abrir mais os trabalhadores.

Traduzimos assim o pensamento dos homens do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas de Portalegre, eleitos por uma assembleia de trabalhadores que integrou representantes de todas as freguesias do distrito.

LOURDES FÉRIA

PROJECTISTAS E CONSULTORES :

PREFERÊNCIA

PARA AS EMPRESAS NACIONAIS

Reunidos no passado fim-de-semana por iniciativa da sua Associação, os projectistas e consultores abordaram a questão do seu modo de participação nas tarefas definidas pelo Programa de Política Económica e Social.

Aplaudindo o papel que o plano dá ao capital privado, «uma das chaves do êxito do programa», segundo dizem, os projectistas começaram por concluir da necessidade de uma «especialização dos serviços técnicos da Administração Pública na definição de

políticas e objectivos». Paralelamente, defendem que deverá «ser alargada por uma adequada política de desenvolvimento tecnológico e de transferências de tecnologias, só permitindo a contratação de estudos e projectos com entidades estrangeiras desde que tais estudos e projectos não possam ser realizados por entidades nacionais e desde que esteja assegurada uma real transferência dos conhecimentos (know-how) para o País». E, continuando as suas conclusões, o seminário dos projec-

tistas afirma: «Poderá parecer paradoxal, mas a austeridade deve começar por investir em estudos e projectos, porque se assim não acontecer, o Programa não passará de uma simples declaração de intenções». Antes de terminar, reafirmando a disposição dos projectistas e consultores em «colaborar na execução dos planos sectoriais e regionais», o relato das conclusões sintetiza as medidas propostas na reunião. São as seguintes: «o levantamento das capacidades dos actuais técnicos do sector público com vista ao seu melhor aproveitamento; medidas conducentes à redução da diferença de remunerações entre o sector público e privado, mas tendo em atenção a atracção que outros países começam a exercer sobre os técnicos nacionais; fórmulas mais flexíveis de colaboração e de intervenção capazes de melhorar as relações entre sector público e privado; aproveitamento imediato de capacidade existente no sector privado de estudos e projectos, ultrapassando a crise de trabalho latente, permitindo a absorção dos técnicos actualmente desempregados e, consequentemente, combatendo a crise existente noutros sectores; promulgação de leis adequadas sobre a actividade de consultores estrangeiros em Portugal.

Mais madeira e menos conserva de peixe exportados para o Reino Unido

A balança comercial de Portugal com o Reino Unido continuava a apresentar, no final de 1974, um saldo positivo, que se cifrava em 3 milhões de contos, importância que representa um aumento de 23 por cento em relação ao ano anterior.

No ano anterior as nossas exportações valeram 11,3 milhões de contos, o que parece dever-se à crise económica ali registada. Portugal exportou para o Reino Unido produtos no valor de 14 milhões de contos.

O ano anterior as nossas exportações valeram 11,3 milhões de contos, mas em contrapartida a taxa anual foi naquele ano consideravelmente superior.

A maior redução nas exportações verificou-se nas conservas de peixe: menos 45 por cento. Os receptores de rádio e televisão, os produtos químicos (excluindo resinas) e o vestuário também foram menos vendidos aos britânicos. De notar, no entanto, que o Reino Unido diminuiu a importação destes produtos em relação a todo o mercado internacional.

Sofreram aumentos mais significativos as exportações de madeira serrada, aparelhagem eléctrica (excluindo rádios e

televisões), cortiça aglomerada e produtos de cortiça, conservas de preparados de vegetais, resinas e aparelhagem não eléctrica.

Quanto às importações feitas por Portugal ao Reino Unido, o seu valor subiu de 8,8 para 11 milhões de contos. A taxa anual de importações também diminuiu. Os fios e tecidos, o vestuário, os produtos de ferro e aço, os metais não ferrosos foram os produtos cujas importações registaram aumentos mais consideráveis. Em contrapartida, sofreram baixas as importações de petróleo e produtos derivados e de produtos farmacêuticos.

Ano zero

para trabalhadores - estudantes

Realizou-se domingo, no Instituto Superior Técnico, um encontro de trabalhadores-estudantes candidatos à Universidade, onde foi aprovada a proposta da criação de um ano zero que funcionaria como «um cruso de natureza intensiva».

O encontro foi organizado pela comissão coordenadora dos trabalhadores-estudantes candidatos às Universidades com o apoio da pró-UNEP e visa «objectivar a sua organização e acção, quer no acesso à Universidade, quer na sua

participação activa e, desde já, na democratização do ensino».

A criação do ano zero, teria dois como objectivos primordiais «proporcionar desde já uma melhor graduação profissional dos trabalhadores, alunos e professores», «a reconversão imediata do ensino numa via única de acesso às Universidades e ainda a organização dos métodos pedagógicos que se pretendem no futuro».

Esta proposta, conforme o comunicado distribuído à Imprensa, pretende-se «contra o anarquismo que se vem a propagar na Universidade».

Nacional

OCUPAÇÃO ILEGAL DE TERRENOS NA BRANDOIA

Acerca da notícia difundida por alguns órgãos da Informação acerca da ocupação de terrenos, levada a cabo por populares, numa zona compreendida entre a Falagueira e a Brandoia, a Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Oeiras, enviou-nos o seguinte esclarecimento:

«Verificou-se no passado dia 25 de Fevereiro uma ocupação de terreno na zona compreendida entre a Falagueira e a Brandoia.

«A ocupação foi levada a cabo por populares que, segundo averiguações posteriores, se soube serem provenientes não de locais das proximidades do terreno ocupado mas inclusive de zonas bastante afastadas: pessoas que para ali se deslocaram nos seus carros e que começaram a marcar terrenos, a lotear eles próprios. Segundo se apurou, todo este movimento teve origem num boato de que estaria moribunda a proprietária do terreno.

«Esclarece-se, em primeiro lugar, que esse terreno não é pertença de uma única proprietária mas sim de mais de uma dezena de proprietários, uns maiores outros menores.

«Esclarece-se, ainda, que este terreno se destina à única salvação do bairro clandestino da Brandoia, bairro que surgiu — como se sabe — mercê do sistema de corrupção que durante muitos anos vigorou entre nós e que tornou possível que todo esse bairro fosse construído sem qualquer infraestrutura social. Nesse bairro não existem creches, não existem escolas, nem parques infantis, nem jardins nem zonas verdes... não há qualquer equipamento seja de que espécie for.

«Um projecto elaborado, já depois desse escândalo urbanístico chamado Brandoia, por um Gabinete de Estudos de Arquitectura estabeleceu

que essa zona, que agora estará a ser ocupada, seria a única possível solução para as tão graves carências do bairro em questão.

«Será portanto nesse terreno que serão instaladas, pelo menos, duas escolas, creches, parques infantis, postos de primeiros socorros, bombeiros, ginásios, zonas verdes, jardins...

«Além disso, aí serão também construídos fogos a serem ocupados por mais de vinte mil pessoas.

«Esta ocupação irá comprometer, para sempre e definitivamente, toda e qualquer recuperação de toda aquela vasta zona, onde habitam milhares e milhares de pessoas.

«Estamos absolutamente convictos de que esta acção agora empreendida se insere numa mais vasta manobra tendente a criar obstáculos à administração.

Com este comunicado pretende-se chamar a atenção de todas as pessoas em geral e dos trabalhadores em especial para as manobras de diversão que estão a ser orquestradas a este e a outros níveis, para que as classes trabalhadoras estejam atentas e não embarquem em jogos desta espécie, para que procurem ter em conta os seus verdadeiros interesses, interesses para o futuro e não para o imediato, interesses não egoísticos — como seja cada um ter o seu bocado de terra para construir de qualquer modo uma casa, em prejuízo da colectividade no seu todo.

«Convém ainda esclarecer que nas ocupações já verificadas — e isto, detectado por elementos de autoridades responsáveis — constatou-se que muitas das pessoas que foram marcar esses terrenos, eram proprietários de andares, não sendo na sua maioria os mais necessitados.

«Convém ainda deixar bem claro que com esses, os verdadeiramente necessitados, com os trabalhadores que durante anos e anos foram espezinhados e espoliados de tudo o que de mais elementar lhes é devido, com esses é fácil dialogar, pois na maior parte dos casos compreendem perfeitamente as situações e têm suficiente civismo e suficiente paciência para esperarem que os problemas sejam resolvidos como vale a pena que o sejam, isto é, em profundidade e não à base de um imediatismo muito superficial que só vem comprometer as situações.

«O difícil, neste momento, se não impossível, é dialogar com certas camadas que estão autenticamente a fazer o jogo da reacção e a provocar deliberadamente o caos e a confusão.

«A Comissão Administrativa da Câmara de Oeiras anuncia que na próxima sexta-feira, 28 de Fevereiro de 1975, pelas 21 horas será levada a cabo uma sessão de esclarecimento no Pavilhão Polivalente da Brandoia para serem prestadas informações sobre a situação actual e o destino futuro dos terrenos.

«Estarão presentes elementos das C. A. do Município e da Junta de Freguesia e elementos das Forças Armadas.»

SINDICÂNCIA A TODOS OS SERVIÇOS CAMARÁRIOS

«Em sessão realizada no passado dia 26 de Fevereiro a C. A. deliberou solicitar do ministro da Administração Interna a ampliação de poderes da Subcomissão de Sindicância, através do seguinte ofício:

«Em 11 de Junho do ano findo, e posteriormente várias vezes, foi solicitada a V. Ex.ª a designação de uma comissão

para realizar uma sindicância a todos os serviços deste Município.

«Verifica-se, no entanto, que a Subcomissão de Sindicância que se encontra já em exercício se circunscreve a apurar factos que se relacionem com prática urbanística e, eventualmente, participar quaisquer irregularidades que verifiquem no decorrer das diligências efectuadas.

«Porque esta Comissão mantém a pretensão de que todos os serviços municipais sejam objecto de sindicância, o que é também desejo da população do concelho — assim tem sido manifestado em plenários — solicitado a V. Ex.ª se digna tomar em consideração o exposto, despachando naquele sentido.

«Solicito ainda a V. Ex.ª se digna receber em audiência representantes desta Comissão Administrativa, que exporão pessoalmente a V. Ex.ª as razões que lhe assistem quanto ao pedido formulado.»

FISCALIZAÇÃO ECONÓMICA

«O desrespeito pelos preços oficialmente determinados e o açambarcamento de produtos por parte de alguns comerciantes, acarretam como necessidade imperiosa que o controlo popular tem que passar a ser uma realidade.

«É nesse espírito que, aproveitando desde já a possibilidade legal de regeidores e cabos de polícia intervirem a esse nível, a Comissão Administrativa do Município de Oeiras tem pugnado pelo rápido saneamento deste sector.

«Assim tomaram já posse cerca de 40 cabos de polícia, tendo iniciado uma missão importante que é fiscalização de preços e açambarcamentos, junto dos estabelecimentos comerciais, para defesa dos consumidores.

MANUEL MENDES

- nome reivindicado pelo Partido Socialista

A secção de Belém e S. Francisco Xavier do Partido Socialista foi dado o nome de Manuel Mendes, proposta que foi aprovada por aclamação no acto inaugural a que compareceu Maria Barroso e José Magalhães Godinho dos órgãos dirigentes daquele Partido. Manuel Mendes, «símbolo do que foi a luta do Povo Português contra o fascismo» — como afirmou Magalhães Godinho — residiu até à sua morte na freguesia de Belém, facto que motivou a adopção como patrono da nova secção.

Na sessão de abertura foi também apresentado o hino da nova secção do Partido, composto e executado por dois militantes socialistas de Belém: José Dore e António Gonçalves. De seguida, Victor Simões da Silva, em nome da Comissão instaladora, saudou os presentes, afirmando, nomeadamente, «as portas da nossa secção, que hoje se abrem, manter-se-ão franqueadas a todas as populações que conosco queiram caminhar rumo a um futuro radiante, democrático e socialista, sem hesitações e sem compromissos, mas também sem hipoteca de liberdade e sem desvirtuamento das autênticas e legítimas aspirações populares».

Momentos altos foram os das intervenções de Maria Barroso e José Magalhães Godinho. A primeira, em tom emocionado, evocou Manuel Mendes e a sua acção de grande lutador (recorde-se, a propósito, que o escritor foi sua testemunha de casamento, na Penitenciária, onde se encontrava encarcerado ao mesmo tempo que Mário Soares). Seguidamente, aquela militante socialista declamou poesias de Manuel Alegre tendo, na referência prévia que fez ao poeta, afirmado «alguns dizem que ele chegou há pouco tempo ao Partido, esquecem-se, porém, que há muito chegou ao Socialismo e ignoram a sua acção de militante revolucionário. A sua voz, aos microfones da

Rádio Portugal Livre foi, durante a noite fascista, o grito da esperança concretizada no 25 de Abril».

Magalhães Godinho começou por referir o clima criado ultimamente por algumas forças políticas, à volta do Partido Socialista tendo, nomeadamente, mencionado «ataques tão ignóbeis que basta que se pense como gente de bem (para além de perspectivas partidárias) para que se repudiem». Afirmaria, depois, com convicção: «estamos tranquilos, nada nos assusta, nos mete medo, sabemos defender sem remos os caminhos das liberdades que não de levar à construção do socialismo». Referindo-se às eleições, que se avizinham, disse que o Partido Socialista não é eleitorista considerando, no entanto, que «neste momento as eleições que se avizinham, são um passo muito grande no caminho da democratização que há-de levar ao socialismo em liberdade». Sobre o Plano Económico, recentemente publicado, disse que o Partido Socialista lhe dava todo o apoio, posição que aliás, deveria ser a dos restantes partidos da coligação, pois tal compromisso haviam assumido no Governo.

A figura de Manuel Mendes haveria, porém de ocupar a maior parte da exposição de Magalhães Godinho que enalteceu a sua estatura de cidadão, referiu com pormenor as acções de luta em que ambos colaboraram e mencionou o papel desempenhado pelo escritor no Movimento Nacional de Unidade Antifascista, no M.U.D., de cujo comité central fez parte, na campanha de Norton de Matos, como encarregado da respectiva propaganda política, e na guerra civil de Espanha. Apontou-o como expoente da longa resistência que permitiu o 25 de Abril.

A sessão terminou com o maior entusiasmo, entoando os presentes, em coro, a canção apresentada e o Hino Nacional.

ESCLARECIMENTO DO M.E.C. SOBRE CONVERSÇÕES COM O SINDICATO DOS PROFESSORES

No sentido de esclarecer algumas dúvidas levantadas a propósito da comunicação que, no passado dia 28 de Fevereiro, o secretário de Estado da Administração Escolar fez através da R. T. P., sobre o reajustamento dos critérios do professorado, aquela secretaria enviou um comunicado aos órgãos de informação em que explica algumas afirmações vivamente contestadas pelos professores, designadamente no que se refere à estreita ligação do Sindicato dos Professores com o M. E. C. durante as negociações.

É do seguinte teor o esclarecimento do M. E. C.:

«Logo na primeira sessão das conversações com o Sindicato dos Professores, no dia 31 de Janeiro, reconheceu-se a necessidade de o professorado ser devidamente esclarecido sobre a evolução do processo, esclarecimento, esse que deveria ser garantido, tanto pelo Sindicato como pelo próprio Ministério. Este foi, aliás, mais uma vez acusado de não ter uma política informativa adequada, o que conduziu a frequentes equívocos e dúvidas no seio do professorado.

Foi dentro desta ordem de preocupações que se inseriu a referida comunicação do secretário de Estado, a qual não

visou a desmobilização do professorado, mas apenas o conveniente esclarecimento deste quanto à posição do M. E. C., designadamente no respeitante aos condicionamentos de natureza nacional a ponderar na análise do problema das remunerações dos docentes.

Na sua intervenção, o secretário de Estado referiu que os trabalhos relativos à elaboração da proposta final do M. E. C. tinham decorrido em estreita ligação com o Sindicato

dos Professores, num clima que se procurou ser de abertura e de lealdade.

Não se pretendeu com isto dizer que o Sindicato tivesse colaborado com o M. E. C., nem sequer que tenha havido acordo por parte daquele em relação à posição final do ministério. Pelo contrário, o Sindicato deixou bem claro, na última sessão das conversações, a sua discordância relativamente a certos pontos do projecto ministerial.

"CATÁLOGO NACIONAL DE EMBALAGEM"

O Centro Nacional de Embalagem publicou o «Catálogo Nacional de Embalagem» (1974/75), com o qual procura pôr à disposição dos interessados um guia, de simples consulta, que inclui a quase totalidade das firmas mais importantes que fabricam a embalagem e fornecem os demais serviços a ela ligados: equipamentos, transportes, seguros, «design», etc.

O catálogo permite ao utilizador e ao consumidor terem uma mais alargada visão de

conjunto sobre o sector da embalagem, numa fase em que o desenvolvimento económico do País passa pela utilização racional e intensiva de todos os seus recursos e potencialidades.

A edição do «Catálogo Nacional de Embalagem» insere-se num conjunto de realizações que o Centro Nacional de Embalagem vem pondo em movimento, destacando-se, pela sua importância, o Laboratório Nacional de Embalagem e a Marca de Qualidade de Embalagem.

Excesso de participantes impede plenário de professores

O plenário de professores da Grande Lisboa que fora convocado para o passado sábado, teve de ser adiado para hoje ou amanhã, devido ao excesso de participantes que «A Voz do Operário», sala onde ele se deveria ter realizado, não podia comportar.

Com efeito, tendo aquela sala capacidade para 910 pessoas (o máximo, 1.300), albergava, ao momento em que o plenário começou, três mil, havendo ainda 500 que procuravam entrar, no meio da grande confusão que se estabeleceu.

O plenário fora convocado pela Comissão Directiva Provisória do Sindicato dos Professores a fim de serem debatidas as negociações e o reajustamento da letra, para além de ter sido abordado o problema duma professora do liceu Nacional de Almada que, desde que se encontra doente, não recebe os seus vencimentos.

O adiamento, dividida a assembleia em dois blocos, um a favor, outro contra, foi proposto e aprovado no meio de discussão acesa, chegando mesmo a existir ameaças de agressão.

O director da Sociedade «A Voz do Operário» viu-se na necessidade de subir ao palco para esclarecer que o salão não oferecia segurança e ain-

da que «não é propriedade exclusiva dos professores, mas de todos os trabalhadores».

A escassa meia hora que o plenário durou, adiado às 18 horas, deu ainda tempo, no entanto, para serem vivamente contestadas as afirmações proferidas pelo eng. Protes da Fonseca, secretário do Estado da Administração Escolar, na R.T.P.

Segundo a assembleia é falso que o Sindicato dos Professores tenha colaborado intimamente com o M.E.C. na elaboração da proposta do reajustamento de letra, embora não deixe de reconhecer que «tenha havido aproximações importantes».

COMUNICADO DO SINDICATO DOS PROFESSORES

Sob o título «o plenário que deveria ter tido lugar no sábado, dia 1», o sindicato dos Professores emitiu um comunicado em que se dá conta das ocorrências em «A Voz do Operário».

Nas suas linhas gerais salienta o texto que tudo foi tentado para conseguir uma sala com maior capacidade o que, não foi possível, apesar de todos os esforços enviados «quer pela Rádio pedindo que quem tivesse conhecimento de

salas com condições o comunicasse para a sede da zona, quer entrando directamente em contacto com casas de espectáculo, pavilhões gimno-desportivos de todos os clubes, edifícios dependentes da C.M.L. tais como o Pavilhão dos Desportos e a F.I.L., colégios particulares, como o S. João de Brito».

É em plenários anteriores, este, cujo ponto forte era exactamente o reajustamento da letra, tivesse uma assistência invulgar.

Nome de Bento Gonçalves para um bairro de Almada

O nome de Bento Gonçalves, primeiro secretário-geral do Partido Comunista Português, passará a figurar a partir de amanhã na toponímia de Almada, dando o nome ao antigo Bairro Arantes e Oliveira.

Numa breve cerimónia, marcada para as 11 horas, a Comissão Administrativa da Câmara de Almada irá concretizar o desejo expresso por centenas de moradores do bairro que se manifestaram a favor do nome do operário do Arsenal do Alfeite, morto no campo de concentração do Tarrafal.

folha oficial

Uma portaria do Conselho dos chefes dos Estados-Maiores das Forças Armadas aprovou e pôs em vigor o orçamento privativo das forças navais ultramarinas de Macau, com uma receita e despesa de 2 160 contos. Outra portaria diz respeito ao orçamento das forças aéreas ultramarinas de Cabo Verde — 4 400 contos.

Por decisão conjunta dos secretários de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Cultura e Educação Permanente vão ser criados cursos de ensino básico de Português em Pé-tange (Luxemburgo).

post scriptum

Continuação da pág. 3

mínimo problema, até que, no dia 26 de Dezembro de 1974, o cobrador dos Serviços Municipalizados de Oeiras se me apresentou em casa com um aviso para pagar a água.

Fui ao banco indagar o que se passava. Disse-me que tentasse saber nos S. M. O. a razão por que não tinham ido lá receber. Mediante o recibo do banco vi que tinha havido lapso, pois os S. M. O. teriam ido cobrar, não a Algés, mas ao B. N. U. de Oeiras, onde não possui conta.

Julguei então que o assunto estava arrumado, mas no mês seguinte apareceu um funcionário para me cortar a água (!) por falta de pagamento (!). Julguei haver mais uma vez engano e lá fui a Oeiras, com todo o transtorno, perda de tempo e despesa que isso ocasionava. Pois estavam os meses de Agosto e Setembro de 1974 no relaxe por falta de pagamento! Paguei o relaxe SEM TER CULPA absolutamente nenhuma, já que só pagando é que me abriam a água...

Como não houvesse, da minha parte, a mínima falta involuntária, escrevi uma carta ao director-delegado enviando em anexo os recibos no relaxe, recibos pagos por mim, pensando mais uma vez que o assunto ficaria reposto na devida ordem. E não é que a 24 de Janeiro se repete o mesmo censurável acontecimento? Vem um funcionário a minha casa para me retirar o contador — O CONTADOR!

Lá vou eu de novo a Oeiras e tudo se repete da mesma forma: sem pagar o relaxe não levantam a ordem do corte de água... Soube entretanto que o meu caso não é único. Outros se têm registado desde que passaram a trabalhar com um computador. Pergunto agora: terá o público de PAGAR OS DESACERTOS DE UM COMPUTADOR?

Abílio Antunes Dionísio — Algés

Computador, "go home"!

Uma questão de classes

Venho por este meio tocar um problema que, se já foi focado, tem sido, no fundo, bastante descurado. Quero referir-me à ocupação de casas nos bairros camarários por indivíduos que são proprietários ou arrendatários.

No momento em que tanto se discute o problema habitacional, é lamentável que se continue a deixar esses indivíduos ocuparem fogos de renda económica em detrimento de famílias economicamente débeis ou que vivem nas mais precárias condições de higiene.

O argumento de que se esses indivíduos, uma vez obrigados a recolher às suas casas (falo dos que são proprietários), iriam desalojar outras pessoas, não colhe. Reconheço que é um facto sim, mas mais passível de solução que o problema das famílias que precisam urgentemente, e verdadeiramente, de um tecto.

Concluindo: se vivemos numa sociedade de classes, as mais desfavorecidas têm de merecer prioritariamente a nossa atenção.

Alfredo Correia de Oliveira Cerqueira — Porto

De Silves, Ana Rosa

Mais uma vez me dirijo ao v. jornal, desta vez para fazer algumas considerações sobre o problema estudantil.

Começo por dizer que sou uma daquelas pessoas que neste momento poderia frequentar a Universidade se o facto de ser filha de gente pobre não me tivesse forçado a parar os estudos no 7.º ano liceal, que aliás já foi tirado em acumulação com um «part-time» num escritório. O meu caso pessoal não tem qualquer interesse, mas paralelamente não tenho qualquer dúvida em afirmar que os colegas de melhor aproveitamento e mais inteligentes que tive, tanto na Escola Técnica como no Liceu, não chegaram à Universidade pelos mesmos motivos que eu.

É por isso, e muito mais, que não posso admitir o que se passa actualmente nas escolas. Que querem afinal os estudantes: formar-se devidamente para colaborar na construção do novo País que queremos ser, ou arranjar o canudo? Parece-me que a grande maioria se enquadra na segunda hipótese. Se não como se justifica a obstinada recusa do Serviço Cívico? Será que os estudantes pensam que tiram emprego a professores se se empenharem numa campanha de alfabetização? Ou a enfermeiras se actuarem em campanhas de Educação Sanitária? Não lhes passou ainda pela cabeça a efectivação de actividades culturais como teatro para as populações do interior, que tão privadas de cultura estiveram e continuam a estar?

Há centenas de tarefas que os estudantes podem e devem levar a cabo, mas parece haver um número muito diminuto interessado nisso, talvez porque não sentiram o desgosto de querer entrar na Faculdade e terem de ir trabalhar. (...)

Ana Rosa — Silves

O Museu Nacional de Arqueologia e a gestão (colegial ou não?)

«Os funcionários do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia nunca tiveram reuniões conjuntas com qualquer Comissão Coordenadora das Actividades Arqueológicas do M. N. A. E. cuja existência ignoram. Nunca propuseram gestão colegial, que, e em seu entender, é de sua exclusiva competência. E apoiam a nomeação como director do museu do dr. Balthazar Oleiro, como já manifestaram ao M. E. C.»

Porque o texto acima transcrito, que nos foi enviado assinado por três pessoas que se consideram «a base» (pela base, dizem, apondo a seguir as suas assinaturas) diz respeito a uma notícia publicada neste jornal no passado dia 12 e porque a referência a essa notícia é inexata, sempre diremos que a Comissão Coordenadora a que o texto em epígrafe faz referência não foi referida neste jornal como Comissão Coordenadora do M. N. A. E., mas como Comissão Coordenadora de Actividades Arqueológicas, mais precisamente Comissão Coordenadora da Proposta de Decreto-Lei Regulador das Actividades Arqueológicas.

Quanto ao facto de «os trabalhadores do museu» nunca terem proposto gestão colegial para o mesmo, diremos, ainda, que recebemos, nesta Redacção, uma fotocópia de um abaixo assinado de trabalhadores do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, datado de 21 de Janeiro deste ano, através do qual se pedia a gestão colegial para o museu.

Neste momento, um grupo de funcionários do museu envia-nos, a par do texto acima, mais duas fotocópias, datadas

de 14 e 16 de Janeiro. Nelas se dá conta de que «os funcionários que criaram amor ao organismo» (museu) aguardavam que o mesmo fosse gerido por uma « direcção efectiva », em tempo inteiro, experiente e integra. Parece provado, portanto, que não se aludia, aqui, a qualquer forma de direcção, mas à conduta da mesma, e, se nos permitem, quer fosse colegial ou não.

E porque não uma direcção

colegial? Muitos arqueólogos, especialmente os mais jovens, estão fartos do regime de *padrinho*, como vem expresso no último comunicado da Comissão Coordenadora eleita em plenário de arqueólogos. Porque se não porá, afinal, termo a isso?

São estas as perguntas que nos fazem os elementos da referida Comissão Coordenadora. A eles, ainda ninguém respondeu...

Câmara Municipal do Barreiro

REPARTIÇÃO TÉCNICA

REPARAÇÃO ANUAL DE ARRUAAMENTOS
NO ANO DE 1975
EM DIVERSOS LOCAIS DO CONCELHO

ANÚNCIO

Faz-se público, de harmonia com a deliberação de 25 do corrente mês, que está aberto concurso público para adjudicação da empreitada acima mencionada.

Depósito de licitação 1 283 680\$00
Depósito provisório 32 092\$00

Alvará de empreiteiro — 1.ª subcategoria da 4.ª categoria e na classe correspondente ao valor da proposta.

As propostas devem ser apresentadas no prazo de vinte dias, contados a partir do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário do Governo» e a sua abertura terá lugar na primeira reunião da Câmara que se seguir ao termo do prazo fixado, pelas 15.00 horas.

O programa de concurso e o caderno de encargos estão patentes todos os dias úteis durante as horas de expediente na Repartição Técnica desta Câmara.

Barreiro, 26 de Fevereiro de 1975.

O Presidente da Comissão Administrativa
Dr. Helder da Silva Fráguas

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES

DIRECÇÃO-GERAL
DE TRANSPORTES TERRESTRES

ANÚNCIO

CONCURSO DE ATRIBUIÇÃO DO 2.º CONTINGENTE DE NOVAS LICENÇAS (300) PARA O EXERCÍCIO DA INDÚSTRIA DE TRANSPORTES DE ALUGUER, EM AUTOMÓVEIS TAXI, NA CIDADE DE LISBOA

Nos termos do número 16 do Programa de Concurso de atribuição do, segundo contingente de novas licenças (300) para o exercício da indústria de transportes de aluguer em automóveis táxi, na cidade de Lisboa, torna-se público que, nesta data, foi enviada, para publicação no «Diário do Governo», a segunda lista de classificação definitiva parcelar (45).

Esta lista estará patente ao público nos seguintes locais:

Direcção-Geral de Transportes Terrestres (Av.ª 28 de Maio, n.º 40 — Lisboa)

Direcção de Transportes de Lisboa (Av.ª 5 de Outubro, n.º 52-5.º — Lisboa)

Sindicato dos Motoristas do Distrito de Lisboa (Av.ª Visconde Valmor, n.º 34-1.º — Lisboa).

Lisboa, 28 de Fevereiro de 1975.

Manuel Campos de Almeida

FÉRIAS DA
PÁSCOA

5, 6, 7 ou 8 DIAS em
LONDRES

PARTIDAS:

Março 15, 16, 17, 19, 23, 24, 25 e 30

Preços excepcionais desde 3.210\$

5, 6, 7 ou 8 DIAS no
FUNCHAL

PARTIDAS:

Março 15, 17, 19, 24 e 25

Preços excepcionais desde 2.520\$

INCLUINDO:

Avião jacto ida e volta + Hotel + Transp.

em Terra + Visita + Assistência

• a vantagem dos voos especiais

ORGANIZAÇÃO EXCELENTE

abreu

fundada em 1840

LISBOA: Av. da Liberdade, 160 • Telex 32 00 21

PORTO: Av. dos Aliados, 207 • Telex 3 79 21

COMBRIA: Rua da Sota, 2 • Telex 2 70 11/2

FARO: Rua Cons. Bivar, 65 • Telex 25035/6

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

BANCO DO ALENTEJO

TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

Lisboa
Praça D. João da Câmara 16
Telex 32 60 45
Av. da República 3-B (ao Saldanha)
Telex 56 01 41
Rua do Ouro 52 • Telex 36 03 09

Nacional

CASA-MUSEU DE JOSÉ RÉGIO EM VILA DO CONDE

PORTO, 4 — Dentro de algumas semanas, admiradores e estudiosos poderão visitar em Vila do Conde a Casa-Museu de José Régio. Nela se guardam os manuscritos e desenhos do poeta, a sua biblioteca e valiosas peças de arte.

A ideia de Casa-Museu surgiu de um grupo de amigos de José Régio, logo após o seu falecimento. Constituíram-se em comissão e enviaram todos os esforços para a concretizar o que só agora aconteceu com a concessão, por parte da Fundação Calouste Gulbenkian, da verba de dois mil contos para a compra e arranjos necessários da Casa-Museu.

PINTORA PREMIADA

No «Concurso-Exposição Internacional da Camélia» realizado em Vigo, obteve o 1.º prémio (25 mil pesetas) a pintora portuguesa Helena Amaral. Foram apresentados no certame 22 trabalhos.

ANIVERSÁRIO DO P. C.

A fim de comemorar o 54.º aniversário da sua fundação, o Partido Comunista Português vai efectuar, na próxima quinta-feira, pelas 21 e 30, um

comício no Pavilhão dos Desportos do Palácio de Cristal.

PROFESSOR PARA TELESOLA

Na Telescola de Vila Nova de Gaia está aberto o concurso até 5 do corrente para recrutamento de um professor do ensino oficial para coordenar serviço de documentação.

Podem concorrer apenas licenciados ou bacharelados, sendo as funções desempenhadas em regime de comissão de serviço, com gratificação.

Os requerimentos de admissão ao concurso deverão ser enviados à Telescola, apartado 86, V.N. de Gaia. Todos os esclarecimentos serão dados pelo telefone 911480.

mitam a defesa dos seus direitos.

NOVOS DIRIGENTES DOS BARBEIROS

Realiza-se hoje, às 22 horas, na sede do Sindicato dos Barbeiros e Cabeleiros do Distrito do Porto, o acto de posse assembleia geral e direcção ficam os srs. José Maria Marinho e Armando de Jesus Almeida, respectivamente.

I MOSTRA FOTOGRÁFICA

Nos dias 4, 5 e 6 de Abril próximo, a Associação de Antigos Alunos da Escola Industrial e Comercial de Matosinhos vai efectuar, no ginásio daquela escola, uma exposição fotográfica.

O prazo das inscrições termina no próximo dia 22. Os regulamentos são fornecidos na sede da associação, na escola, e as inscrições serão feitas no mesmo local.

Poderão concorrer ex-alunos e outras pessoas interessadas.

CONTINUA A LUTA NA ESMALTAL

Após a ocupação das instalações sem paralisação de trabalho, motivada por manobras dos administradores tendentes a levar a firma à falência, e consequentemente lançar no desemprego os 200 trabalhadores, continuam estes a defrontar as manobras reaccionárias dos capitalistas, segundo um comunicado emitido pelos trabalhadores.

«Perante a situação de impasse — continua o comunicado — nós, trabalhadores, denunciamos: a comparação da administração unicamente para receber os seus ordenados; a saída para o Brasil de um dos administradores, deixando o seu representante sem poderes deliberativos; o lançamento da calúnia por parte de um administrador ao afirmar que os trabalhadores deram um voto de desconfiança à administração e que, portanto, já não assumiria a responsabilidade desta; a demagogia uma vez mais utilizada ao dizerem que estavam «com muita boa vontade de desenvolver a firma», o carácter divisionista de tais afirmações, que mais não visam lançar a confusão dando um aspecto de vítimas da situação por eles mesmo criada».

ESCOLA SUPERIOR DE BELAS ARTES

Efectua-se amanhã, pelas 9 e 30, uma reunião do Conselho Directivo de Arquitectura para ratificar a proposta do artigo 10.º do regulamento interno do Curso de Arquitectura efectuada pelo conselho directivo cessante. Discutir-se-á ainda o artigo 13.º daquele regulamento e proceder-se-á à inscrição dos alunos do 1.º ano.

EMPREGADOS DE CAFÉ NÃO FAZEM GREVE

Os trabalhadores de cafés, pastelarias e confeitarias do Porto reuniram-se ontem, à noite, no Círculo Católico, para decidir das medidas a tomar, em relação ao recente aumento da «bica» e liberalização de outros produtos.

Depois de terem conhecimento que, durante a tarde, a sua percentagem seria aumentada de 16 para 20 por cento, os trabalhadores decidiram-se a não ir para a greve, já que esta estava na sua mente, caso o assunto não fosse resolvido tão rapidamente.

ASSEMBLEIA GERAL DE PAIS

Efectua-se amanhã, pelas 21 horas, numa das salas do Liceu de Rodrigues de Freitas uma assembleia geral promovida pelos organizadores da Associação de Pais ou encarregados de educação da Escola Industrial de Fontes Pereira de Melo, que pretendem o lançamento das bases que per-

O SECRETÁRIO DOS TRANSPORTES ESTEVE EM MATOSINHOS

«As populações devem organizar-se de modo a intervir na política municipal» — declarou o secretário de Estado dos Transportes e Comunicações, dr. Ferreira Lima, que a convite da Câmara de Matosinhos visitou o concelho, conforme o «DL» noticiou na sua edição de ontem. Aquele membro do Governo acentuou, ainda, que as Câmaras vão dispor de verdadeiros orçamentos e que de-

vem ser as populações a indicar as obras prioritárias, não estando à espera que seja o Governo a resolver em Lisboa todos os problemas de todos os concelhos do País. O dr. Ferreira Lima apelou para o interesse dos municípios, declarando que da acção das populações é que sairão soluções para os problemas que as afligem.

Mantém-se a ocupação do Bairro da Cruz Vermelha

Em comunicado, a comissão dos ocupantes do Bairro da Cruz Vermelha, do Lumiar, procura rebater afirmações do eng. Caldeira Rodrigues, presidente da comissão administrativa da Câmara Municipal de Lisboa. Assim, relativamente aos rendimentos familiares de alguns dos ocupantes das casas, diz:

«Os números às vezes são enganosos e levam as pessoas a fazer juízos errados, à primeira vista. Mas nós também sabemos ver o que é justo e o que não é. Por isso temos uma comissão de moradores que está disposta a juntamente com pessoas do Gabinete Técnico da Habitação do Fundo de Fomento da Habitação e do M.F.A., formarem uma espécie de júri que irá estudar, caso por caso, e que decidirá quem são de facto os mais necessitados. O que não sucedia com a distribuição das casas antigamente, normalmente só os protegidos ou os que podiam «agradecer» é que levavam casa. A lista que existe no G.T.H. para essas casas é uma lista do tempo do fascismo, todos nós sabemos.»

E a concluir: «Mais uma vez dizemos em público que não queremos confrontos físicos com ninguém, nem civis nem militares. Queremos sim ver o nosso problema o mais depressa possível, resolvido. Estamos prontos a colaborar com a C.M.L. no sentido de regularizarmos a nossa situação. Queremos uma garantia de que ficamos, desta vez, a viver em casas decentes. Propomos-nos até a fazer desde já contratos de arrendamento com a Câmara. Tudo faremos para chegarmos a uma plataforma de entendimento, desde que nos não peçam para abandonar as casas de que tanto precisamos.»

URBANIZAÇÃO DO LUMIAR

Entretanto, o Município de Lisboa vai dar andamento ao Plano da Zona Central da Unidade e Ordenamento do Lumiar — Zona de Renovação Urbana.

Este plano foi elaborado pelos arquitectos João Braula Reis, Gravata Filipe, Vasco Croft, e J.A. Paradela, com a colaboração dos arquitectos paisagistas A.Viana Barreto e Reis Gomes, e dos engenheiros civis Adolfo Ferreira, Rómulo Esteves e Eurico Carrondo Tomé e do engenheiro electrónico A. Campos Machado.

Em linhas gerais, este plano obedece a uma tipologia de cinco células com edifícios de escritórios, habitação e comércio, que vão até catorze pisos, bem como edifícios de volume e apartamentos, faixas sociocomunitárias, parques de estacionamento de automóveis, centro cultural, armazém comercial de tipo «drugstore» e elementos comerciais.

EXPOSIÇÃO DO COMITÉ JOSÉ DIAS COELHO

O Comité José Dias Coelho, do Partido Comunista Português, inaugura esta tarde, às 18 horas, no Ginásio Sede do Pessoal de Siderurgia Nacional, uma exposição itinerante de artes plásticas, constituída por obras de pintura, escultura e serigrafia de vários artistas portugueses.

Preside à inauguração o actor e pintor José Viana, que às

21 horas dirigirá um colóquio sobre teatro popular. A intervenção de José Viana será continuada por outros artistas e intelectuais que comparecerão no local da exposição, até domingo, data em que o conjunto de obras partirá para outro lado. Entre eles, conta-se Manuel Augusto de Araújo, que no próximo sábado, às 21 horas, fará um colóquio sobre Arte.

“APPLIED MAGNETICS”:

A LUTA CONTINUA

Trabalhadores da multinacional «Applied Magnetics» manifestaram-se ontem, ao fim da tarde, diante do Ministério do Trabalho contra o desemprego e pelo salário mínimo nacional.

De facto, desde fins de Julho do ano transacto que se encontram sem trabalho cerca de seiscentos operários da «Applied». Cecil Fraser, patrão norte-americano que se ausentou já para os Estados Unidos recusou-se, então, a satisfazer diversas reivindicações dos trabalhadores, nomeadamente as respeitantes a salários e a horários de trabalho. Face à determinação da luta desencadeada pelos operários, que chegaram a entrar em greve, o norte-americano encerrou a fábrica, e lançou no desemprego as seis centenas de trabalhadores, na sua grande maioria mulheres.

O Ministério do Trabalho, perante esta situação, passou a pagar-lhes o subsídio de desemprego (2200\$00), cujo pagamento foi suspenso no passado mês de Janeiro. Nestes termos, não foi de estranhar que ontem os desempregados da «Applied» apoiados por trabalhadores da Mocar e dos vinhos Camilo Alves, se manifestassem diante daquele departamento governamental defendendo o direito ao trabalho e pagamento do subsídio de desemprego, que segundo os mesmos trabalhadores deveria ser igualado ao salário mínimo nacional.

Durante a manifestação, um porta-voz dos trabalhadores salientou que pretendiam também que o Governo tomasse providências no sentido de a «Applied» americana pagar os 16 mil contos que deve à «Applied» portuguesa.

Duplica a taxa de serviço nos cafés

A taxa de serviço nos cafés, bares, cervejarias, botequins, pastelarias, confeitarias, salões de chá e leitarias passa a ser de 20 por cento por determinação do Governo, segundo um despacho das Secretarias de Estado do Comércio Externo e Turismo e do Trabalho hoje divulgado.

Esta percentagem incide sobre os preços de venda dos produtos exceptuando-se o café-bebida, o carioca de café e o carioca de limão, cujos preços foram recentemente fixados.

Recorde-se que a taxa normalmente praticada por estes estabelecimentos era de 10 por cento. O aumento agora estabelecido é justificado, no preâmbulo do despacho pela «necessidade de melhorar as condições de trabalhadores da indústria hoteleira e similar» cuja remuneração é obtida essencialmente através da taxa de serviço, considerando que essa necessidade se faz sentir sobretudo em relação aos estabelecimentos em que se verificam os menores consumos.

POR NÃO QUEREREM FILIAR-SE...

O P.P.D. DESPEDIU QUATRO TRABALHADORES

O Partido Popular Democrático (P. P. D.) despediu quatro trabalhadores da Secção Técnica, por não quererem filiar-se no partido. Os referidos trabalhadores tinham sido admitidos em 18 de Junho da altura, a questão da filiação não lhes foi posta, apenas tendo ficado assente que nenhum deles poderia inscrever-se noutra partido. Naturalmente que a sua admissão ficou também condicionada pelo facto de algum ter pertencido ao ex-P. I. D. E. e ou à ex-L. P.

Seis meses depois, e sem que nada o fizesse supor, um dos dirigentes do P. P. D. levantou o problema da filiação e os quatro trabalhadores acabaram por ser despedidos em 7 de Fevereiro por não quererem filiar-se. Entretanto, sabe-se que outros aceitaram a exigência.

Os trabalhadores despedidos desenvolviam a sua actividade na sede do P. P. D. na Av. Duque de Loulé, onde o partido ocupa um moderno edifício de sete andares.

Associação de pais no Liceu D. Dinis

Foi criada a Associação de Pais e Encarregados de Educação dos Alunos do Liceu D. Dinis, com sede nas instalações do próprio Liceu. A Associação, segundo o exarado nos seus estatutos, agora certificados por escritura, tem como finalidades essenciais «fomentar uma colaboração permanente entre os alunos, corpo docente e famílias, e criar e manter condições para a efectiva participação destas últimas na tarefa educativa que em comum lhes compete.»

Lembramos que o Liceu D. Dinis, situado nos Olivais, é um «caso» com os seus 4200 alunos distribuídos pela sede e duas secções, Chelas e Prodac, com problemas directamen-

te ligados ao funcionamento da comissão de gestão que, após uma série de assembleias de escola, se demitiu. Neste momento o Liceu encontra-se em greve. Compete ainda à Associação manter os pais e encarregados de educação «informados sobre a vida do Liceu», promover contactos com outras associações congêneres, estudar «os problemas da educação», e proporcionar e desenvolver «condições de participação dos pais e encarregados de educação na resolução dos mesmos». Por outro lado cabe-lhe «intervir junto dos órgãos de gestão do Liceu para a apresentação de problemas da vida escolar, gerais ou particulares».

Registe-se que nos liceus de Aveiro e Vila Nova de Gaia, por exemplo, a confrontação física entre pais, encarregados de educação e alunos esteve iminente, sendo mesmo necessária, em Aveiro, a intervenção das Forças Armadas. «Contra

a repressão familiar» é já uma das palavras de ordem da greve estudantil. Por outro lado, os professores sentem-se neste momento divididos, com posições opostas, como é o caso dos professores de liceus que apoiam a greve e de outros que a rejeitam. Saliente-se ainda que muitas das comissões de gestão têm ameaçado demitirem-se, como aconteceu nos liceus de Évora e Aveiro, ou foram demitidas, à semelhança

do processado no Liceu D. Dinis.

Segundo os estatutos, cabe ainda à Associação «contribuir para o desenvolvimento e fortalecimento das relações de convivência entre professores, alunos e funcionários, e famílias».

Lembremos também que na maior parte das ocupações dos estabelecimentos de ensino, na sequência da decisão de entrar em greve, é proibido o acesso dos professores ao interior da escola, acontecendo mesmo (caso do Liceu de Queluz) formarem-se fileiras de alunos para vaiarem os professores, que neste momento se acham desautorizados e responsabilizados o M. E. C. de não definir uma política de ensino sem ambiguidades.

Estrangeiro

Endurecimento em Espanha?

Reforma constitucional em Espanha? «Não seria nem necessária, nem conveniente, nem oportuna». Evolução do Movimento «Os seus princípios são intangíveis e não podem estar sujeitos a revisões ou a debates». Algo de novo na secular questão das nacionalidades, basca ou catalã? Uma regionalização política só viria reanimar as «tristes recordações» das Repúblicas, de inspiração federal de 1873 e de 1931. A demissão do ministro do Trabalho, de la Fuente? Esse «colaborador de velha data» tinha «cumprido o essencial da sua missão».

A entrevista de Arias Navarro, chefe do Governo — a primeira do género desde a invenção da televisão! — terá fechado mais portas do que abriu. O tom do seu discurso, frequentemente muito duro,

apontava claramente para o franquismo mais tradicional. A recusa de qualquer reforma constitucional desmente, todos aqueles que pensavam que Arias Navarro teria tacitamente apoiado a abortada tentativa de Fraga Iribarne para criar uma associação política, certamente reformista, mas conservadora, a ponto de os espanhóis a terem baptizado de «Santa Aliança».

A posição intangível do regime, no tocante ao problema das nacionalidades traduz a sua incompreensão pela vaga de greves que sublevam toda a Espanha, desde o Outono de 1974, e que atingiu no Norte do país uma amplitude raramente igualada. Mostrando-se indiferente perante a demissão do ministro do Trabalho, Arias Navarro deixa entender que considera subalterno o proble-

ma que justificou essa demissão — as modalidades da legalização do direito à greve.

Em comparação, a proclamação da integridade dos princípios do Movimento, aparece como algo tranquilizante. Demonstra especialmente a recusa do Governo em admitir que os mais duros elementos do franquismo reconstituam juntas de ofensiva nacional (JONS), cuja fusão em 1934 com a Falange espanhola fez nascer o Movimento.

A questão não está tanto em saber se o chefe do Governo espanhol poderá ou não cumprir, pelo menos parcialmente, o seu programa de abertura, mas sim em ter a certeza, se ele conseguirá evitar um regresso às origens «puras e duras» do franquismo.

Com efeito, de que valerá a garantia dada por Arias Navarro, de que a lei sobre as associações será suficientemente vasta, de modo a acolher todas as correntes, excepto o comunismo e os separatismos? Uma promessa como esta será conciliável com a reafirmação da onnipotência do Movimento... expressamente designado como o tutor das outras associações? Será ela digna de crédito, uma vez que as reformas anunciadas pelo chefe do Governo têm vindo a ser umas após as outras, de tal modo modificadas que se tornam irreconhecíveis? É significativo que o ministro do Trabalho, falangista convicto e orgulhoso de o ser, tenha querido voltar-se para a esquerda, recusando as excessivas restrições postas ao seu projecto de legalização do direito de greve.

Algo de patético existe na afirmação feita por um homem,

que se pretende reformador, que ao general Franco, com 82 anos, e, para mais, doente, baste apenas fazer um gesto para que «o rumo apareça claramente». Irrisório é ouvir assegurar que aqueles que «se colocam na reserva» deverão ter a «paciência de Job», enquanto inumeráveis resistentes da última hora tentam actualmente fazer-se passar por opositores. Inquietante é ouvir que «o Governo dispõe, graças às forças da ordem, de mais meios do que os que precisa, para esmagar inexoravelmente qualquer tentativa de subversão».

© «Le Monde»

“LA PASIONARA” PREVÊ GRANDES MUDANÇAS

MOSCOVO, 4 (ANI) — «A Espanha está no limiar de grandes modificações políticas de conteúdo democrático, e a ditadura já é impotente para impedir essas mudanças» — escreve no jornal «Pravda» Dolores Ibarruri, «La Pasionara», presidente do Partido Comunista Espanhol.

«O fosso entre a sociedade espanhola, entendida no seu conjunto, e o regime existente é tão grande que começou já a tornar-se realidade uma ruptura entre eles» — observa, acrescentando:

«O Governo é ainda ca-

paz de prosseguir uma dura política repressiva, mas já não está apto a impedir o crescimento e o desenvolvimento da luta contra o regime.»

Salientando que a Junta Democrática formada no ano passado «deu um poderoso impulso ao movimento nacional contra a ditadura», Dolores Ibarruri conclui:

«As acções de massa e posições democráticas de consideráveis camaradas políticos na Espanha, indicam que se aproxima o momento da transição para uma acção democrática nacional em larga escala».

FIM DE UM PRIVILÉGIO DE FIRMAS PETROLÍFERAS

WASHINGTON, 4 — (F.P.) — A Câmara dos Representantes votou na quinta-feira à noite a abolição de um dos mais velhos privilégios fiscais das companhias petrolíferas americanas, a «reserva para reconstrução de jazidas», que custava cada ano ao Tesouro americano qualquer coisa como 2500 milhões de dólares.

Esta devolução, que é suprimida retroactivamente a contar de 1 de Janeiro último, destinava-se a encorajar a procura de novas jazidas de petróleo e permitia às companhias americanas, desde há 50 anos, deduzir dos seus lucros sujeitos a imposto até 22 por cento das receitas brutas provenientes dos lençóis de petróleo e das bolsas de gás que exploram.

A Câmara, ao mesmo tempo que votou a eliminação da re-

serva petrolífera, aprovou reduções fiscais a favor das empresas e dos particulares, sejam cinco mil milhões de dólares mais do que propunha o presidente Gerald Ford. Estas medidas fiscais de incremento podem vir a agravar o défice orçamental que acusa já uma subida de 54 mil milhões de dólares para o ano fiscal de 1976, que se inicia em 1 de Julho próximo.

Este conjunto de medidas fiscais poderia vir a ser repositado em questão pelo Senado, que ainda tem que se pronunciar, pela sua parte, acerca do programa de incremento da Casa Branca.

PRIMEIRO PASSO NAS CARAÍBAS PARA A INTEGRAÇÃO ECONÓMICA

HAVANA, 3 — (ANI) — O vice-ministro dos Negócios Estrangeiros do México, Ruben Gonzalez Sosa, afirmou em Havana que a nova Empresa de Transportes Marítimos internacional das Caraíbas assegurará a exploração integral dos recursos naturais pelos países da região.

A participação de Cuba na empresa, devido ao grande desenvolvimento marítimo e portuário do país, é um factor im-

portante.

Este será o primeiro passo para a integração económica e industrial, pois promoverá mais comércio e laços culturais entre as nações da área — acrescentou Sosa.

É provável que, depois da criação desta empresa, com capital governamental, se tenham de organizar outras companhias multinacionais para explorar ao máximo os nossos recursos nesta zona — obser-

vou.

Gonzalez Sosa chegou a Havana na terça-feira à frente de uma delegação, a fim de convidar Cuba a participar na nova empresa multinacional.

Numa entrevista para a «Prensa Latina», o membro do Governo mexicano indicou que a nova empresa teria de enfrentar a oposição dos consórcios transnacionais, especialmente dos Estados Unidos, que controlam o sector dos transportes marítimos.

Todavia — sublinhou — isto não afectará a posição dos Governos participantes que apoiam plenamente o projecto, que começará a ter forma concreta provavelmente no fim deste ano.

A reunião consultiva da empresa naval multinacional está marcada para 6 de Maio, em San José da Costa Rica.

Os presidentes do México, Costa Rica, Venezuela, Jamaica, Trinidad-Tobago e Barbados anunciaram já que os seus países contribuirão para a formação da empresa.

O vice-ministro salientou o «apoio franco e firme» dado por Cuba à criação da nova organização e descreveu como positivas as conversações com as autoridades cubanas.

Tanto o Governo cubano como nós — notou — queremos tornar a empresa num empreendimento realista e não burocrático, que sirva realmente os interesses de todos os países da área.

Durante a sua visita ao porto de Havana, Sosa mostrou-se impressionado com o «desenvolvimento surpreendente» de Cuba no campo das obras portuárias e com a moderna tecnologia das instalações.

HAVANA, 4 — (Por Luis Pedemonte, da Prensa Latina — exclusivo da ANI em Portugal) O estado de sítio e a lei marcial na Nicarágua simbolizam a influência que a lendária figura de Augusto César Sandino, 41 anos após o seu assassinio em 21 de Fevereiro de 1934, ainda exerce.

Enquanto os herdeiros do seu assassino, Anastasio «Tacho» Somoza, detêm o poder e os privilégios com base na repressão, a juventude da nicarágua adoptou os ideais de Sandino e ataca o regime.

Trabalhadores, camponeses e estudantes, agrupados na

Frente Sandinista de Libertação Nacional, repetem as palavras do herói das montanhas de Segovia: «Antes morrer pelo fogo como um rebelde do que viver como um escravo».

Os acontecimentos depois da morte de Sandino e o que tem ocorrido na Nicarágua nos últimos anos mostram que a chama da libertação acesa pelo lendário guerrilheiro há mais de quatro décadas não se extinguiu.

A existência de grupos guerrilheiros nas zonas rurais e urbanas tem sido admitida várias vezes pelo próprio Governo.

Em 27 de Dezembro último, um «comando» da FSLN ocupou uma casa em Managua, tomou como reféns várias personalidades do Governo e conseguiu a libertação de mais de doze prisioneiros políticos. Quatro dias mais tarde os 13 raptos e os 14 prisioneiros políticos libertados saíram do país.

Vinte e quatro horas depois, Anastasio Somoza Debayle, filho do «Tacho» e presidente, declarou a lei marcial e o estado de sítio.

A fraqueza do Governo, apesar do seu poder militar e o auxílio na repressão que recebe dos Estados Unidos e do Brasil, foi tão evidente como o espírito militante dos herdeiros de Sandino.

Em sete anos de luta, os guerrilheiros sandinistas tive-

ram nada menos de 515 encontros com tropas dos Estados Unidos, em número nunca inferior a cinco mil, sem contar com os mercenários locais que as apoiavam.

Quando as vitórias dos guerrilheiros, apesar da abissal diferença de número e de material de guerra, forçaram as tropas de ocupação a uma ignominiosa retirada a 2 de Fevereiro de 1933, os mercenários foram organizados em guarda nacional.

«Enquanto o Movimento de Resistência Sandinista utilizou uma táctica militar correcta (a guerrilha) não teve uma estratégia política correcta» — comentou a FSLN.

Embora Sandino mantivesse o seu exército por mais um ano, alguns dos seus colaboradores imediatos persuadiram-no a por fim à rebelião armada porque acreditavam sinceramente nas promessas da oligarquia governante.

Em 21 de Fevereiro de 1934, depois de um jantar com o presidente Juan Sacasa, Sandino foi morto a tiro por lacaios de «Tacho» Somoza que em 1937 tomou as rédeas do Governo para implantar a ditadura.

Desde então um ou outro Somoza tem dominado a cena política do país, mas o grito de Sandino «liberdade ou morte» continua a juntar homens e mulheres à volta do estandarte da luta pela liberdade.

UM CAPITALISTA BRITÂNICO CRITICA AS MULTINACIONAIS

LONDRES, 4 (ANI) — As críticas às enormes companhias multinacionais, muitas vezes chamadas «Estados dentro de Estados», encontraram um aliado inesperado na pessoa de um importante negociante britânico, que afirma ter terminado a era das gigantescas fábricas.

«Sir» Frederick Catherwood, presidente do Instituto Britânico de direcção de empresas, declarou que as fábricas gigantes são muito vulneráveis às paragens feitas por pequenos grupos de trabalhadores.

Catherwood falou recentemente numa reunião do conselho das Instituições de Engenharia Britânicas, onde abordou os problemas dessas grandes empresas.

Segundo afirmou, as boas relações de trabalho, os transportes, o salário e as condições de trabalho eram vitais. Numa análise final, a confiança humana é mais importante que

o regulamento.

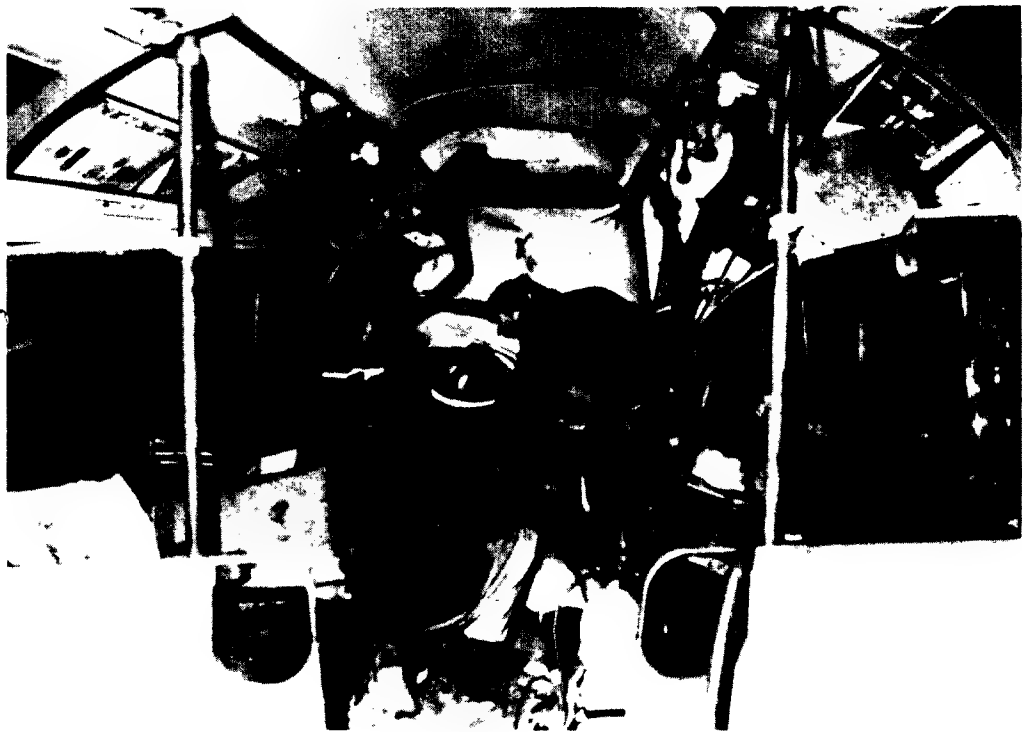
A vulnerabilidade das grandes empresas afasta delas os clientes. Futuramente, as fábricas serão mais pequenas, mais espalhadas por todo o país, enquanto as companhias diminuirão os seus lucros, mas reduzirão também os seus riscos.

Catherwood afirmou ainda que a montagem final seria duplicada, e as técnicas de produção, estabelecidas de modo a não haver estrangulamentos.

Criticou também os grupos financeiros, que, segundo afirmou, se destinavam a aumentar os lucros da companhia «Holding».

Isso obriga outras companhias a fundirem-se, numa atitude defensiva, baseada na proporção da sua dimensão.

No entanto, em sua opinião, era agora que se começavam a registar os primeiros abalos nas grandes empresas, e muito especialmente nos monopólios do Estado.



Uma brigada de socorros procura os corpos das vítimas numa das carruagens do metropolitano de Londres, envolvidas, na passada sexta-feira, num acidente que causou 37 mortos. (Foto Keystone)

Estrangeiro

Esperados novos bombardeamentos na capital do Camboja

PHNOM PENH, 4 (R.) — A capital do Camboja, totalmente cercada, prepara-se hoje para novos bombardeamentos com foguetões, após os Khmers vermelhos causarem num só dia, um dos mais violentos ataques desse género contra a cidade, o maior número de vítimas, desde que a actual ofensiva principiou, há mais de dois meses.

Perderam a vida 19 pessoas e, pelo menos, mais 25 ficaram feridas, quando 15 foguetões caíram ontem, no centro de Phnom Penh e outros 15 se despenharam no aeroporto de Pochentong, 15 quilómetros a Oeste.

Uma «ponte aérea» maciça, organizada pelos norte-americanos, tem estado, na última semana, a trazer para a cidade, munições, víveres e carburante, urgentemente necessários.

Fontes militares fidedignas anunciaram ontem, que tropas governamentais tinham conseguido, até certo ponto, fazer recuar os Khmers vermelhos, que avançam sobre o aeroporto, não se conhecendo mais pormenores.

Segundo notícias não confirmadas, os rebeldes tentam transferir para dentro do raio de acção do aeroporto, artilharia de 105 mm, capturada de fabrico americano.

CONGRESSISTAS DIVIDIDOS

WASHINGTON, 4 (ANI) — Abalados pela brutalidade da guerra, regressaram ontem da Indochina oito membros do Congresso norte-americano, que ali se deslocaram numa

missão de investigação de factos, que os deixou divididos quanto à questão de se prestar ou não auxílio militar adicional ao Vietnam do Sul e ao Camboja.

Numa conferência de Imprensa, dada em clima muito emocional, o deputado Bella Abzug, democrata, denunciou o envio de 522 milhões de dólares, sob a forma de auxílio militar de emergência, aos dois países que na sua opinião servirá apenas «para causar mais mortes». E continuou, proclamando: «Penso que temos tremendas obrigações para com o povo.

«Esquecemos que há gente no Vietnam do Sul e no Camboja e que essa gente não progride com a guerra. Limita-se a ser destruída».

O senador Dewey Bartlett, republicano, declarou sentir que

os Estados Unidos estavam definitivamente comprometidos a manter o auxílio militar ao Vietnam do Sul.

Bartlett preveniu também que, se o Congresso não aprovar, num prazo de duas semanas, o envio de auxílio militar suplementar, «haverá um banho de sangue de grandes proporções no Camboja».

PROVÁVEL LIBERTAÇÃO DE LORENZ AINDA HOJE

BERLIM OCIDENTAL, 4 (ANI) — Peter Lorenz, candidato democrático cristão ao cargo de burgomestre de Berlim Ocidental, raptado na quinta-

PERUANAS ALISTAM-SE NAS FORÇAS ARMADAS

LIMA, 4 — (A. N. I.) — As raprugas peruanas com 18 anos de idade começaram ontem a alistar-se em todo o Estado do Peru para cumprirem serviço militar.

Esta nova extensão na lei do serviço militar peruano aceita o recenseamento das mulheres para as Forças Armadas em tempo de paz e torna-o obrigatório em tempo de guerra.

As mulheres voluntárias com as qualificações exigidas podem ser aceites no Exército, Marinha e Força Aérea, a fim de receberem treino militar, incluindo o uso de armas de guerra, condução de camiões militares e noções básicas de administração militar.

A extensão inovadora da lei do serviço militar foi razoavelmente bem aceite na área da cidade de Lima.

feira de manhã, enviou uma mensagem de 90 segundos, até agora o único sinal verbal de que estava vivo.

A mensagem, gravada numa «cassette» que chegou no domingo à sede da Polícia de Berlim Ocidental, dizia:

«Por favor saudem a minha mulher».

Depois, Lorenz pormenorizou as exigências dos seus raptores, sublinhando:

«Os meus guardas deram-me a palavra de honra que eu seria solto sem prejuízo do corpo ou do espírito, se as autoridades alemãs libertassem seis dos seus companheiros detidos.»

Os raptores enviaram também para a sede da Polícia duas fotografias de Peter Lorenz.

Entretanto, os cinco guerrilheiros urbanos que aceitaram ser libertados ficaram hoje em Aden, enviando de regresso a Berlim o político que os acompanhava.

Os cinco guerrilheiros urbanos, que se encontram em Aden, transmitiram uma mensagem em código para os seus companheiros na Alemanha Federal, como sinal para a libertação de Peter Lorenz.

REACÇÕES

BONN, 4 — (F.P.) — Parte da Imprensa conservadora alemã lamenta as concessões feitas por Bonn para salvar Peter Lorenz, após uma campanha orientada para a defesa da lei e da ordem.

A atitude do Governo federal recebeu contudo o apoio dos principais dirigentes da opo-



Uma das novas fotografias do dirigente cristão-democrático de Berlim Ocidental, Peter Lorenz, enviadas à Polícia pelos seus raptores. Além das fotografias, os raptores enviaram também uma «cassette» com uma mensagem gravada do rém. (Telefoto UPI-Telimprensa)

sição e de parte considerável da população, embora aquela reclame um reforço dos meios de policiamento e as tomadas de posição favoráveis a uma atitude menos liberal se façam ouvir cada vez com maior força.

24 horas no Mundo

O Conselho de Ministros de Espanha decidiu suspender, por três semanas, a partir do segundo número deste mês, a revista «Cambio-16». Além disso, o director da revista foi condenado a pagar uma multa de 100 mil pesetas (cerca de 50 mil escudos). Entretanto, explodiu uma bomba nos arredores de Madrid. Não houve vítimas nem estragos importantes.

Morreram 19 pessoas e 25 ficaram feridas no centro da capital do Camboja, onde caíram vários mísseis disparados pelos Khmers vermelhos, que apertam o cerco a Phnom Penh.

Após dez horas de voo, motivadas pelas recusas de permissão de aterragem por parte dos Governos da Síria, Líbia e Etiópia, pousou no aeroporto de Aden (Iemene do Sul) o Boeing-707 da Lufthansa que transportou de Frankfurt cinco anarquistas alemães ocidentais, libertados da prisão como resgate pela vida do chefe dos cristãos-democratas de Berlim-Ocidental, Peter Lorenz. Es-

tê deverá ser libe do quando o pastor Heinrich Albertz, que se ofereceu para acompanhar os anarquistas no avião, regressar a Berlim.

O novo Governo tailandês tenciona encerrar as bases americanas existentes no país. Prazo previamente fixado: 18 meses. Entretanto em Washington, o senador Mike Mansfield declarou que a presença militar dos E. U. A. no estrangeiro tem sido excessiva.

A Imprensa cipriota revela que o arcebispo Makários, presidente de Chipre, vai a Moscovo pedir auxílio militar e diplomático à U. R. S. S.

O general Óscar Bonilla, ministro da Defesa do Chile, morreu no que foi descrito, como um acidente de helicóptero. Pereceram ainda mais cinco pessoas.

A agência oficial da R. D. A. anunciou o falecimento de Otto Winzer, de 73 anos, antigo ministro dos Negócios Estrangeiros da República Democrática Alemã.

Champô ACTIV procura 10.000 pessoas desesperadas com problemas de caspa.

Muitos produtos prometem acabar com a caspa. Mas se você continua com caspa, é de si que estamos à procura.

Porque ACTIV elimina mesmo a caspa. Naturalmente que você tem todo o direito de duvidar. Mas ACTIV é tão eficaz que, estamos certos, logo que o experimente ficará convencido.

Escreva-nos e enviar-lhe-emos um tubo grátis.

Preencha este cupão para receber um tubo de champô ACTIV.

☐ Experimentei os seguintes champôs anticaspa:

☐ Peço que me enviem um tubo de champô ACTIV grátis.

Nome: _____

Morada: _____

Envie o cupão para:

GILLETTE PORTUGUESA, LDA.
Apartado 4117 - LISBOA

Enviaremos um tubo de champô ACTIV grátis às primeiras 10.000 pessoas que nos remeterem este cupão devidamente preenchido.



ACTIV sim. Elimina a caspa.
É verdade!



Estrangeiro

OS MILITARES E A POLÍTICA NA AMÉRICA LATINA — I

A América Latina foi, durante muito tempo, considerada como a terra de eleição para «pronunciamentos» militares. Legenda negra abusiva, tão caricatural como o relato da revolução mexicana, primeira revolta agrária vitoriosa no mundo, reduzida à imagem de um general armado até aos dentes debaixo de um grande chapéu de palha.

Uma rápida análise dos regimes, directa ou indirectamente controlados pelos militares, a Sul do Rio Grande, permite detectar os diferentes níveis de desenvolvimento político. A raça dos «caudillos» não está extinta. O homem, que de metalhadora em punho, utiliza a força de uma milícia ou de um grupo de soldados para assegurar o seu domínio pessoal sobre uma nação, ainda não desapareceu totalmente. Não é de surpreender que os encontremos ainda nas regiões mais atrasadas da América Central e nas Caraíbas, regiões onde o subdesenvolvimento cultural e económico atinge exactamente os níveis mais baixos. O «caudillo» deixou, no entanto, de ser transformado num personagem arcaico, anacrónico, ridículo aos olhos dos seus compatriotas, submetidos apenas pela força do hábito.

Mesmo na América Central, os militares são atingidos pela febre reformista, ocasionalmente proclamando-se revolucionários. As forças armadas intervêm agora um pouco por todo o lado enquanto instituição, transformando-se em formações políticas que se pretendem substituir aos políticos incapazes ou corruptos.

O Exército instituição é naturalmente encarregado da defesa nacional. Nem todos os conflitos de fronteira são resolvidos, e a lembrança das guerras do século dezanove mantêm vivos certos receios que favorecem a corrida aos armamentos. Um equipamento tecnologicamente avançado e um treino intenso são as mais das vezes postos ao serviço de tarefas de simples policiamento e de restabelecimento da ordem. No entanto, a imagem demasiado simplista de um Exército, cão de guarda da burguesia e da oligarquia, tem de ser realmente revista. O desprezo que as classes dirigentes votaram aos seus militares de carreira, volta-se agora contra eles.

Em última instância, os exércitos pretendem definir e aplicar os «modelos» de desenvolvimento. Na América Latina, são significativos o caso do Brasil e do Peru, países on-

de a tomada do poder se explica, no entanto, por motivações radicalmente diferentes. Nestes dois países, nomeadamente, o poder de atracção foi sendo lentamente corroído por razões igualmente diferentes.



Cada um para si e o «Tio Sam» para todos. Os militares brasileiros admitem que o «milagre» económico não permite que se abstraia do factor político. E os peruanos apercebem-se de que é impossível conseguir uma revolução sem a participação real das massas. Uma força cega, das mais brutais terminou no Chile, de um dia para o outro com um modelo exército democrático, que datava de há décadas. Os militares argentinos depois de terem consentido no regresso dos civis e de um reclamado a torto e a direito «peronismo» interrogam-se agora sobre o tempo que este parêntesis ainda poderá durar.

A fronteira entre «ditadura militar» e «regime constitucional» é menos nítida do que na época — estava-se em vésperas da segunda guerra mundial — em que o venezuelano Romulo Betancourt a erigia em doutrina de Governo. Os mapas, a preto e branco são enganadoras. As linhas de demarcação também passam pelo interior das nações e pelo seio das Forças Armadas de um mesmo país.

BOLÍVIA: ELEIÇÕES PARA AS CALENDAS GREGAS

Chegando à presidência a 23 de Agosto de 1971, na sequência de um sangrento golpe de Estado, o general Hugo Banzer, conseguiu, contra todas as previsões, derrubar os «complots» tramados contra ele, tanto no seio das Forças Armadas como por parte dos partidos. Soube conservar a confiança dos militares que o auxiliaram, em Junho e Novembro de 1974, a dominar rebeliões de oficiais descontentes. Porém também perdeu os apoios de que beneficiava em certos meios políticos. Depois de ter associado o seu Governo ao Movimento nacionalista

revolucionário do ex-presidente Victor Paz Estenssoro e à Falange, foi obrigado a constituir um gabinete puramente militar. A quase totalidade dos dirigentes políticos esperam no exílio por eleições gerais, várias vezes anunciadas mas regularmente anuladas. Para ganhar tempo, o chefe do Estado deixa entrever a possibilidade de uma consulta eleitoral ainda para este ano. Não será no entanto de excluir, que o exército, cansado de reprimir, tanto os camponeses como os mineiros do Altiplano force o general a manter as suas promessas

BRASIL: DEZ ANOS DE PODER ABSOLUTO

Quando Getúlio Vargas, em Agosto de 1954 abandonou a cena política suicidando-se com um tiro na cabeça, o exército era já uma dessas «forças obscuras» que vigia-

vam a democracia brasileira. Dez anos mais tarde, em Março de 1964, é um regime fraco e indeciso que as forças armadas derrubam sem problemas. Sob a direcção do marechal

Castelo Branco, que a 15 de Abril assume a presidência da República, elas iniciam, em nome de um «anticomunismo» perfeitamente forçado, uma repressão que nem sequer poupa os dirigentes políticos inicial-

mente favoráveis ao golpe de estado.

No entanto, mal a oposição tenta levantar a cabeça, os militares estabelecem uma verdadeira ditadura; o marechal Castelo Branco tinha-se esforçado em preservar as aparências da democracia, porém o seu sucessor, o marechal Costa e Silva que, a 14 de Dezembro de 1968, decreta o Acto Institucional número cinco através do qual assume poderes discricionários.

Obcecados pela ordem, os militares brasileiros a partir dessa data redobram os esforços, para eliminar os contestatários, mesmo na própria Igreja católica, último baluarte contra os abusos do Poder. Elevada a nível de instituição, a tortura abateu a resistência de algumas centenas de jovens que procuram na acção directa a sua participação política. Nestas condições, o regime conseguiu realizar um programa de acumulação capitalista rápido, baseado na abertura sem restrições aos capitais

PARAGUAI. UM GENERAL INAMOVÍVEL

O general Alfredo Stroessner, reeleito cinco vezes para a presidência da República, desde a sua chegada ao Poder em 1954 no seguimento de um golpe de Estado, detém um dos recordes de longevidade política na América Latina.

O general Stroessner instaurou no país uma ditadura de ferro, que em muitos aspectos evoca, aquela que o «Papa Doc» fez reinar no Haiti. As suas relações com a Igreja são cada vez mais difíceis uma vez que a hierarquia católica critica frequentemente os excessos do regime.

Apesar dos meios de que o general dispõe para fazer reinar a ordem, periódicas desordens vêm lembrar a existência de uma oposição clandestina nos meios rurais e intelectuais.

estrangeiros e uma política anti-social. O saneamento das finanças no plano interno e externo, o crescimento rápido do produto internacional bruto, cuja taxa ultrapassa os dez por cento por ano, a expansão das

exportações, a alta espectacular das reservas de divisas: tais são os resultados dessa política.

As desigualdades sociais e políticas regionais aprofundaram-se. No essencial é o inverso deste «milagre» que está actualmente em questão. A lata do preço do petróleo atingiu duramente o Brasil e veio fazer sobressair as fraquezas da sua economia com uma dívida externa que ultrapassa já os 15 biliões de dólares.

Nas eleições de 15 de Novembro de 1974, os brasileiros manifestaram o seu descontentamento votando nos candidatos da oposição, o M.D.B. (Movimento Democrático Brasileiro). O Governo teve de aceitar esta derrota, o que fez sem renunciar aos poderes discricionários de que continua a usufruir como os seus predecessores. O general Geisel encetou um processo de «descompressão» tentando liberalizar as instituições. Resta saber se o exército o acompanhará nesta via.

Em Fevereiro de 1975, verificou-se uma vaga de prisões entre os militantes do Movimento Popular Colorado (ilegal), cisão do partido oficial Colorado, que de resto também não foi poupado. Reeleito sem cessar, graças a escrítnios falsados, o general prometeu no entanto uma nova Constituição para 1978.

Gostaria de ceder progressivamente o lugar ao seu filho mais velho, Gustavo, oficial da Força Aérea.

Apesar dos importantes investimentos no domínio das comunicações e da energia, o regime não conseguiu fazer arrancar uma economia, prejudicada por uma agricultura atrasada, uma elevada taxa de natalidade e uma corrupção generalizada.

PERU: O PREÇO DA SOLIDÃO

«Nem capitalista, nem socialista», o regime militar peruano, tenta desde há seis anos definir uma via intermédia original. Desde a reforma agrária promulgada em 1969

até à reforma da empresa e à lei sobre a autogestão de 1974, o regime tem-se esforçado por alterar as estruturas e moldar uma nova sociedade.

A oligarquia tradicional, que exercia o poder de acordo com os grupos financeiros e de comerciantes, e a burguesia industrial nascente tiveram progressivamente de ceder perante uma burocracia militar e ci-

a Venezuela.

Após a nacionalização da «Internacional Petroleum Company», em 1968 e de várias outras sociedades norte-americanas, como a «Cerro de Pasco», verdadeiro estado dentro do Estado, Lima teve de ceder no tocante a indemnizações das sociedades expropriadas, solucionando assim, de uma forma discreta, o litígio com Washington. Os investidores americanos voltaram depois em força para explorar os jazigos de petróleo na região do Amazonas e as minas de cobre do Sul.

Chefe incontestado do regime, o general Juan Velasco Alvarado, que exerce a presidência da República desde 1968, conseguiu até agora ultrapassar sem problemas de maior, os diferendos no seio das forças armadas, embora a luta pela sucessão revista já um carácter agudo. O exercício do poder «de cima para baixo», sem discussões públicas e sem uma verdadeira participação popular, impediu o regime de romper com o relativo isolamento que o caracteriza. Embora os seus adversários, de extrema-direita e de extrema-esquerda não estejam organizados, uma acção concertada não é de excluir. A rebelião da guarda civil e as desordens ocorridas na capital a 5 de Fevereiro são prova disso. A brutal intervenção do exército para reprimir uma banal greve de polícias revela um certo mal-estar e inquietação. Rodeado por regimes com orientações diferentes das suas, os militares peruanos hesitam entre o prosseguimento rigoroso da sua experiência, que valeu ao Peru ser admitido no «club» dos «contestatários» do Terceiro Mundo e uma «consolidação» das aquisições dos seis primeiros anos.

CHILE: UMA INSPIRAÇÃO FASCISTA

O Exército «mais legalista da América Latina» era como se costumava classificar a força militar chilena, qualidade que de facto não ficou provada quando em Setembro de 1973, derrubou Salvador Allende, eleito em Setembro de 1970.

Este golpe militar pôs fim à experiência de unidade popular e ao regime democrático que desde 1932 funcionara sem entraves no Chile.

As estimativas dão como mortas vinte mil pessoas em todo o país, apenas nas poucas semanas que se seguiram ao 11 de Setembro de 1973; actualmente as populações continuam a sofrer diariamente prisões, torturas, deportações.

A Junta que tomou o Poder sob a presidência do general Augusto Pinochet, dissolveu o Parlamento, proibiu todos os partidos políticos mesmo aqueles que tinham aplaudido o golpe.

No Governo, remodelado a 10 de Julho de 1974, todos os

ministérios (incluindo os três económicos passaram a ser chefiados por militares. Também foram nomeados militares para dirigir os organismos públicos para professores nas Universidades e para gerir as raras empresas de Estado que não foram «desnacionalizadas».

A Junta de Santiago definiu uma política de inspiração fascista na maioria dos domínios: supressão de todas as liberdades públicas (direito de associação, de reunião, de expressão, etc.) e dos direitos sindicais (greves, etc.), repressão institucionalizada nas Universidades, iniciou um registo da juventude e estabeleceu uma censura rigorosa. Esta política não só levantou contra si as camadas mais modestas da população, como também suscitou a irritação crescente da grande massa de democratas-cristãos, que no entanto tinham feito o possível pela queda de Allende.

URUGUAI: UM GOLPE DE ESTADO A DOIS TEMPOS

As Forças Armadas, que têm nas suas mãos todas as alavancas de comando político, administrativo e económico do país, tentaram manter para o seu poder uma certa fachada civil, representada por Juan Maria Bordaberry, regularmente eleito para presidente da República desde Dezembro de 1971. O chefe de Estado, após uns momentos de hesitação, aceitou essa «partilha» de responsabilidades, sem dúvida porque o actual programa dos militares é baseado num anticomunismo feroz ao qual este grande latifundiário adere profundamente.

O golpe de Estado militar de 1973 processou-se em dois tempos. No início de Fevereiro, o Exército da terra e a aviação desencadearam uma primeira ofensiva contra o presidente Bordaberry. Obrigaram-no a separar-se de alguns dos seus colaboradores, que acusavam de serem favoráveis aos Tupamaros, guerrilheiros de extrema-esquerda, cujos êxitos nos fins dos anos 60 e princípios da década de 70 tinham feito tremer uma tradicional classe política minada pela corrupção. No entanto, os chefes militares insurrectos apresen-

Continua na pág. 16

Nacional

RENOVAR O COMBATE AO ALCOOLISMO

Citando o dr. Pompeu de Oliveira e Silva, director do centro de António Flores («em Portugal não se tem combatido eficazmente o problema do alcoolismo») e usando a palavra de ordem «ajudando será ajudado», a Sociedade Anti-Alcoólica Portuguesa publicou o n.º 4 do seu boletim, no qual se dá conta da fase actual do combate ao alcoolismo.

O espírito que preside à publicação deste boletim e à actividade, em geral, da Sociedade, vem expresso num pequeno editorial que passamos a

transcrever:

«A nossa Sociedade vai experimentar nova etapa no caminho da luta antialcoólica. novas actividades, novos sócios, novos métodos, planeamento a longo prazo, dinamização voltada para o exterior, contactos oficiais, revisão dos Estatutos, tudo traduzindo uma vontade firme e uma intenção rigorosa de «renovar» e revitalizar toda a estrutura desta nossa organização em que to-

dos estamos, ou devemos estar, empenhados».

O lema é, pois, renovação. Uma renovação que pretende fazer com que o alcoolismo seja eficazmente combatido, o que não tem acontecido. Para isso, segundo as próprias palavras da direcção da Sociedade Anti-Alcoólica Portuguesa é «precisa a colaboração de todos», já que a mesma carece de «auxílios oficiais ou técnicos». Aqui fica o apelo.

Portugal na feira de Moçambique

Portugal vai estar presente na Feira Agrícola, Comercial e Industrial de Moçambique, que se realiza em Lourenço Marques de 30 de Agosto a 14 de Setembro.

Trata-se de uma feira geral de amostras, onde cabem todos os produtos desde os agrícolas aos industriais, desde o artesanato aos serviços e turismo. É o maior certame que se realiza naquele novo país e um dos mais importantes da África Austral.

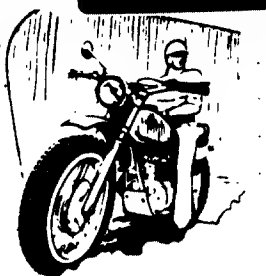
Além disso, deve vir a registar apreciável incremento após a independência de Moçambi-

que, graças à abertura de novos mercados com a Zâmbia e a Tanzânia.

Portugal estará presente através do Fundo de Fomento de Exportação, que ocupará um pavilhão de 360 metros quadrados, no qual serão apresentados os principais produtos exportáveis para aquele potencial mercado. Os exportadores nacionais que desejem participar na exposição deverão entrar em contacto com aquele departamento, na Avenida 5 de Outubro, 101-A, Lisboa-1, ou pelos telefones 777772 ou 777768.

MAIS
UM NÚMERO
DA REVISTA

motor



EXCURSÕES CP

PROGRAMA DA PÁSCOA

CINCO EXCURSÕES ALICIANTE:

• 6.ª FEIRA DE PAIXÃO — BRAGA

PASSEIOS PELO MINHO E BARRAGEM DA CANIÇADA

3 DIAS — MARÇO: 28/29/30

HOTEL EM OFIR ★ ★ ★ ★

Lisboa 1.390\$00 Porto 1.040\$00

• PÁSCOA EM MONTE GORDO

COM JANTAR E «SHOW» NO CASINO

3 DIAS — MARÇO: 29/30/31

2 DIAS — MARÇO: 29/30

HOTEL EM MONTE GORDO ★ ★ ★ ★

Lisboa 1.250\$00 ou 1.625\$00 Porto 1.500\$00 ou 1.875\$00

• «AMENDOAS DO MINHO»...

FESTA NO HOTEL — COZINHA REGIONAL — PAISAGENS DE ALDEIAS PITORESCAS

3 DIAS — MARÇO: 29/30/31

2 DIAS — MARÇO: 29/30

HOTEL EM VILA PRAIA DE ANCORÁ ★ ★

Lisboa 920\$00 ou 1.170\$00 Porto 580\$00 ou 830\$00

• PÁSCOA NA NEVE...

AS IMponentes PAISAGENS DA SERRA DA ESTRELA

3 DIAS — MARÇO: 29/30/31

HOTEL DE TURISMO ★ ★ ★

Lisboa 1.470\$00 Porto 1.410\$00

• PÁSCOA EM MADRID

PASSEIO A NEVE (SERRA DO GUADARRAMA)

PARTIDA: 27 MARÇO (À NOITE)

REGRESSO: 30 MARÇO (DE DIA)

HOTÉIS 1.ª E 2.ª — CENTRO DE MADRID

Preços desde: Lisboa 1.890\$00 Porto 2.040\$00

Peça programas descritivos e informações em:

— Lisboa: Estações de Lisboa-Rossio e St. Apolónia

EGT — Rua do Arsenal, 124

— Porto: Estação de Porto-S. Bento

— Todas as agências de viagens do País

Reservas rápidas: Tel. 367529 (Lisboa) Tel. 57061 (Porto)

Os nossos contratos com a indústria hoteleira permitem-nos ainda oferecer «excursões livres» para casais e familiares para:

• LAGOS

• ARMAÇÃO DE PÉRA

• ALBUFEIRA

• QUARTEIRA

• FARO

• VIANA DO CASTELO

• URGEIRICA

• COVILHÃ

• PENHAS DA SAÚDE

ABATER O GADO PARA EXPLORAR OS CAMPONESES

Herdades de dois mil, de cinco mil hectares. Percorridas por rios, com solares, capelas, casarios, armazéns, silos, picadeiros, praças de touros, muitas vezes mais povoadas do que certas aldeias. Algumas com apeadeiros ferroviários privativos. E ainda cercadas de aramados. Autênticas freguesias autónomas metidas no espaço alentejano.

E um único proprietário: o latifundiário, o grande senhor da terra. Há anos, não muitos (e para isso socorro-me dos mercados quinzenais em Beja), para falar com ele (agrário) só de dorso curvado até aos pés, chapéu na mão, e um «vossa senhoria» na boca, proferida vezes sem conta.

E falo no mercado de gado em Beja, porque nesse dia os grandes cafés «Bejense» e «Luís da Rocha» pertenciam-lhe. E o largo fronteiro, denominado genericamente por «Meia Laranja» era quase seu domínio privativo, por onde os rurais, caseiros, pastores, seareiros, evitavam afoitar-se. Apenas por lá surgiam, de «modos» servís, os feitores



Tentativa frustrada de extermínio de reses pela fome (Quinta do Corona, da Casa Barreiros, Santiago de Cacém, Fevereiro de 1975)

a trazerem notícias sobre o andamento dos negócios nas correduras.

Herdades de dois mil, de cinco mil hectares. Milhares de hectares na posse de trinta ou quarenta cidadãos de um Alentejo povoado por cerca de um milhão de portugueses. Antes coutadas ou campos de exploração. Agora campos de ex-

termínio computado de reses e ovelhas. Por estratégia. Uma estratégia que tratando de gado pretende naturalmente atingir os homens. Numa tentativa desesperada para continuar (por quanto tempo mais?) a exploração do homem pelo homem.

MANUEL GERALDO

OS MILITARES E A POLÍTICA NA AMÉRICA LATINA

Continuação da pág. 15

tavam um plano político que continha vários pontos próximos daqueles, de cariz nacionalista e socializante defendidos pelos seus homólogos peruanos e mesmo... pelos próprios Tupamaros. Os comunistas influentes no Uruguai adoptaram uma atitude ambigua em relação aos oficiais rebeldes. Na Primavera de 1973 assistiu-se a uma vitória da corrente dos militares mais duros, mais hostis à esquerda, mais favoráveis a Washington e a um regime «à brasileira» sobre a corrente «peruana». A 27 de Junho, o presidente Bordaberry, apoiado por uma Junta Militar, pronunciava a dissolução do Parlamento,

proibia os partidos políticos, impunha a censura, reprimia os sindicatos e as universidades. Uma greve geral de protesto, lançada pela Convenção Nacional de Trabalhadores, deveria «durar» quinze dias apesar da repressão violenta.

Desde então, o Governo impôs uma repressão feroz: com quatro a cinco mil prisioneiros políticos e uma sistemática prática da tortura, o regime do Uruguai pode hoje ser considerado como um dos mais brutais da América Latina. Ao mesmo tempo a crise económica é desesperada. A pauperização já atingiu as classes médias; centenas de milhares de uruguaios, tiveram de abandonar o país, devido ao desemprego...

EQUADOR: QUE FAZER DO PETRÓLEO?

As forças armadas do Equador esperaram pacientemente que a «Texaco Gulf» começasse a exportar o petróleo da floresta amazónica, para retomar o Poder ao seu velho inimigo, co vezes eleito para a Presi-

dência da República e quatro vezes destituído.

O Governo a que preside o general Guilherme Rodriguez Lara desde 15 de Fevereiro de 1972 decretou algumas medidas originais.

O Equador que em materia petrolífera se inspirou na Venezuela, entrou em 1974 para a O.P.E.P.; o Estado, tomou seguidamente uma participação de 25 por cento no consórcio americano. Mas diferentemente dos seus vizinhos peruanos, os militares do Equador, que se tinham proclamado «nacionalistas e revolucionários» nunca chegaram a pôr em prática as reformas de estruturas que tinham anunciado. A lei da reforma agrária, emendada em 1974, não oferece esperança nenhuma aos índios dos planaltos. O general Rodriguez Lara renunciou a afrontar os proprietários agrários e começou a adoptar uma política mais flexível em relação às sociedades petrolíferas. A inflação atinge os 30 por cento ao ano; os empregos continuam a rarear para uma população que aumenta 4 por cento por ano e os investimentos estrangeiros continuam limitados.

© «Le Monde»

Folha-de-Flandres para a Roménia

A Siderurgia Nacional vai exportar para a Roménia folha-de-flandres no valor de 3 milhões de dólares. O contrato

foi firmado a semana passada em Bucareste. Os preços acordados foram superiores aos praticados no mercado nacio-

nal. As negociações prevêm a efectivação de novos fornecimentos, além de terem aberto perspectivas de trocas comerciais de outros produtos siderúrgicos.

A encomenda do governo romeno segue-se à que a Bulgária recentemente efectuou a Portugal.

motor

• JOURNAL •

SAI AMANHÃ!
O MUNDO AUTOMÓVEL
SEMANA A SEMANA!

CURSOS

• MECANOGRRAFIA
PERFURAÇÃO/VERIFICAÇÃO
Sistemas: IBM e UNIVAC
Início dos cursos: 7 Fevereiro
Informações e Matrículas no

Externato Continental

APROVADO PELO M.E.C.

Tel. 36 42 72

R. do Arsenal, 100-1.ª

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pela «Tabacaria Canárim», Rua Capão Leão, 10. ALMADA

Entrevista

THIAGO DE MELO, POETA E REVOLUCIONÁRIO:

"MUITO MAIS DIFÍCIL QUE A CHEGADA DA MANHÃ É A CONSTRUÇÃO DO DIA"

Foi «aquele índio» que escreveu isto:

Fica decretado que, a partir deste instante, haverá girassóis em todas as janelas, que os girassóis terão direito a abrir-se dentro da sombra; e que as janelas devem permanecer, o dia inteiro,

abertas para o verde da esperança.

(Artigo 3 de «Estatutos do Homem», de Thiago de Melo)

Foi este índio (índio do Amazonas como nos declarou com voz orgulhosa) que nós ontem fomos descobrir em casa de um amigo, num bairro suburbano de Lisboa, onde se encontra desde há três dias. Rosto de índio, alma de índio, quer dizer: poeta por dentro e por fora. Thiago de Melo é um homem tão livre como os seus «Estatutos da Liberdade» que foram, para muitos de nós, durante a noite fascista, uma espécie de bálsamo tomado às escondidas: uma janela aberta para o verde da esperança.

A VERDADE DO HOMEM

Ontem, antes da conversa com o poeta, lemos mais uma vez os seus «estatutos». E tentávamos vê-lo dentro da obra: real e simples como as suas palavras, isto é, a carne e o espírito do seu original, fundidos num espírito ontológico que ultrapassa todas as caté-

dras. Mas temíamos que o encontro nos desiludisse. Se por detrás dos «Estatutos» se escondesse o intelectualóide, o peralvilho da palavra brilhante e oca, esta entrevista seria uma coisa muito diferente. Nem era preciso tanto: bastava que Thiago de Melo fosse um daqueles poetas de «carapaça córnea» (como alguém disse de Fernando Pessoa) com muito de poesia mas tão pouco de comunicação humana, para que o nosso trabalho caísse na rotina, pergunta cá, pergunta lá e, no fim, apenas um texto bom para burocrata digerir. Mas o Thiago sentou-se «à índio» diante de nós e exclamou: «Companheiros. Aqui estou.» E o diálogo surgiu quase sem querermos. Humano. Sem subjectivismos que fazem da linguagem uma anticomunicação. A verdade do homem, inteira, global.

Esta edição portuguesa da minha antologia (Thiago de Melo falava-nos da sua antologia, que a «Moraes-Editora» vai lançar nos nossos escaparates, intitulada «Canto do Amor Armado» com subtítulo «Horoscoopo para os que estão vivos») eu quis dedicá-la ao povo português, neste instante em que o povo português aprende publicamente a lição da liberdade. E faço dessa dedicatória uma palavra companheira aos que vanguardiam hoje esse processo de transformação de Portugal, palavra essa que leva um pouco da aprendizagem que fiz com a minha vida e com a minha luta: de que é muito difícil chegar a manhã para um povo. Acho que essa manhã chegou para Portugal. Porém, muito mais difícil que a chegada da manhã, é a construção do dia. Es-

num pingar lento de frases chãs (como o índio que memoriza as lendas-verdade de Tihau-nauco ou descreve as sombras mais que humanas das feiticeiras que habitam os igarapés da profunda Amazônia), a extensão da sua existência. De como virou do poeta de tertúlia intelectual, para o poeta do povo que hoje ninguém se nega reconhecer. E fala-nos das suas composições de cancionero:

— Sim. Já há algum tempo que eu trabalho com compositores brasileiros, fazendo trechos de poemas para canções, mas também fazendo composições ao violão, porque acho que a música consegue ser um veículo muito importante, para que a pessoa, através da melodia, guarde a mensagem, «o recado» que você quer dar. Porque memorizar apenas o texto, parece-me, para uma pessoa que não tem iniciação literária, mais difícil do que memorizar com a ajuda da melodia. Exemplifiquemos: em canções para camponeses, em

empregado, um funcionário público, um operário que sabe ler, um homem do campo que sabe ler, possa receber a mensagem de um outro homem comprometido com a luta desses homens. E, de um modo geral, já para a pequena burguesia, para as pessoas da máquina da sociedade de consumo, que escrevamos de molde a repartir uma mensagem de amor que seja captada. Então tens que trabalhar com uma linguagem que não seja apenas a grande linguagem literária, hermética, fechada. O artista, no caso particular do escritor, só tem um problema a meu ver muito difícil: que é o de não prejudicar a qualidade artística, a qualidade estética, para poder dar a mensagem consciencializadora. Ou seja: como não pode haver um divórcio entre o homem e a sua obra, quer dizer, entre aquilo que o homem escreve e aquilo que o homem vive, também não pode haver uma separação entre a qualidade estética e a finalidade ética da obra de um artista, seja ele músico, pintor ou escritor. No caso do escritor, penso que é mais difícil, uma vez que ele trabalha com um material que é usado quotidianamente para uma comunicação trivial de primeira necessidade humana. Assim eu digo «Bom dia» quando acordo. Mas essas simples palavras, gastas, de consumo diário, são a ferramenta obrigatória do escritor, que tem de lhes dar uma forma, não de termos vazios, mas ao ponto de as transformar em palavra-ação. É aí que nós conseguimos chegar aquilo que eu considero a principal missão do escritor de hoje na América Latina e em países em transformação social, o que faz com que entre aqui o momento histórico português.

— Das tuas canções, se te pedissemos para destacares duas, como as mais importantes para essa consciencialização, quais escolherias?

Thiago, sem vacilar:

CANCIONEIRO DO POVO

— «Faz escuro mas eu canto» e «A cantiga de Claridão».

E de novo deixamos emergir de nós os vícios da sociedade de consumo (que só é para aqueles que têm para consumir), ao perguntarmos a Thiago de Melo:

— Pensas que foram essas canções que atingiram um público mais vasto?

Thiago:

— Eu acho que o papel do escritor nessa parte do mundo que a gente chama de «terceiro mundo», uma expressão a meu ver, infeliz, criada pelos donos do mundo, pela força opressora, pela estrutura de dominação dos homens, que separa e divide ferozmente o Mundo, a nossa função, dizia, é de encontrar uma linguagem, encontrar uma forma de comunicação que alcance um número cada vez maior de pessoas. De maneira a que aquilo que nós escrevemos não seja só para uma elite, que não seja só para nós, que lemos, escrevemos. De maneira a que um



Camponesa», «Faz Escuro mas Eu Canto» e «A Canção do Amor Armado».

Thiago de Melo disse-nos que vai ficar muito tempo em

Portugal. E se o convidássemos para dizer em praça pública ao sol livre de um Portugal livre, o seu «Estatutos do Homem»?

SINDICATO NACIONAL DOS TÉCNICOS DE DESENHO

CCT — SECTOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os Técnicos de Desenho do Sector da Construção Civil, para uma reunião Geral de Sócios deste sector a efectuar no próximo dia 5 de Março de 1975 (quarta-feira) pelas 21 horas na sede dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses (junto ao nosso Sindicato) com a seguinte Ordem de Trabalhos:

- 1 — Informações e esclarecimentos sobre CCT — Vertical
- 2 — Decisão sobre a aderência ou não ao CCT — Vertical

Lisboa, 3 de Março de 1975

Pel'A DIRECÇÃO
Victor Santos

APROVEITE AS FÉRIAS DA PÁSCOA

para aprender dactilografia em

APENAS 14 HORAS

- 1 hora por dia
- à hora que mais lhe convier
- todos os dias começam cursos

Visite-nos e informe-se no

CENTRO SIGHT AND SOUND

Rua Filipe Folque, 46-4.º (ao Saldanha)
Telef. 56 16 83 / 57 39 60

BATAS PROFISSIONAIS

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
PARA HOMEM E SENHORA
TINTURARIA GUANABARA — Dep. de confecções
Av. João XXI, 5 D Rua Infancia 16, 55-C LISBOA

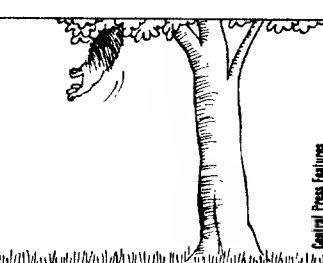
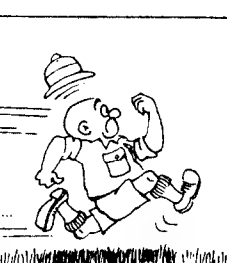
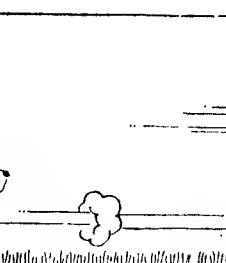
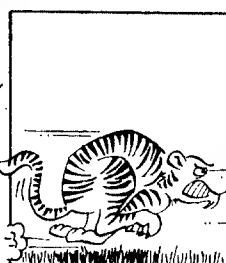
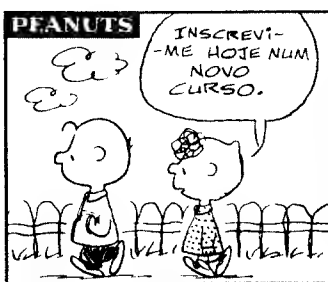
SÉRGIO E MARGARIDA

CABELEIREIROS
ao Saldanha, Av. da República, 5 r/c
precisam
CABELEIREIRAS, TINTUREIRAS e AJUDANTAS





Aspecto do Ngauruhoe, o maior vulcão activo na Nova Zelândia, que fica situado a cerca de trezentos quilómetros da cidade de Auckland. (Telefoto UPI-Telimprensa).



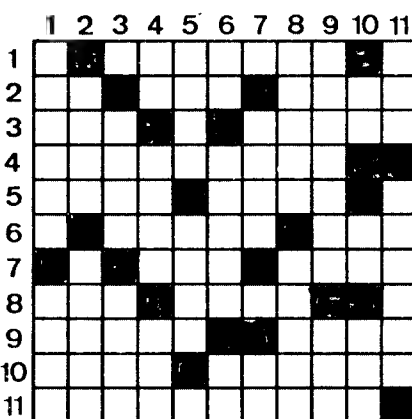
palavras cruzadas

COM PROVÉRBO

PROBLEMA N.º 11024

HORIZONTAIS

- 1 Pisaram
- 2 Basta. Saudável. Vila e concelho do distrito de Évora
- 3 Ica. Irmão de Moisés
- 4 Cidade de Espanha
- 5 Filtrar. Punhados.
- 6 Um dos doze Apóstolos. Enle.
- 7 Naquele lugar. Imperador romano célebre pela sua crueldade
- 8 Familiar. Nome antigo dos governadores árabes de territórios de Espanha
- 9 Nome dado, em filologia oriental, aos comentários ou miscelâneas e às observações que os mestres ditam aos alunos. Freguesia do concelho de Barcelos
- 10 Filão. Relates
- 11 Subiriam ao cume.



VERTICAIS

- 1 Mete em atoleiro. Planta leguminosa
- 2 Grande cão de fila. Sugues o leite materno
- 3 Pronome pessoal. Além disso
- 4 Artigo definido. Cantiga. Primeira parte do nome de uma cidade de Tonquim.
- 5 Irmão de Abel. Mil e cinquenta e seis em romano.
- 6 Preposição e artigo definido. Bailarina cigana, espanhola, já falecida. Em a
- 7 Homem de baixa estatura. Aparência
- 8 Dou massagens a. Rio do Congo francês
- 9 Habitasse. Tempo do verbo ir
- 10 Rádio (s.q). Érbio (s.q). Coisa (ant)
- 11 Pilão. Gravuras a cores

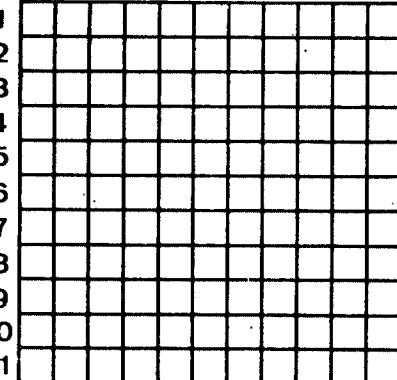
Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7182

HORIZONTAIS

- 1 Artigo definido. Chinela de Cordovão. Artigo indefinido
- 2 Flecha. Rejuvenesce
- 3 Pronome pessoal. Gastaras
- 4 O lado do vento. Pedido
- 5 Desconfiados
- 6 Anuência. Preposição e artigo definido (pl). Centímetro
- 7 Repisar. Apelido
- 8 Cada um dos órgãos laterais laminares de alguns poliquetas, que são cirros modificados. Bato.
- 9 Antiga embarcação de vela e remos. Palácios reais
- 10 Avestrepadoras. Nota musical
- 11 Invulgares. Correia



VERTICAIS

- 1 Termo usado para designar crustáceos, isópodes, do género asellus. Borrifar
- 2 Estampilha. Carimbado
- 3 Pronome pessoal. O mesmo que pipiar
- 4 Ruim. Enviara
- 5 Nome de astro. Duas consoantes desiguais. Campeão
- 6 Do Uruguai
- 7 Aquele que rema
- 8 Substância granulosa hidro-carbonada, que se extrai dos cereais (pl). Caule
- 9 A parte podre da madeira (pl). Esmurrar
- 10 Espécie de formiga (Bras). Cabeça (Fig.)
- 11 Cão de gado. Aversão (pop).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11023

HORIZONTAIS:

- 1 Góis. Axiz.
- 2 Arrel Tirol.
- 3 Sia. Nevam.
- 4 Assem. Rabo.
- 5 Impa. Air.
- 6 Amen. Amanse.
- 7 Lerã. Rand.
- 8 Ne. Cio.
- 9 Atacara.
- 10 Di. Apartara.
- 11 Areias. Amei.

VERTICAIS:

- 1 Gás. Sal. Ada.
- 2 Oriã. MENTIR.
- 3 Irãs. Érea.
- 4 Se. Sina. Cai.
- 5 NEM. Capa.
- 6 Atempar. Ras.
- 7 XIV. Amaçar.
- 8 Irão. ANI. Ta.
- 9 ZOMBANDO. Am.
- 10 Ais. Cré.
- 11 Arredo. Ai.

PROVERBIO: MENTIR, NEM ZOMBANDO.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7181

HORIZONTAIS:

- 1 Estarreja.
- 2 Arreatas.
- 3 Acima. Ido.
- 4 late. Ai.
- 5 Na. Bois. Pré.
- 6 Dr. Urraca.
- 7 Er. Asaras.
- 8 Ien. Assumia.
- 9 Riana. Ala.
- 10 Aoto. Sr.
- 11 Osso. Siso.

VERTICAIS:

- 1 Bandeiras.
- 2 Sa. Arreio.
- 3 Trai. Nato.
- 4 Arcabuz. Nós.
- 5 Reitor. Aa.
- 6 Rameiras. Pó.
- 7 Eta. Sassa.
- 8 Já. Caules.
- 9 Asi. Parma.
- 10 Dar. Ai. SS.
- 11 Amole. Sarro.

OS POVOS QUEREM A REVOLUÇÃO

-COMUNICADO FINAL DA VISITA À CHINA DO PRESIDENTE SAMORA MACHEL

PEQUIM, 4 (ANI) — No termo da visita à China de uma delegação da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo), chefiada pelo seu presidente, Samora Machel, foi distribuído na capital chinesa um comunicado em que se escreve:

«As duas partes manifestaram a esperança de que a actual situação internacional se desenvolva num sentido cada vez mais favorável aos povos revolucionários do Mundo, e desfavorável ao colonialismo e

imperialismo. Os países que rem a independência, as nações que querem a emancipação e os povos que querem a revolução: isto já é uma corrente histórica irreversível. As duas partes verificaram com satisfação que o Terceiro Mundo reforça constantemente a luta comum e desempenha um papel de crescente importância nos assuntos internacionais. Ambas as partes manifestaram o seu firme apoio à justa luta dos povos revolucionários do Mundo.»

Mais adiante, o comunicado prossegue:

«As partes estão seguras de que, estreitando a unidade, aumentando a vigilância, perseverando na luta e apoiando-se nas suas próprias forças, os povos africanos suplantarão todos os obstáculos no seu caminho de luta pela independência e pela libertação de toda a África. Ambas as partes declaram o seu apoio total aos povos de Zimbábue (Rodésia), Namíbia, África do Sul e de outros territórios não independentes nas suas lutas contra o colonialismo, o racismo e pela independência, nacional, a democracia, a justiça e o progresso.

Referindo a posição chinesa, o comunicado acrescenta:

«A parte chinesa considera que a justa luta do povo moçambicano constitui um importante apoio à luta anti-imperialista do povo chinês e de outros povos revolucionários do Mundo.»

E a posição moçambicana:

«A parte moçambicana congratula-se pelos grandes êxitos alcançados pelo povo chinês sob a direcção do presidente Mao Tsé-Tung e do Partido Comunista da China no processo da revolução e da construção socialistas.

«A parte moçambicana exprimiu a sua alta apreciação pelo apoio internacionalista concedido pelo Governo e pelo povo da China à luta do povo moçambicano.

«A parte moçambicana condena firmemente as manobras do imperialismo norte-americano destinadas a manter a ocupação da Formosa, parte integrante do território da China e apoia decididamente a justa luta do povo chinês pela libertação da Formosa.»

O comunicado conjunto termina anunciando que a China e Moçambique estabelecerão relações diplomáticas ao nível de embaixada a partir do dia 25 de Junho. Entretanto, uma delegação do Governo e do Povo Chinês deslocar-se-á a Moçambique para assistir às comemorações da proclamação da independência. Samora Machel encontra-se já em visita à Coreia do Norte.

SINDICATO DOS PROFESSORES

ZONA DA GRANDE LISBOA

PLENÁRIO-REAJUSTAMENTO DE LETRA

Comunica-se a todos os professores da Zona da Grande Lisboa, que o Plenário sobre reajustamento de letra do ensino oficial, se realiza na Feira Internacional de Lisboa, Praça das Indústrias, em Lisboa, na terça-feira, dia 4 de Março, às 21.00 horas.

Para evitar a presença de elementos estranhos à classe solicita-se que cada participante seja portador de um documento que o identifique como professor.

Caso isto não seja possível terá que identificar à entrada o nome e a escola.

ASSINA: A COMISSÃO DIRECTIVA

Lisboa, 3 de Março de 1975

Pel'A COMISSÃO DIRECTIVA

Ludgero Paula Nobre Leote

Nacional

A MORTE DO ESCRITOR
ASSIS ESPERANÇA

Da Casa da Imprensa para o cemitério da Ajuda, efectua-se esta tarde o funeral do escritor António Assis Esperança, falecido ontem na sua residência, à Rua do Passadizo, após uma curta e aparentemente insignificante indisposição.

Assis Esperança, que no próximo dia 27 completaria 83 anos, desenvolveu nos últimos sessenta anos intensa actividade literária, designadamente no campo do romance. Nas suas páginas, por vezes de um lirismo terno, retrata fielmente a sociedade em que viveu, de um ponto de vista crítico. Pela sua sinceridade, concisão e penetrante poder de comunicação, pode considerar-se precursor da linha neo-realista, surgida vinte anos depois.

Amigo inseparável de Ferreira de Castro, Assis Esperança,

pelo seu idealismo vagamente anarquista, era como aquele um homem que lutava pelo pão, pela cultura e pela liberdade de expressão, sem partido, mas fiel a todos os princípios democráticos. Natural de Faro, desde muito novo se viu na necessidade de se transferir para Lisboa, onde começou a ganhar a vida procurando várias profissões, entre as quais a de tipógrafo. Mas é no comércio que acaba por fixar-se, sem contudo abandonar os estudos. Em 1910 tenta o teatro e as artes plásticas, mas não é bem sucedido, acabando por voltar ao romance. Assim, em 1911 publica, a suas expensas, o livro «A Vertigem», que teve algum êxito. Mais tarde seguem-se outros volumes, entre os quais «O Dilúvio», que em 1923 mereceu, «exaequo» com «Páscoa Fe-

liz» de Rodrigues Miguéis, o Prémio Literário da Imprensa. Colabora activamente na imprensa diária e em revistas, sendo um dos fundadores, em 1927, da Sociedade Contemporânea de Autores. «Servidão» é considerado o seu melhor romance, produzido no período dos anos de guerra e que mereceu o Prémio Ricardo Malheiros da Academia das Ciências. Em 1956 foi eleito para a primeira da então criada Sociedade Portuguesa de Escritores. Em 1960, já reformado da actividade comercial, publica «Pão Incerto», outro êxito literário, que obteve o Prémio da Imprensa Cultural. Nos anos de 1968 e 1969 as suas bodas de ouro literárias foram assinaladas com várias manifestações de homenagem.

Assis Esperança deixa viúva a sr.ª D. Leonor Lidon.

Ocupado o Fundo
de Fomento
de Habitação

«Saneamento do presidente do Fundo de Fomento de Habitação» — exigem os trabalhadores que ocuparam as instalações. Foi também suspenso o arquitecto Alves de Sousa, até se concluir o processo de averiguações em curso.

Entre os argumentos invocados para o saneamento do presidente do Fundo de Fomento da Habitação, segundo o comunicado dos trabalhadores, avultam: «Ameaças a trabalhadores que denunciaram situações de privilégio existentes no Fundo de Fomento da Habitação, a par de intimidações directas e individuais; não aceitação da actividade da comissão de trabalhadores, concretamente apelidada de «ilegal»; admissões de funcionários de forma arbitrária e promoção de uma funcionária acusando nítido favoritismo (trata-se da secretária do arq. Sousa de Alves) quando todas as promoções se encontram suspensas.

Sindicato dos Trabalhadores
Electricistas do Sul

ELECTRICISTAS DO COMÉRCIO

Reunião na 4.ª-feira

Convocam-se todos os electricistas empregados no Comércio para uma reunião que se realiza na quarta-feira, **dia 5 de Março, às 20 horas**, na sede do Sindicato, Av. Almirante Reis, 74-G-4.º andar, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

— Integração dos Electricistas no «Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa».

Lisboa, 3 de Março de 1975

A DIRECÇÃO

ANAREC

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE REVENDEDORES
DE COMBUSTÍVEIS

Rua da Palma, 272-1.º — LISBOA-2

COMISSÃO TÉCNICA DE COMBUSTÍVEIS
GASOSOS

- 1 Por Portaria de 3 de Março de 1975 os preços dos gases butano e propano em garrafas de mais de 3 quilos são:

«no estabelecimento do vendedor — 7\$40 por quilo
no local de consumo — 8\$10 por quilo»

- 2 Assim, os preços serão para garrafas de

Quilos	no estabelec. do vendedor	no local de consumo
5,5	40\$70	44\$60
11	81\$40	89\$10
13	96\$20	105\$30
45	333\$00	364\$50
55	407\$00	445\$50
125	925\$00	1.012\$50
190	1.406\$00	1.539\$00

- 3 Em 28/2/75, foi solicitada uma audiência de trabalho ao Senhor Presidente do Conselho de Ministros. Esperamos que nessa audiência se possa analisar a situação decorrente desta Portaria.

- 4 Aos colegas agradecemos a boa colaboração prestada, cuja continuidade solicitamos.

A COMISSÃO TÉCNICA DE COMBUSTÍVEIS
GASOSOS

sociedade comercial e industrial de automóveis

FRANCISCO BATISTA RUSSO & IRMÃO

S. A. R. L,

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCAÇÃO

Nos termos legais e estatutários, são convocados os Senhores accionistas desta Sociedade, para se reunirem em Assembleia Geral Ordinária, na sua sede na Avenida Infante D. Henrique e II Circular-Cabo Ruivo, Lisboa, no dia 25 de Março de 1975, pelas 10 horas e 30 minutos, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º — Discutir, aprovar ou modificar o Balanço e Contas e Relatório da Administração e o Parecer do Conselho Fiscal, relativos ao exercício de 1974.

2. — Preenchimento, por eleição, de cargos vagos no Conselho Fiscal.

3.º — Tratar de qualquer outro assunto de interesse para a Sociedade.

Lisboa, 28 de Fevereiro de 1975.

O Secretário da Assembleia Geral
a) Armando Borges Ferreira Carneiro

TEOR — CENTRO DE ESTUDOS E ORGANIZAÇÃO
CIENTÍFICA DO TRABALHO, S. A. R. L.

Capital : 4.570.000\$00

Av. Casal Ribeiro, 18-1.º e 2.º — Lisboa

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Nos termos da lei e dos estatutos, são convocados os Srs. Accionistas para se reunirem em assembleia geral ordinária, pelas 21 horas, do dia 31 de Março de 1975, na sede social, com a seguinte

Ordem de Trabalhos

— Apreciação e votação do relatório e contas do Conselho de Administração e do parecer do Conselho Fiscal respeitantes ao exercício de 1974.

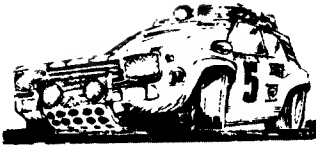
Lisboa, 1 de Março de 1975

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
António Firmino Branco Rodrigues

À VENDA EM TODO O PAÍS
MAIS UM NÚMERO

DE

motor



Exposição de Minicomputadores

CONVITE

O Departamento de Informática da Soc. de Representações Sida-Sueca, limitada, convida V. Ex.ª a assistir à exposição dos Minicomputadores ADLER TA.10 nas suas novas instalações, Arruamentos da Matinha — Rua N.º 2 (Poço do Bispo, Lisboa-6), nos dias 5, 6 e 7 de Março das 17 às 22 horas e dia 8 das 15 às 19 horas.

Desporto

O BENFICA NA HOLANDA

SIMÕES VAI SER TROCADO POR UM BRASILEIRO

Soube-o durante a viagem: a partir da próxima época, o Benfica vai dizer não a uma velha tradição e aceitar nos seus quadros de futebolistas profissionais, jogadores brasileiros: a notícia chegou-me assim mesmo e recheada de pormenor; o primeiro jogador a ser contratado pelo clube da Luz será Eneias, um «cara» da Portuguesa de S. Paulo, a turma que agora é treinada pelo homem que, há um bom par de anos, transformou radicalmente as estruturas do futebol benfiquista: Otto Glória. Do contrato faz parte a ida de António Simões para o Brasil, onde (segundo ele) actuará durante duas épocas para depois se radicar em terras de Santa Cruz. Ao que deduzi, tudo estará já combinado com a direcção do Benfica, que lhe proporciona uma festa de despedida no Estádio da Luz, com uma certa e determinada receita garantida. Deste modo, um dos candidatos da U. C. D. C. às eleições de 12 de Abril, estará já de malas aviadas, rumo ao Brasil.

Aliás, nem só o Simões vai abandonar o Benfica no final desta época: ao que fiquei a saber (ainda e sempre durante a viagem), muitos outros sairão da Luz no final dos seus contratos: os naturais de Angola e Moçambique regressarão às suas terras, enquanto outros (uns quatro, pelo menos) têm em mente seguir o exemplo de Simões: ir para o Brasil, onde já iniciaram um empate de capital de certa importância. E tudo isto porquê? Porque segundo o director do Departamento de Futebol, Feenando Neves, o clube vai mesmo estabelecer um máximo de 20 profissionais a partir já da próxima época;

muitos jogadores irão ser dispensados, cedidos a outros clubes sem complicações de «cartas» de desobrigação.

Ainda a respeito desta transformação na vida do grande clube: o dr. Borges Coutinho, que me confirmou aceitar a recondução no cargo de presidente, está disposto a pôr ponto final no profissionalismo mascarado de todas as modalidades que o clube pratica: o hóquei em patins foi o ponto de partida, seguindo-se o andebol, o basquetebol e assim por diante. O Benfica virá a ser, num futuro muito próximo, um clube eclético sim, mas inteiramente dedicado ao amadorismo



A equipa do P. S. V., recepcionista do Benfica na Holanda

mo (excepto o futebol, claro); quem quiser representar o Benfica (ainda é a palavra do dr. Borges Coutinho) terá apenas um subsídio mensal de mil escudos, para os transportes...

VIAGEM

Foi durante a viagem que soube disto tudo: lugar estrategicamente escolhido no avião, proporcionou-me escutar todas estas novidades, que poderão constituir «caxa» absoluta no nosso jornal. Mas, durante as duas horas e tal de voo, soube muito mais: soube, por exemplo, que por motivos políticos facilmente compreensíveis em função das notícias que hoje

mesmo os jornais de Lisboa e Porto publicarão, há uma grande divergência (há litígio, inclusive) entre Simões e Artur Jorge: segundo me foi dado saber, durante uma das últimas reuniões do Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol, António Simões viu, debaixo do seu bloco de notas, um exemplar do «Avante»; não terá gostado da brincadeira e levou o caso para agressão ideológica.



Humberto: uma certeza

Daí o desentendimento, o litígio, a zanga...

José Henrique foi até mais longe: ratificou declarações anteriores, denunciando «grupinhos» que se formaram e que (naturalmente) prejudicam o rendimento da equipa. Só com muita humildade (conforme aconteceu em Guimarães) a turma pode ir levando de vencida os seus adversários, tanto a

nível nacional como internacional.

É notória a falta de união que reina no conjunto encarnado: em vez da «família unida» que tivemos ocasião de ver em digressões anteriores, reina agora, efectivamente, a divisão, o grupo, a fala ao ouvido... Pessoalmente ouvi das boas durante a viagem: apenas porque é convicção dos jogadores «encarnados» que o «DL» é um órgão do Partido Comunista...

BASTIDORES

Mas vamos ao tema principal desta reportagem: o jogo que o Benfica terá de cumprir amanhã para a Taça dos Vencedores das Taças. A comitiva «encarnada» (com muitos adeptos acompanhantes), chegou ao hotel cerca das 22 horas. Numa rápida análise ao estabelecimento hoteleiro, posso dizer queo Cocagne é realmente o mais importante desta cidade: o único que tem bar, o único que é frequentado por «inocentes» raparigas. Ontem, algumas horas depois de ter chegado ao meu destino, desci as

Por NEVES DE SOUSA nosso enviado especial

escadas de acesso ao bar e contei 32 jovens ansiosas de verem (de perto) os «ases» vindos de Portugal. Só eu e alguns camaradas tivemos ocasião de presenciar essas presenças, porquanto os jogadores foram logo para os quartos, recuperar da viagem.

Os jogadores foram para os quartos, mas os dirigentes (e alguns jornalistas) foram (fomos) a uma «boite» espreitar ambiente: o Femina abriu-nos as portas para presenciarmos um espectáculo de «streap-tease» de baixo nível. Na verdade saímos desiludidos da sala escura...

ARTUR AGOSTINHO

Surpresa para todos: Artur Agostinho integrou-se na comitiva e teve ocasião de contar a quem quis ouvir tudo quanto se passou em Caxias durante

Continua na pág. 21

BASQUETEBOL

O BENFICA CONTINUA INVICTO

Está concluída a 12.ª jornada do «nacional» de basquetebol, que forneceu os seguintes

desfechos: Algés-Sangalhos, 47-54, Sporting-Académico, 94-74, Porto-Académica, 94-61, Conimbricense-Belenenses, 79-56 e Cuf-Benfica, 57-91.

Nesta ronda registou-se a 5.ª derrota consecutiva da turma do Algés que, tal como se havia previsto, não conseguiu levar de vencida a moralizada turma do Sangalhos. O Sporting, com certa margem, venceu bem o Académico, o que se pode considerar um resultado normal, tal como sucedeu em relação ao despique do pavilhão das Antas. Ao perder em Coimbra o Belenenses viu ameaçada a sua posição, sendo agora um dos sérios candidatos à despromoção. A vitória do Benfica é normal.

Depois desta jornada, a classificação está ordenada como segue:

Entretanto, o F. C. Porto confirmou o seu protesto referente ao encontro que disputou (e perdeu) com o Sangalhos. Será o jogo repetido?

TOTOBOLA O NOSSO PALPITE

Penafiel - Paços Ferreira	1
Fafe - Régua	X
Famalicão - Riopele	1
Sanjoanense - Feirense	1
Chaves - Lourosa	1
Gil Vicente - Berra-Mar	X
Alba - Salgueiros	1
Portimonense - Estoril	X
Torriense - Sesimbra	1
Juventude - Lusitano	1
Torres Novas - Peniche	X
Marinhense - Barreiren	2
Sintrense - Cova Piedade	X

NOVO JORNAL DESPORTIVO

Saiu no domingo no Porto, mais um jornal desportivo, cuja orientação, visará, sobretudo, pormenores do interesse do desporto nacional.

O director do novo semanário desportivo será o nosso camarada Marques Pinto, chefe da secção desportiva de «O Primeiro de Janeiro» e nele colaborarão como jornalistas societários, camaradas ligados aos tees diários portugueses. Além disso muitos outros elementos de reconhecido valor desportivo, colaborarão com texto no novo jornal, que sairá nas manhãs de domingo.

O novo semanário designa-se «Jornal do Desporto» e a iniciativa da sua saída deve-se exclusivamente a um número de jornalistas profissionais, todos sócios da empresa proprietária do jornal.

PHILIPS • faz parte da sua vida

O BENFICA NA HOLANDA



Eusébio e Pavic: dois trunfos para derrotar o P.S.V.

Lá fora

MARINHO

O defesa esquerdo Francisco das Chagas «Marinho», da equipa de futebol do «Botafogo» do Rio de Janeiro, deslocou-se na próxima sexta-feira à Alemanha Federal onde assistirá a um jogo entre as equipas do Bayern de Munique e do Schalke, a contar para o campeonato alemão de futebol — afirma-se no Rio de Janeiro.

Nos meios desportivos cariocas assinala-se que a viagem de «Marinho», considerado como o melhor defesa esquerdo durante o último Campeonato Mundial de Futebol, será o primeiro passo para a sua transferência para a Alemanha, onde o Schalke já ofereceu ao «Botafogo» a soma de 4.500.000 cruzeiros (aproximadamente 15 200 contos) pelo seu passe.

BOX

Não se deslocará aos Estados Unidos, para defrontar Cassius Clay, como tinha previsto, o pugilista argentino dos «pesados» Óscar «Ringo» Bonavena, Quinto no «Ranking» mundial.

Bonavena, que pensava deslocar-se à América do Norte para negociar um combate com Ken Norton e outro com Cassius Clay, não foi autorizado a sair do país pelo Banco Central, enquanto não devolver o excedente dos dólares que adquiriu para uma anterior viagem aos Estados Unidos.

MÁSCARA

A «Pravda» revela que foi instaurado um processo contra alguns responsáveis políticos da cidade ucraniana de Cherkassy por terem gasto dezenas de milhares de rublos a financiar uma equipa de futebol em moldes profissionais para, atra-

vés dela, alcançarem popularidade e prestígio.

Segundo foi apurado pelo inquérito em curso, os responsáveis pelas actividades desportivas recrutaram jogadores e um treinador de outra região para reforçarem a equipa local, cujos resultados eram desanimadores.

Como não existe futebol profissional na União Soviética, os jogadores tinham empregos fictícios onde nunca punham os pés e viviam à custa da comissão desportiva instalada dos melhores hotéis.

A equipa de Cherkassy começou então a obter bons resultados e a subir na classificação geral, mas a situação irregular dos jogadores chegou ao conhecimento do Comité Central do Partido Comunista da Ucrânia, que decidiu intervir, demitindo o principal responsável da comissão desportiva e movendo um processo por uso indevido de fundos públicos a todos os funcionários envolvidos no caso.

CENTENA

O futebolista do Bolonha, Giuseppe Savoldi, marcou, ontem de «penalty», o seu 100.º golo, dia em que fez 250 jogos numa carreira que vai em dez épocas.

Savoldi, autor de 13 tentos na temporada em curso, tem 28 anos e alinha pelo Bolonha desde 1968.

«RECORD»

A recente jornada do Campeonato de futebol da Alemanha Federal atraiu às bilheteiras 270 000 espectadores — uma média de trinta mil por cada um dos nove jogos e um novo «record» de assistência.

O «record» batido — 166.000 — registou-se na semana anterior.

Continuação da pág. 20

o tempo em que esteve detido. A todos disse da injustiça de que foi vítima, injustiça que (ainda atinge igualmente um conhecido nome do desporto automóvel: Américo Nunes. Segundo me disse Artur Agostinho, a história de Américo Nunes resume-se a um contacto havido há 12 anos entre o conhecido volante e o não menos (tristemente) conhecido Rosa Casaco, para ser conseguido um passaporte. Artur Agostinho lamenta-se por ter sido uma das vítimas inocentes deste processo que está a transformar (para melhor) este País.

Estava previsto que o dr. Osvaldo Branco fizesse também a viagem, embora a nível particular: à última hora não pode apresentar-se no aeroporto, tendo ficado em Lisboa.

DOENTES

Na comitiva oficial (jogadores, dirigentes, jornalistas e reporteres) há a lamentar (apenas) duas baixas: do locutor Romeu Correia da Emissora Nacional que está afónico e do jornalista de «A Bla» Santos jneves fortemente engravado. De resto, tudo bem para o jogo que está a entusiasmar toda a Holanda e não apenas esta cidade filha da Philips.

TREINO

Os jornalistas que vieram à Holanda são hoje hóspedes da Philips: excelentemente conduzidos pelo administrador-delegado da Philips em Portugal, Luís Araújo, os jornalistas e dirigentes do Benfica vão visitar as instalações da grande empresa, estando marcado para as 18 horas o treino dos jogadores da Luz. Nessa altura todos teremos ocasião de verificar a eficiência da iluminação artificial, que (dizem) é uma das melhores, senão a melhor da Europa.

Caso curioso: Nuno Ferrari, o bom amigo das fotografias

espectaculares, faz uma vez mais parte da comitiva oficial do clube da Luz, figurando como dirigente. Estranho, mas verdade!

reportagem
patrocinada
pela
PHILIPS

ÁRBITROS DE ANDEBOL CONTRA A ASSOCIAÇÃO

Em virtude das (quase) constantes alterações que a Associação de Andebol de Lisboa tem vindo a fazer quanto a horas e locais de jogos, o que é feito quase em cima da hora, têm-se verificado algumas anomalias graves, como sejam a falta de árbitros e cronometristas. Para que tal não continue a acontecer, a Comissão Central de Árbitros de Andebol enviou à Associação o seguinte ofício:

«Para os efeitos que tiver por convenientes, cumpre-nos informar que, dada a circunstância de actualmente se encontrarem unicamente dois dirigentes em actividade nesta Comissão Central, portanto como é óbvio, asoberbados com enorme quantidade de assuntos a tratar, torna-se indispensável, que V. Ex.ª tome as necessárias providências, no sentido de que seja fornecido a esta C.C. com uma antecedência nunca inferior a 10 dias, as datas, horas e locais da realização dos respectivos jogos de campeonato e torneios levados a efeito por essa Associação, a fim de haver o tempo necessário para se fazerem as respectivas nomeações dos árbitros.

«Devemos esclarecer V. Ex.ª que as aludidas nomeações são feitas impreterivelmente todas as quintas-feiras, para os 10 dias posteriores ao dia marcado para a nomeação dos árbitros.

«Informamos ainda, que, qualquer alteração, nomeada-

VOLTA AO LEVANTE:

JOSÉ MARTINS FOI TERCEIRO

Jesus Manzaneque foi o vencedor da primeira etapa da Volta ao Levante, disputada em contra-relógio individual, com o tempo de 4 minutos e 55 segundos. A um segundo de diferença classificou-se outro espanhol, Viejo.

Nesta prova participaram também os portugueses do Benfica e da Coelima, cujas classificações foram: em 3.º, José Martins, com mais 2 se-

gundos que Manzaneque. Classificações dos portugueses:

14.º, Venceslau Fernandes, 5,13; 15.º, João Sampaio, 5,14; 20.º, Rodrigues, 5,18; 25.º, José Madeira, 5,22; 27.º, Fernando Mendes, 5,24; 33.º, Manuel Coelho, mesmo tempo; 38.º, Joaquim Leite, 5,31; 43.º, António Martins, 5,38; 44.º, Américo Silva, 5,40; 54.º, Joaquim Andrade, 7,29.



JACINTO JOÃO

MUDANÇA DE ARES EM PERSPECTIVA

O sadino Jacinto João está a um passo de mudar de clube. Na realidade, o empresário Guimarães, apresentou uma proposta que pode levar o popular J. J. até terras brasileiras, onde a Portuguesa de São Paulo o veria com bons olhos. As verbas incluídas no possível transferência são: 300 contos para o Vitória, 200 para o jogador. Será que dentro em breve Jacinto João vai viajar? Será mais uma etapa na vida dum futebolista de categoria.

HOQUEI EM PATINS

APROXIMA-SE O NACIONAL

Na sede da Federação Portuguesa de Patinagem, realizou-se o sorteio do campeonato nacional (fase zonas), que principia no próximo dia 10. O calendário para a primeira jornada está assim estabelecido: Zona Norte — Beira-Mar-Carvalhos, F. C. Porto-Valongo; Sanjoanense-Académico, Infante de Sagres-Académica de Espinho e Riba d'Ave-Fânzer; Zona Sul — Sintra-Casca; Campo de Ourique-Benfica; lesiana-Paço de Arcos, Pa de-Cuf, e Oeiras-Sporting.

Os jogos disputam-se em cinco dos clubes visitados: todas as segundas e sextas-feiras, a partir das 22 horas, estando o preço dos bilhetes estabelecido em 20 escudos.

PHILIPS • faz parte da sua vida

Geral

A CULPA É DE MARX ?

Continuação da pág. 3

período que vai de 1918-1922 e o período estalinista.

...AO TERROR ESTALINISTA

O «parti pris» ideológico de Soljenitsyne é evidente e oculta a realidade histórica. É por isso que ele se recusa a encarar o carácter radicalmente diferente do «terror vermelho» e do terror estalinista. O primeiro teria feito, segundo os mais exagerados e ferozes adversários do poder soviético, 150 000 mortos. (A este respeito lembremo-nos apenas da semana sangrenta da Comuna, de 21 a 28 de Maio de 1871, na qual as tropas reaccionárias de Mac-Mahon fizeram mais de 30 000 mortos). A repressão em massa dos anos 30 a 50 fez milhões de vítimas. Contrariamente ao que diz Soljenitsyne, foram os comunistas os primeiros — e os mais — tocados a partir de 1935. Perto de 500 000 — três quartos dos membros do comité central, na maioria secretários de célula — foram fuzilados ou deportados porque se opunham à política de Estaline.

O terror estalinista foi dirigido contra o povo. Não correspondia a nenhuma necessidade revolucionária. Pelo seu fim, métodos e amplitude opunha-se ao interesse do comunismo, de que foi um acidente, fruto de uma história determinada, de certas circunstâncias, de certas formas políticas e de um certo tipo de Estado.

Não são os factos evocados por Soljenitsyne que estão em causa, mas a explicação que fornece e a conclusão que deles tira. Para ele, toda a história da U.R.S.S. se confunde com a repressão em massa. Odeia o comunismo e os comunistas a um ponto tal que o faz perder de vista o desenvolvimento económico e cultural da União Soviética. As perseguições de que foi alvo não podem justificar uma atitude que o impede de analisar seriamente as contradições do fenómeno estalinista. Por essa razão, nem sequer refere ao XX Congresso do Partido Comunista da U.R.S.S., que o estalinismo criticou e permitiu terminar com repressão de massa dos anos precedentes. Sem afirmar que tudo seja perfeito, é impossível comparar a U.R.S.S. de 1953 à de 1975.

No jornal «Le Figaro» de 23 de Novembro, Thierry Maulnier constatava: «Alexandre Soljenitsyne afirmou-se como adversário mais resolutivo, mais audacioso, mais irredutível do regime soviético e, para além dele, do regime de socialismo doutrinar, posto em causa numa contestação radical...». Não seria possível dizer mais nem melhor... Para Soljenitsyne é efectivamente o socialismo o responsável pela existência do Goulag. Os culpados são Marx, Lenine, o «Manifesto Comunista», a filosofia marxista, a revolução, inclusive «todas as revoluções da história».

Citemos esta passagem do «Goulag» que permite facilmente apreender a ideologia do autor: «Quanto à justificação teórica, na lufa-lufa destes anos, não teria conseguido construir-se com tanta segurança, se não tivesse começado a fazê-lo no século passado. As investigações de Engels tinham estabelecido que não era com o nascimento da ideia moral que o homem tinha começado, nem com o pensamento, mas com o trabalho fortuito e despido de sentido; um macaco agarra uma pedra com a mão e tudo começou. Marx, por seu lado, tratando uma época mais próxima (Crítica ao Programa de Gotha)

considerando-o com a mesma segurança o trabalho produtivo o único meio de reabilitação dos criminosos (na verdade de direito comum; não lhe ocorreria a ideia de que os seus discípulos tomariam os políticos por criminosos), e não reflexão solitária, nem auto-aprofundamento moral, nem o arrependimento, nem a angústia (que não passam de superestruturas). Eie próprio nunca na sua vida pegou numa picareta, nem extraiu carvão de uma mina, ou cortou lenha, limitou-se a deitar tudo isto no papel e este não protestou».

Esta longa citação mostra mais do que um longo artigo a ideologia retrógrada de Soljenitsyne. Piotr Rawicz, em artigo publicado no jornal «Le Monde» (artigo puramente elogioso), reconhecia que «este segundo volume não deixaria

de chocar grande número de intelectuais ocidentais pois ataca valores que parecem sagrados para Marx ou para o socialismo, etc.». Sem dúvida, e não porque Marx seja «sagrado», mas porque a nossa experiência histórica e o rigor científico nos levam a rejeitar a utilização unilateral e negativa de factos reais e a confusão entre as causas primeiras e as causas secundárias. A Inquisição não é consequência directa da fé em Deus e Cristo não me parece que possa ser responsabilizado por ela. A argumentação de Soljenitsyne, sejam quais forem as suas qualidades literárias, não me parece nem mais digna de crédito nem mais profunda do que a dos seus predecessores.

© «Le Monde»

CONSULTE A TABELA ANTES DE COMPRAR FRUTA

A fim de contribuir para o combate às manobras especulativas susceptíveis de serem praticadas no circuito comercial e por incumbência da Secretaria de Estado de Abastecimento e Preços, vai a Junta Nacional das Frutas promover a divulgação regular de uma

tabela de cotações de fruta e produtos hortícolas, obtida no Mercado Abastecedor de Frutas de Lisboa.

A primeira dessas tabelas contém as seguintes indicações de preços, colhidas no Mercado Abastecedor de Frutas, no passado dia 25:

PRODUTO	PREÇOS/Kg.		OFERTA
	Mais frequente	Máximo	
Ananás de S. Miguel	30\$00	-	I
Laranja "Baía"	7\$00/ 9\$00	12\$00	A
" vulgar	5\$00/ 6\$00	7\$00	R
Limões	12\$00	13\$00	R
Maças "Bravo Esmolfe"	13\$00/15\$00	22\$00	R
" "Golden"	10\$00/12\$00	15\$00	A
" "Reineta"	12\$00/14\$00	20\$00	R
" "Starking"	12\$00/13\$00	17\$00	R
Pera "Passe Crassane"	18\$00/20\$00	22\$00	I
" "Rocha"	18\$00/20\$00	22\$00	I
Tangerinas	13\$00/15\$00	18\$00	I
Uvas "Cardinal"	18\$00/20\$00	-	R
" "Rosaki"	20\$00/22\$00	-	R
Alhos	22\$00	24\$00	R
Batata "Desirée"	3\$80	-	R
" Branca	3\$50/ 3\$60	-	R
Cebola nacional	8\$00	-	R

As iniciais relativas à Oferta, significam: A) — Abundante; R) — Regular e I) — Insuficiente. Os preços indicados na tabela são praticados por grosso no referido mercado, podendo sobre eles incidir, na venda ao público, uma margem de comercialização que, com excepção da batata, poderá ir até 30 por cento

O TEMPO QUE VAI FAZER

É a seguinte a evolução provável das condições do tempo, segundo o Boletim Meteorológico para a Agricultura:

Até 15, núcleos de altas pressões, localizados a sul dos Açores, que se estenderão por vezes em crista para o Mediterrâneo Ocidental, e depressões com sistemas frontais associados, que se deslocarão do Atlântico para a Europa, condicionarão o estado do tempo em Portugal Continental.

Entretanto, eis a antevisão

das condições meteorológicas médias no Continente até dia 15:

Céu muito nublado, alternando com boas aberturas; períodos de chuva e aguaceiros mais frequentes nas regiões a norte do Tejo, e nos períodos de 1 a 4 e de 8 a 12; neblina ou nevoeiro nos vales e terras baixas; vento fraco ou moderado do quadrante oeste; temperatura média do ar próxima dos valores normais da época.

LEIA ÀS QUARTAS-FEIRAS



O JORNAL

motor

"TRABALHAR AS TERRAS SUBAPROVEITADAS"

-sugere o Sindicato Agrícola de Évora

ÉVORA — Mais de três mil trabalhadores agrícolas do distrito de Évora reuniram-se nos Pavilhões da Junta Nacional dos Produtos Pecuários, para discutirem e aprovarem os estatutos do Sindicato Agrícola e eleger a respectiva comissão directiva.

Foi indicado aos trabalhadores que, onde existissem propriedades incultas, deveriam tomar a iniciativa de as trabalhar, utilizando, para isso, os meios que nelas encontrassem. Quanto a despedimentos, foi resolvido que os trabalhadores não os devem aceitar sem justa causa e enquanto houver trabalhos para realizar.

A assembleia foi ainda informada, que neste momento, cinco câmaras do distrito (Redondo, Reguengos de Monsaraz, Alandroal, Estremoz e Mourão) gastam centenas de contos com salários para os trabalhadores, sem proveito para a economia nacional, enquanto os campos continuam a não ser aproveitados.

Foi decidido que o sindicato adira à Intersindical e que continue a mesma direcção

por mais de 120 dias, até à promulgação da Lei Sindical.

ASSEMBLEIA EM PORTALEGRE

Vale Baleia, Monte da Vinha, Mouchão, D. João e Arávia são algumas das herdades subaproveitadas na freguesia da Casa Branca, distrito de Portalegre, afirmaram os trabalhadores rurais, no decorrer da Assembleia do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas do Distrito de Portalegre, que se efectuou no pavilhão gimno desportivo desta cidade.

Presidiu à sessão o governador civil do distrito, dr. Florindo da Madeira acompanhado pelo delegado do I.N.T.P., dr. Elísio Carmona e um representante do M.F.A.

Foram ainda eleitos provisoriamente os novos corpos gerentes do Sindicato Agrícola de Portalegre. Como presidente da Direcção, António João Mendes Serrano, e presidente da Assembleia Geral, Cosme Correia Navalha.

BARS BOITES

NINA — Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 34859/365167. a actuar JACKIE LA LOUVE ARTISTA BRASILEIRA: ESPADARTE CLUB — Sesimbra. Discoteca e acidentalmente fado ou música de folclore interm. por clientes e dedicado aos turistas presentes. Encer. domingos. T. 229189

HIPOPOTAMO — Conjunto Hipopótamo. Encerra aos Domingos. Av. António Augusto de Aguiar, 5-A T. 48384.

TAMILA — Marão e s/ conjunto «Matinees» todos os dias. Encerra aos domingos. Av. Duque de Loulé, 69. T. 533117.

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado Varedades internacionais. T. 26461/264526/264596/264621/264946

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
CVP	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P	36 6141	Combóios	32 6222

radio

EMISSORA 1.º Programa
16.00 Noticiário — informação da Bolsa — rádio estudantil
17.00 Música coral
17.20 Temas de educação, por Filipe Reis e Astrid Cohen
18.15 Movimento das Forças Armadas
19.00 Informação de trânsito — temas de crianças, coordenação de Maria da Conceição Lopes
19.30 Jornal da noite
20.30 Que quer ouvir?
21.00 Observação de cinema, por Damas Nunes
21.10 Que quer ouvir? (cont.)
21.45 Arte poética
22.00 Sinal horário — noticiário — a grande música negra, por José Duarte
23.00 Formação política — música variada
23.30 Último jornal

2.º Programa

16.00 Músicos célebres: o maestro Wilhelm Furtwängler
17.05 Curiosidades musicais
17.45 Intercâmbio musical
18.20 Fantasia cigana de Prokofieff
18.30 Música sinfónica
19.30 Jornal da noite
20.30 Gravações históricas
21.00 Música de Chopin
21.30 Música sinfónica
22.00 Recital de trompa, por Adácio Pestana e Maria Helena Matos
22.20 Concerto em ré maior, para 4 violas dedilhadas de Vivaldi
22.30 O gosto pela música, pelo dr. João de Freitas Branco

23.00 Uma oratória de Händel
00.40 Música de câmara
01.00 Fecho

Programa estereofónico — MF 2

21.00 Música ligeira variada
22.00 As grandes sinfonias
23.23 Música de câmara de Mozart
23.48 Os grandes solistas
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda Média

16.00 Noticiário
16.04 Programa C.D.C.
18.00 Noticiário
19.00 Movimento
20.40 Teatro livre
21.03 Terça-feira à noite
21.31 Quando o telefone toca
22.05 Tempo Delta (Imavox)
22.30 Quando o telefone toca
23.07 Novas de alegria
23.30 No Mundo aconteceu
00.05 Alavanca
02.05 A noite é nossa
06.03 Diário rural
07.03 Talismã

Modulação de Frequência

16.00 Noticiário
16.04 Programa C.D.C.
19.05 Em órbita-1
20.30 Boa noite em FM
22.02 Clube à go-go
00.05 Em órbita-2
01.05 Banda sonora Sonipol
02.05 Perspectiva
03.05 Vértice

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado ou encoberto o vento soprava fraco ou moderado de Sudoeste e chovia ou caíam aguaceiros em todo o território.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	10°
P. DOURADAS	0°
COIMBRA	8°
PORTALEGRE	6°
LISBOA	11°
FARO	13°
FUNCHAL	14°

TEMPERATURAS EXTREMAS

Máxima:
MONTE ESTORIL 16,2°

Mínima:
P. DA SAÚDE 2,3°

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	14,2°
Atmosfera	10,5°

MARÉS DE HOJE

PREA-MAR	BAIXA-MAR
8.52 3,4 m	2.06 1,2 m
21.19 3,3 m	14.32 1,5 m

Dia 5

10.00	3,1 m	3.12	1,5 m
22.32	3,2 m	15.42	1,7 m

Dia 6

11.21	3,0 m	4.36	1,7 m
23.51	3,2 m	17.06	1,8 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu muito nublado ou encoberto; vento moderado de Oeste soprando por vezes com rajadas fortes; períodos de chuva passando a aguaceiros; possibilidades de trovoadas isoladas.

AMANHÃ
NASCER AS 8.05
OCASO AS 19.33

DIA 4 DIA 13 DIA 20 DIA 27

radio

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Rádio Voz de Lisboa
Das 06.00 às 10.00 e das 14.30 às 17.00

Rádio Graça
Das 10.00 às 12.00 e das 22.00 às 02.00

Clube Radiofónico de Portugal
Das 12.00 às 14.30 e das 17.00 às 19.30

Rádio Peninsular
Das 19.30 às 22.00

revista motor



farmácias de serviço

LISBOA

TURNO 1-1

ATÉ ÀS 22 HORAS

ALCÁNTERA
Lealdade, R. do Olival, 226 (T. 663441)

ALTO PINA
Eusil, R. Barão de Sabrosa, 104 (T. 841912)

ALVALADE
Libia, Av. da Igreja, 4-B (T. 711681); Ihinde, R. Agostinho Lourenço, 6-B (T. 710331); Aguiar, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (T. 768343/764629)

ANJOS
Intendente, L. Intendente Pina Manique, 50 (T. 47838)

AVENIDAS NOVAS
Cosmos, Av. João Crisóstomo, 44-C (T. 40592)

BAIRRO DA LIBERDADE
Salutar, R. B. 75-A/B (T. 683694)

BAIXA
Unifra, R. da Vitória, 21 (T. 323793)

CAMPOLIDE
Gomes, R. Rodrigo da Fonseca, 101-A (T. 682333)

CAMPO DE OURIQUE
Findor, R. D. Maria Pia, 514 (T. 687949)

PICHELEIRA
Marluz, C. da Picheleira, 140-B (T. 720703/728395)

RESTELO
Higiluz, R. de Pedrouços, 50 (T. 610280)

XABREGAS
Madre de Deus, R. da Margem, 15-B; AO B. do Grilo (T. 382470)

TURNO -2

TODA A NOITE

AJUDA
Lopes Ribeiro, R. do Cruzeiro, 117 (T. 633288)

ALTO PINA
Paiz, R. Abade de Faria, 22-A (T. 723965)

ALTO DE S. JOÃO
Oriente, R. Lopes, 120 (T. 8433881)

AREIRO
Galeno, Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (T. 774920)

ARROIOS
Pancada, R. Rebelo da Silva, 9, à R. Pascoal de Melo (T. 43340)

BAIRRO ALTO
Barreto, R. do Loreto, 24/30 (T. 327284)

BAIRRO DA ENCARNACÃO
Zira, P. Casas Novas, lote 66 (T. 310172)

BENFICA
Marques, E. de Benfica, 648 (T. 700096)

CAMPO DE OURIQUE
Urbano de Freitas, R. Silva Carvalho, 1/9 (T. 662838)

GRAÇA
Silva, C. de Santo André, 16 (T. 862074)

LUMIAR
Alameda, Al. das Linhas de Torres, 201-B (T. 790942)

PENHA DE FRANÇA
Zema, R. General Justiniano Padrel, 21, à C. dos Barbadiños (T. 832580)

SÃO SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Sagres, Av. Luís Bivar, 69 (T. 47213)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miramar, R. Ernesto Silva, 81 (T. 212048)

CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034)

OEIRAS
Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430080)

PAREDE
Aisur, Av. Gago Coutinho, B. das Caixas de Previdência (T. 2472948)

ESTORIL
Marques dos Santos, R. Ferreira J.A., 15 (T. 260116); Ostande, R. de Espinho, 1 (T. 260391)

CASCAIS
Cascais, R. Conde de Montevale, B. Caixas (T. 282807); Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (T. 280141)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, P.D. João I, lote 146, B. Janeiro (T. 932756); Central, Av. Cardoso Lopes, 25 (T. 932210); Igreja, P. da Igreja, 22-A (T. 937740); Jardim, Av. Conde de Oeiras, loja X, 1, Reboleira (T. 938424)

DAMAIA
D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461)

VENDA NOVA
Nova, R. Elias Garcia, 10 (T. 972530)

QUELUZ
André, Av. Elias Garcia, 151 (T. 950043); Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A (T. 951841)

CACÉM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (T. 2942181)

MEM MARTINS
Rodrigues Rato

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (T. 980456)

SINTRA
Marrazes, Vila (T. 2930155)

COLARES
Abreja (T. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137)

ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250)

ALMADA
Macedo Henriques, R. Bernardo Francisco da Costa, lote 1 (T. 271297)

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, E. Nacional, 244-A (T. 2040141)

BARREIRO
Avenida, Av. Alfredo da Silva, 88 (T. 2073212)

COVA DA PIEDADE
Louro

MOITA
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025)

MONTIJO
Moderna, R. Bulhão Pato, 60 (T. 230156)

SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 T. (T. 229028)

SETÚBAL
Normal do Sul, P. do Bocage (T. 22216)

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja (T. 2218580)

PORTO

TURNO 1

ATÉ ÀS 22 HORAS

Campos, Rua Padre Luís Cabral, 943, Foz; Alves Moreira, Avenida Rodrigues de Freitas, 167; Clérigos, Rua dos Clérigos, 36; Cruz, Rua de Costa Cabral, 1082; Maia, Rua do Campo Alegre, 192; Monte dos Burgos, Rua do Monte dos Burgos, 802; Aliança, Rua da Conceição, 2; Botelho, Rua da Alegria, 863; Estácio, Rua de Sá da Bandeira, 120; Guarani, Rua Pedro Hispano, 367; Menezes de Lima, Pr. Dr. Pedro Teotónio Pereira, 227 e Lidador, Rua do Lidador, 171

A PARTIR DAS 22 HORAS

Campos, Rua Padre Luís Cabral, 943, Foz; Alves Moreira, Avenida Rodrigues de Freitas, 167; Clérigos, Rua dos Clérigos, 36; Cruz, Rua de Costa Cabral, 1082; Maia, Rua do Campo Alegre, 192; Monte dos Burgos, Rua do Monte dos Burgos, 802; Aliança, Rua da Conceição, 2 e Alves Moreira, Avenida Rodrigues de Freitas, 167

COIMBRA

Silva Soares, Avenida João das Regras; Vilaça, Rua Ferreira Borges, Cruz e Costa, Rua António de Vasconcelos.

PASSE UM FIM-DE-SEMANA SEM CONTRATEMPOS



QUANDO ACORDAR ESTARÁ NO ALGARVE

SERVIÇO DE CARRUAGENS-CAMAS LISBOA-ALGARVE

Barreiro-V.R. Sto. António: sextas-feiras V.R. Sto. António-Barreiro: domingos

INFORMAÇÕES TELEF. 32.62.26

CP Caminhos de Ferro Portugueses

cinemas

BERNA

T. 776098 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

UM CRIME NO EXPRESSO ORIENTE

Uma obra de Agatha Christie
Um filme de Sidney Lumet

2.ª Semana

APOLO 70

T. 763319 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

Grupo B 10 anos

O MEU TIO

com Jacques Tati
Jean-Pierre Zola

Hoje às 00.15 Grupo D 18 anos

O RENDEZ-VOUS

ROXY

T. 42872 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

DENTISTA NA CAMA

Colorido

Uma farsa, um pouco mais divertida, um pouco mais picaresca!

5.ª semana

PATHE

T. 821933 14.15, 16.30, 18.45, 21.45

Interdito a menores de 18 anos

EVA

Um dos melhores filmes Suecos do Ano

A primeira pedra o abuso da adolescência

ALVALADE

T. 717480 15.30, 18.30, 21.15

Grupo B 10 anos

OS TRÊS MOSQUETEIROS

Os diamantes da rainha

Um por todos! Todos por um!

LIDO

T. 937593 21.30

Não acons. a menores de 13 anos

COM JEITO VAI... DE BACAMARTE À SOLTA

CINESTÚDIO

T. 937593 15.30, 20.30, 22.30

Interdito a menores de 18 anos

OS DIABOS

CARLOS MANUEL - SINTRA

T. 293094 21.15

Interdito a menores de 18 anos

O FURACÃO DE KARATE

D. JOÃO V

T. 971794 21.30

Grupo C 14 anos

OS DOIS INDOMÁVEIS

COIMBRA

GIL VICENTE 21.30 (13 anos) «Jovens e Atravidos»

SOUSA BASTOS 21.30 (18 anos) «Os Revoltados do Canoe»

S. TEOTÔNIO 21.30 (14 anos) «A Solteirona»

AVENIDA 21.30 (18 anos) «Sexo Louco»

TIVOLI 21.30 (18 anos) «O Exorcista»

cinemas

UNIVERSAL

T. 774402 16.30, 22.30

Não acons. a menores de 18 anos

O LEÃO DAS SETE CABEÇAS

de Glauber Rocha

As 14.30, 20.30

ATTICA E TUPAMAROS

As 18.30

Não acons. a menores de 13 anos

ESPOIR (Sierra de Teruel)

RESTELO

T. 610375 21.00

Interdito a menores de 18 anos

DENTISTA NA CAMA

Uma farsa um pouco mais divertida, um pouco mais picaresca!

Amanhã às 21.00

SOFIA E A EDUCAÇÃO SEXUAL

EDEN

T. 320768 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Grupo B 10 anos

OS TRÊS MOSQUETEIROS

OS DIAMANTES DA RAINHA

Technicolor

Panavision

TIVOLI

T. 570595 15.15, 18.30, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

UM CRIME NO EXPRESSO ORIENTE

Uma obra de Agatha Christie

Um filme de Sidney Lumet

2.ª Semana

CASINO ESTORIL

T. 264621 17.00, 21.30

Grupo C 14 anos

CIDADE NO FUNDO DO MAR

ROYAL

T. 865037 15.30, 21.00

Não acons. a menores de 18 anos

O PREÇO DO SILÊNCIO

POLITEAMA

T. 326305 14.15, 16.30, 19.00, 21.30

Interdito a menores de 18 anos

A PRIMA

Com Stefania Casini

ROMA

T. 727778 15.30, 18.30, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

LES VALSEUSES

c/ Gerard Depardien

OXFORD

T. 2865027 16.00, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

PARAÍSO AO SOL

Com Ornella Muti

VOX

T. 720808 14.15, 16.30, 19.00, 21.45

Interdito a menores de 18 anos

VOCE INTERESSA-SE PELA COISA?

19.ª Semana de êxito!

LUMIAR

T. 795296 21.00

Grupo D 18 anos

DESTINOS NAS TREVAS

SATÉLITE

T. 662632 15.30, 18.30, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

IREI COMO UM CAVALO LOUCO

6.ª semana

MUNDIAL

T. 538743 15.15, 18.30, 21.45

Não acons. a menores de 18 anos

TODA UMA VIDA

6.ª Semana de êxito!

CALEIDOSCÓPIO

T. 795093 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

A ESPOSA COMPRADA

de Jan Troell

c/ Gene Hackman, Liv. Ullmann

CONDES

T. 322523 14.00, 16.30, 19.00, 21.45

Interdito a menores de 18 anos

...giríssimo, cruel, encantador, inteligente, erótico e... maldonís-simo!

LES VALSEUSES

AS BAILARINAS

c/ Gerard Depardieu

ODEON

T. 326283 15.15, 18.15, 21.30

Não acons. a menores de 18 anos

OS PECADOS INCONFESSÁVEIS

DE UMA SENHORA BEM

19.ª SEMANA DE SENSACÃO

UM ÊXITO SEMPRE TOTAL

UM FILME DE PAIXÕES NUAS

LONDRES

T. 801313 14, 16.30, 18.45, 21.45

Interdito a menores de 18 anos

INICIAÇÃO CARNAL

Tarde ou cedo toda a gente precisa de ser amada

Com Jack Nicholson e Candice Bergen

8.ª Semana

S. JORGE

T. 54153/4 15.15, 18.15, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

DOMINGO MALDITO DOMINGO!

AVIS

T. 47163 15.30, 18.30, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

SEXO LOUCO

11.ª Semana

CASTIL

T. 530194 15.30, 18.30, 21.15

Grupo D 18 anos

UM AMOR PASSAGEIRO

c/ Romy Schneider

CINEARTE

T. 660446 21.15

Grupo D 18 anos

O AMOR FAZ-ME FOME

ESTÚDIO

T. 555135 14.00, 18.00, 22.00

Interdito a menores de 18 anos

LA MAMAN ET LA PUTAIN



RENASCENÇA GRÁFICA S.A.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO 185 1.º 2.º e 4.º
TELEF. 654.312/3/4
REDAÇÃO E SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321.154.5 320.712/3
RUA DA ROSA 57
END. TEL. DIBOA TELFA 12363
LISBOA PORTUGAL

Serviço Cívico debatido em S. Bento

A discussão do projecto de diploma que criará legalmente o Serviço Cívico Estudantil está hoje prevista para o Conselho de Ministros, reunido desde as 10 horas da manhã. Os problemas do ensino em Portugal têm, deste modo, mobilizado a atenção do Governo nos últimos dias, a tal ponto que deram lugar a uma reunião do plenário do Executivo com a Junta de Salvação Nacional, da qual saiu um comunicado sobre a crise escolar a que no sábado fizemos referência. É provável, aliás, que essa discussão de carácter geral continue na reunião de hoje, tanto mais que o Governo e outros órgãos do poder avisaram que medidas urgentes e firmes seriam tomadas se alunos, pais e professores não assumissem uma atitude construtiva.

Na reunião do Conselho de Ministros de hoje deve ser também apreciado um decreto-lei sobre a reintegração dos funcionários públicos afastados do serviço por motivos políticos. Lembremos que continuam por aprovar alguns diplomas importantes relacionados com a agricultura, no âmbito da reforma agrária prevista no Programa Económico e Social. O atraso na aprovação de tais diplomas é tido, em certos meios, como condicionante perigoso do processo revolucionário.

CONTACTOS DO M. F. A.

Uma vez que o Governo está condicionado em grande parte, pela sua função legislativa, outros órgãos do poder concentram a sua atenção na campanha eleitoral que se avizinha e que, pela sua capacidade mobilizadora, em certo sentido, deixa para segundo lugar outras questões importantes que podem ser entravadas pelas eleições. Os contactos do M. F. A. com os variados partidos políticos têm-se vindo a multi-

plicar ao mesmo tempo que a lei eleitoral continua a ser revista em Conselho de Estado.

A Comissão restrita do Conselho dos Vinte nomeada para consultar e informar as organizações públicas sobre o processo de institucionalização do Movimento antes das eleições reuniu-se ontem, durante quatro horas. Não foi divulgado o conteúdo e resultado da sessão de trabalho, sendo de supor, contudo, que tenha sido feita uma análise dos contactos já estabelecidos com os partidos da coligação e com o C. D. S. F. S. P. M. E. S. U. D. P. P. U. P. A. O. C. e F. E. C. (m-l). Para esta manhã estavam marcadas reuniões com representantes do P. D. C. P. P. M. M. R. P. P. e L. C. I.

Na reunião de ontem participaram o Primeiro-Ministro Vasco Gonçalves o almirante Rosa Coutinho, o ministro Costa Brás, o tenente-coronel Charras, os comandantes Judas e Contreiras, os maiores Canto e Castro e Pereira Pinto e o capitão Vasco Lourenço. É natural que o Primeiro-Ministro não participe nas reuniões de hoje, dado que preside ao Conselho de Ministros na sua residência oficial.

Como se sabe, o resultado destas consultas aos partidos políticos legalizados será presente à próxima reunião da Assembleia de Delegados do M. F. A., a realizar durante este mês em data ainda não conhecida.

CONSELHO DE ESTADO

Estão marcadas para amanhã e depois reuniões do Conselho de Estado, em qualquer dos casos a partir das 15 horas. A ordem de trabalhos comum tem dois pontos: apreciação de mais algumas alterações à lei eleitoral e continuação da discussão do decreto-lei das associações sindicais.

CONTINUA A GREVE NA RÁDIO RENASCENÇA

Os trabalhadores da Rádio Renascença, que há duas semanas se encontram em greve, continuam a receber numerosas manifestações de apoio à luta que os vem opondo ao conselho de gerência, pelo despedimento sem justa causa de 11 camaradas e pelo não reconhecimento dos seus representantes. Numa tentativa de encontrar uma solução para o conflito, o ministro da Comunicação Social teve ontem o seu anunciado encontro com a comissão coordenadora dos trabalhadores da R. R. Presentes, o presidente do Sindicato das Telecomunicações e Radiodifusão e o director-geral da Informação, comandante Montês. À noite, a referida comissão discutiu em assembleia geral dos trabalhadores as decisões a tomar sobre a evolução do processo, as quais serão oportunamente reveladas.

Em ARMAÇÃO DE PÉRA o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA LAMI

O APOIO

Como já anunciámos, o grupo de teatro do Mem-Martins Sport Clube dá amanhã um espectáculo no Centro Social da Tabaqueira, em Albarque, com a apresentação da peça «As Espingardas da Mãe Carrar». Está também marcado para sexta-feira, na Régua, um espectáculo de variedades promovido pelos trabalhadores da Rádio Alto Douro. As receitas apuradas em ambos os espectáculos destinam-se inteiramente ao fundo de greve dos trabalhadores da Rádio Renascença.

Entretanto, na nossa Redacção continuam também a fluir as mensagens de solidariedade e apoio à luta dos trabalhadores da Emissora Católica. Entre elas, salientamos as seguintes: dos trabalhadores da E. F. A. C. E. C., sector comercial do Norte; dos professores da Escola Preparatória Bento Carqueja, de Oliveira de Azeméis; e dos trabalhadores do Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

CANDIDATOS ÀS ELEIÇÕES

Continuação da pág. 1

Manuel Duarte Tavares Ferreira de Lima (P.D.C.), advogado, de 43 anos; Viana do Castelo — António Pereira de Castro Norton de Matos (C.D.S.), engenheiro; Vila Real — António José Borges Mesquita Montes (C.D.S.); Viseu — Carlos Galvão de Melo (ind.), general da Força Aérea, de 58 anos; Funchal — Silvío Fernandes (P.D.C.), comerciante, de 53 anos; Ponta Delgada — António Carreiro Barbosa (P.D.C.), professor do ensino secundário, de 36 anos; Angra do Heroísmo — Rogério da Silva Contente (C.D.S.), professor do ensino secundário, de 34 anos; Horta — Helder Pinheiro Fernandes (C.D.S.), regente agrícola.

Além dos nomes mais destacados do P.D.C. e do C.D.S., as listas da U.C.D.C. — Digo Freitas do Amaral, Adelino Amaro da Costa, major Sanchez Osório — as listas da U.C.D.C. incluem muitos outros nomes conhecidos da vida política, económica e social portuguesa. Entre as «vedetas» conta-se também o antigo internacional do Futebol Clube do Porto Hernâni (da Democracia Cristã) que integra a lista do Porto.

Até agora, a U.C.D.C. é a única coligação eleitoral e foi constituída pelo Partido do Centro Democrático Social (C.D.S.) e pelo Partido da Democracia Cristã.

M. R. P. P.: 70 POR CENTO DE OPERÁRIOS

O Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado (M. R. P. P.) apresentará candidatos em 16 círculos eleitorais, não concorrendo em Portalegre, Évora, Açores e Madeira — segundo revelaram, esta manhã, membros do Comité Central daquele partido, em conferência de imprensa na Associação da Amizade Portugal-China.

Presidiu Arnaldo Matos, secretário-geral do M. R. P. P., vendo-se também na mesa João Machado, Fernando Rosas, Saldanha Sanches e Aurora Rodrigues.

Elementos do sector de ponta do proletariado industrial (Lisnave, O. G. M. A., TAP, Automática Eléctrica, metalúrgicos, Citroen, Mague, etc.) constituem 70 por cento dos candidatos maoístas à Assembleia Nacional Constituinte. Essa percentagem, respeitante ao conjunto do País, encontra os seus pólos em 80 por cento no distrito de Setúbal (máximo) e 40 por cento em Faro (mínimo).

Na lista de Lisboa, num total de 55 candidatos, 30 são operários da grande indústria e à cabeça da lista encontra-se Arnaldo Matos, secretário-geral do partido maoísta. O soldado Etelvino de Jesus, o mecânico dos telefones João Machado, o camponês José Rodrigues Pereira (do Cadaval), o advogado Fernando Rosas, o mecânico de aviões da TAP Carlos Ferreira, o médico Afonso de Albuquerque, o jornalista Almeida Peruchio («Expresso»), a estudante Maria José Morgado, o serralheiro civil da Mical e delegado do Sindicato dos Metalúrgicos Manuel Daniel, o carteiro dos C. T. T. Orlando Esteves, o furriel miliciano José Antunes, o metalúrgico João Reis Antunes, a afinadora de relés, delegada do Sindicato dos Electricistas e membro da Comissão de Trabalhadores da Automática Eléctrica, Beatriz Faria, o serralheiro mecânico da Mague João Ferro Velho, o electricista dos C. T. M. José Bernardo, são outros dos candidatos por Lisboa.

No Porto, Saldanha Sanches, director do «Luta Popular» é o nome principal da lista. Em Setúbal, dos 16 membros da lista, 12 são operários industriais e corticeiros. À cabeça aparece o serralheiro mecânico Francisco Antunes Baptista. No distrito de Santarém, João Morgado de Brito, operário mecânico das O. G. M. A., de 21 anos, aparece em primeiro lugar. Em Castelo Branco, o primeiro nome é o de Alfredo Pereira, mecânico do Canhos.

Em Viana do Castelo, Joaquim Val Lima, tipógrafo, dos candidatos do M. R. P. P.

«Seria mortal pensar que através das eleições, o povo pode conquistar qualquer dos seus mais justos anseios» — assinalou Arnaldo Matos, que repudiou as ilusões eleitoralistas, afirmando no entanto que as massas populares devem exprimir através do voto a sua adesão ao programa da Revolução Democrática e Popular. De qualquer maneira, «não nos move qualquer intenção de obter deputados. Vamos às eleições para desmascarmos o inimigo» — disse o secretário-geral do M. R. P. P., que se referiu ao facto de o poder instituído ter reduzido o prazo da campanha eleitoral. Arnaldo Matos: «O poder viola constantemente as leis que ele próprio elaborou». E mais à frente: «O M. R. P. P. não cairá na teoria da trégua eleitoral. Desmascarará o inimigo em cada acto concreto da sua acção».

Destacando o facto de as listas do M. R. P. P. «apresentam uma base proletária forte», Arnaldo Matos foi peremptório ao afirmar que o seu partido não apoiará nenhum outro nos distritos onde não concorre, visto que «não há outra candidatura da classe operária a não ser a do M. R. P. P.»

U.D.P. NOVE CÍRCULOS

A U.D.P. concorre em nove círculos, sendo a lista de Lisboa encabeçada pelo dr. João Pulido Valente; a do Porto, pelo cantor José Mário Branco; a de Setúbal pelos operários Vladimir Guinot e Eduardo Pires e a de Beja pelo trabalhador agrícola João Mariano.

Não conseguimos, até ao fecho desta edição, apurar outros nomes, mas sabe-se que Afonso Dias, do Grupo de Acção Cultural, está incluído na lista de Lisboa.

F.E.C. (M.L.): 11 DISTRITOS

PORTO — A Frente Eleitoral de Comunistas (marxista-leninista) apresenta candidaturas em onze distritos, segundo foi relevado ontem, durante uma conferência de imprensa na sede do jornal «O Grito do Povo», nesta cidade. Presidiu José Campos, da Comissão Central e candidato da F.E.C. (m-l). Como nota evidente do «mapa eleitoral» da F.E.C. (m-l), salienta-se que dos 11 distritos em que apresenta candidaturas, apenas o de Castelo Branco e o de Vila Real são do interior. Quer isto dizer que a «batalha eleitoral» deste partido vai incidir praticamente no litoral.

Constituída a partir da Organização Comunista Marxista-Leninista Portuguesa («Grito do Povo»), a F.E.C. (m-l) é um dos partidos que se apresentam como vanguarda do proletariado e se reclamam do marxismo-leninismo. As três organizações C.A.R.P. (m-l), C.C.R.M.L. e U.R.M.L. — que criaram a U.D.P. (União Demo-

crática Popular) não conseguiram chegar a uma plataforma de acordo nas eleições com a O.C.M.L.P. («Grito do Povo») que, assim, aparece isolada na campanha eleitoral.

Pode dizer-se que, entre os 193 candidatos apresentados, não há nomes conhecidos do grande público. As listas são assim encabeçadas nos diversos distritos: Aveiro — José Martins, professor, de 24 anos; Braga — Manuel Pinto, operário têxtil, de 27 anos, de Barcelos; Castelo Branco — Pedro Guedes de Carvalho, professor, de 23 anos, da Covilhã; Coimbra — Daniel Ribiero, estudante, de 21 anos, de Coimbra; Faro — António Vicente, desenhador; Funchal — Nilton Sarmiento, funcionário público, de 25 anos, do Funchal; Leiria — Norberto Isaac, operário, de 27 anos, de Famalicão da Nazaré; Lisboa — Joaquim Balhe da Silva, operário, de 33 anos; Porto — José Luís Praça, jornalista de 24 anos; Setúbal — Manuel Raposo, arquitecto, de 26 anos, do Barreiro; Viana do Castelo — Anibal M. da Silva, operário, de 41 anos, de Viana do Castelo; Vila Real — Eurípedes Ferreira, professor da Régua.

Durante a conferência de imprensa, foi ainda revelado que é hoje inaugurada a nova estrita da F.E.C. (m-l), na Rua de S. Brás, 205/7, no Porto.

P. P. M.: DOZE CÍRCULOS PELO MENOS

O Partido Popular Monárquico concorrerá às eleições para a Assembleia Constituinte em, pelo menos, doze distritos: Lisboa, Santarém, Coimbra, Porto, Braga, Viana do Castelo, Vila Real, Bragança, Viseu, Guarda, Castelo Branco e Horta. De acordo com um comunicado do P. P. M., têm surgido dificulda-

des na ultimização dos trabalhos preparatórios das listas em virtude de não existir nenhum telefone na sede do Partido que do facto acusa os T. L. P.

Entretanto, é possível, divulgar já os nomes que encabeçam a maior parte das listas: Lisboa — Augusto Ferreira do Amaral, Rodrigo de Moctezuma, Vitor Quintão Caldeia e Gaspar de Campos; Santarém — Gonçalo Ribeiro Tleles, arquitecto paisagista e actual subsecretário de Estado do Ambiente; Luís Coimbra e Vasco Sequeira Costa; Coimbra — Henrique Barrilero Ruas, Leandro Moraes Sarmiento e coronel Dias da Gama; Braga — Fernando Sá Meneses, Amadeu Sá Meneses, Manuel Barbosa, Artur Norton e Borges de Macedo; Vila Real — António Borges de Carvalho; Bragança — Jorge Portal da Silveira e António Afonso; Viseu — João Vaz Serra e António Pardete da Fonseca; Guarda — Joaquim Crespo de Carvalho, advogado; Castelo Branco — Rolão Preto; Salazar Antunes e Vaz de Carvalho; Horta — Francisco de Bettencourt. Só a lista do Porto foi apresentada na integra durante uma conferência de imprensa realizada ontem naquela cidade. A lista é encabeçada por António Cardoso Moniz, apresentado como ferroviário e advogado. Nomes mais conhecidos da lista: Gonçalo José Soares dos Reis Torgal, professor do Ensino Secundário e o pintor António Sampaio.

As listas completas de todos os distritos serão dadas a conhecer na próxima sexta-feira, durante uma conferência de imprensa marcada às 17 horas no Hotel Diplomático. Sabe-se entretanto, que o jornalista Melo Lapa, chefe de redacção do «Jornal do Comércio», será também candidato pelo Partido Popular Monárquico.

"REACÇÃO NO ENSINO"

«Efectivamente, durante o Governo Popular, a reacção logrou apoderar-se da organização dos estudantes dos liceus contra o Governo, aproveitando-se da falta de amadurecimento político e humano destes companheiros e utilizou-os em provocações, nos momentos em que a luta era mais difícil». Assim falou Eduardo Rojas, da Comissão Central Única de Trabalhadores do Chile, aos jornalistas que com ele se encontraram durante as celebrações do 22.º aniversário da C. U. T. chilena, em Lisboa, pela Intersindical. Acrescentou Rojas: «Por exemplo, um mês antes do «golpe», puseram os estudantes na rua pelo motivo de uma reforma educativa que se estava começando e que foi distorcida pela propaganda reaccionária e utilizada para mobilizar os estudantes dos liceus. Nesta acção muitas vezes coincideram sectores da extrema-esquerda com sectores da extrema-direita. Esta é uma realidade que se passou no nosso país. É uma verdade. Foi uma experiência que vivemos. A reacção utilizava-se muitas vezes de sectores imaturos, como os estudantes dos liceus, para os seus próprios intentos. Para os pôr a defender os seus privilégios, para os pôr a defender o capitalismo. No entanto acreditamos que esses sectores são recuperáveis, porque a vida ensinará a muitos deles que foram enganados pelo fascismo. Hoje, no Chile, eles sofrem também a repressão e aprendem na vida.»

Eduardo Rojas continuou do seguinte modo a sua análise à actuação dos estudantes e à penetração das forças reaccionárias nas escolas do Chile: «No início do Governo Popular, a totalidade das Associações de Estudantes Universitários apoiavam o processo democrático e, ao finalizar o Governo Popular, uma parte das Associações foram tomadas pela reacção, fundamentalmente na base de uma campanha ideológica, utilizando uma série de mentiras, de falsidades. A reacção fez a sua principal ofensiva na detenção e paralisação da reforma universitária, que foi objecto de um ataque permanente em algumas universidades, nas quais existem jovens de uma proveniência de classe mais elevada, da alta burguesia».

Disse o dirigente sindicalista chileno no exílio Eduardo Rojas, a concluir: «Eu diria que nós fizemos um grande esforço por explicar às massas os objectivos do Governo Popular, por difundir as vitórias alcançadas, por explicar que os avanços têm de estar em relação às possibilidades, fazendo ver que não podíamos sacrificar tudo por um futuro que poderia não estar certo, ou seja, que devíamos pôr a realidade como questão principal. Mas a reacção tem muitos mecanismos, muitas possibilidades. Tem mesmo uma grande possibilidade de enganar, conseguindo iludir partes importantes do povo, incluindo sectores de trabalhadores».